

The background of the page is a painting of a savanna landscape. In the center, a herd of elephants is depicted in various poses, some facing left and some right. To the right, a large, thick tree trunk is visible. The foreground is filled with dense, green and yellow foliage. The overall style is impressionistic, with visible brushstrokes and a warm, earthy color palette.

Elefantes, instituições e ciência nas fraturas coloniais

ANA CECÍLIA OLIVEIRA CAMPOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS
HUMANAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

ANA CECÍLIA OLIVEIRA CAMPOS

Elefantes, instituições e ciência nas fraturas coloniais

São Carlos
2024

ANA CECÍLIA OLIVEIRA CAMPOS

Elefantes, instituições e ciência nas fraturas coloniais

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Doutora em Antropologia Social.

Orientadora: Profa. Dra. Anna Catarina Morawska Vianna

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Eliana Santos Junqueira Creado (UFES)

Profa. Dra. Juliana Fausto de Souza Coutinho (UFPR)

Profa. Dra. Rosana Maria Nascimento Castro Silva (UERJ)

Profa. Dra. Mariana Morozesk (UFSCAR)

Suplentes:

Profa. Dra. Viviane Melo de Mendonça (UFSCAR)

Profa. Dra. Maíra Cavalcanti Vale (UFNT)

Figura da capa
Autoria: Lucia Harari
Título: Siempre conduce una matriarca
Ano: 2022
Técnica: Pintura sob tela

Oliveira Campos, Ana Cecília

Elefantes, instituições e ciência nas fraturas coloniais /
Ana Cecília Oliveira Campos -- 2024.
149f.

Tese de Doutorado - Universidade Federal de São Carlos,
campus São Carlos, São Carlos

Orientador (a): Anna Catarina Morawska Vianna

Banca Examinadora: Eliana Santos Junqueira Creado,

Juliana Fausto de Souza Coutinho, Rosana Maria

Nascimento Castro Silva, Mariana Morozesk

Bibliografia

1. Etnografia multiespécie. 2. Estudos sociais da ciência
e da técnica. 3. Colonialismo. I. Oliveira Campos, Ana
Cecília. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Ronildo Santos Prado - CRB/8 7325



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

Folha de Aprovação

Defesa de Tese de Doutorado da candidata Ana Cecília Oliveira Campos, realizada em 23/02/2024.

Comissão Julgadora:

Profa. Dra. Anna Catarina Morawska Vianna (UFSCar)

Profa. Dra. Eliana Santos Junqueira Creado (UFES)

Profa. Dra. Juliana Fausto de Souza Coutinho (UFPR)

Profa. Dra. Rosana Maria Nascimento Castro Silva (UERJ)

Profa. Dra. Mariana Morozesk (UFSCar)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social.

Agradecimentos

Esta tese apenas foi possível a partir dos recursos da bolsa de doutorado da Fundação de Pesquisa do Estado de São Paulo (Processo 2019/07570-3) e pelo curto financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior do Ministério da Educação (CAPES) no início da pesquisa. O financiamento público foi fundamental para minha permanência no trabalho de pesquisa ao longo da pesquisa que essa tese apresenta.

Agradeço aos interlocutores dessa pesquisa. Especialmente a Scott, Daniel e toda a ElephantVoices. A Silvana e Shirlei e Mateus e Panto e a toda equipe de trabalho no Santuário de Elefantes Brasil. A Daniel Moura pelo contínuo apoio e pelas trocas que seguiram. A Ingo e Trish por terem me ensinado como seguir elefantes. A Federico Iglesias e Barbara Drago, por terem aberto as portas no Ecoparque de Buenos Aires. Agradeço a Lucas Flores e Ludmila Medina, como também aos tratadores e educadoras ambientais com quem tive a sorte de conversar.

Agradeço a Catarina Morawska pela orientação e parceria nos últimos anos, sem a seriedade com que conduz seu trabalho, eu não poderia ter escrito esta tese. Nosso encontro me instiga a pensar companheirismos em meio a diferenças, muito obrigada.

Agradeço à banca de defesa dessa tese Rosana Castro, Eliana Creado, Juliana Fausto e Mariana Morozesk. O trabalho de casa uma de vocês é inspirador para essa pesquisa. Se essa tese alcança logros é por diálogos como os que tivemos.

Agradeço a Lucia Harari por ceder sua arte para compor a capa desta tese e pelos sonhos com elefantes que compartilhamos.

Agradeço a Jacqueline Ferraz de Lima e Bruno Cardoso, como uma forma de agradecer a todo o Laboratório de Experimentações Etnográficas, coordenado por Catarina Morawska. As pesquisas do LE-E desde meu primeiro contato me instigam e as trocas ali foram fundamentais para o meu encantamento com narrativas politicamente engajadas e de criatividade viva.

Agradeço a Bianca Silva e Mariana Pimenta, junto a elas a todo o grupo Ambiências, coordenado por Eliana Creado. É uma sorte poder fazer parte de um espaço de questionamentos tão livres. Agradeço a Eliana por me apresentar a antropologia e o encantamento pelo mundo dos elefantes

Agradeço a Maíra Vale e Graciela Froehlich, junto ao imuê - Instituto Mulheres e Economia, pelo espaço que fez crescer em mim o desejo de fazer da prática intelectual mais uma ferramenta de construção de mundos coletivos possíveis dentro e fora da universidade.

Agradeço a Túllio Maia e Camila Fontenelle, com quem tive as primeiras trocas sobre a mobilização de nossa corporalidade em estudos multiespécies. Também a Yasmin Bidin e Ian Mazzeu pelas trocas sobre imagem e o trabalho acadêmico.

Agradeço à estudantes muito jovens com quem tive a alegria de aprender. Stella Fiao e a todas as autoras que participaram da dossiê “Conversas com Audre Lorde”. Agradeço a Gabriela Cuervo Mojito, através de quem primeiro escutei do trabalho de tantas intelectuais negras.

Agradeço a Shenia Karlsson por me ensinar a macerar manjerição entre as mãos, parte da investigação visceral e íntima que acompanhou a produção dessa pesquisa.

Agradeço aos meus mais velhos, especialmente ao meu pai e a minha tia. É na sensibilidade da pele e do riso que compartilhamos que é possível me imaginar gente no mundo. Agradeço por pesquisadores negres que vieram antes no trabalho acadêmico e abriram caminhos.

Agradeço aos amores. Especialmente a Poly, Bibi, Herisson, Pri, Issa, Juan, eu fico viva com vocês.

Agradeço aos meus irmãos, Analu e João Felipe. A tese é uma evocação de futuro para nós.

Aos elefantes que conheci, envio por terra meu encantamento.

Resumo

Esta tese é uma etnografia da relação entre humanos e elefantes que tem como foco o entrelaçamento de questões ambientais e coloniais. Para isso, descreve quatro contextos diferentes: o primeiro santuário para elefantes da América do Sul, um Parque Nacional em Moçambique, um zoológico na Argentina e um zoológico no Brasil. A estratégia etnográfica foi seguir elefantes em seus movimentos ao longo de cercas de santuários e zoológicos, em artigos científicos, em documentos institucionais e jurídicos e nos relatos de interlocutores que têm elefantes como espécies companheiras. De um lado, esses diferentes materiais mostram assembleias multiespécies em que tratadores, veterinários, advogados, instituições e doadores se associam em torno de elefantes e suas histórias de vida. Por outro lado, explicita a histórica relação entre elefantes como símbolo do triunfo colonial, o que se vê tanto na relação entre zoológicos e o comércio colonial de espécies exóticas quanto no comportamento de manadas que ainda lidam com as traumáticas memórias da caça. Evidenciar esse imbricamento tem a importância política de situar etnografias multiespécies não apenas em discussões sobre o plantationceno, mas também frente ao tema da racialidade como referente histórico das relações multiespécies e como potente para repensar engajamentos na prática antropológica.

Palavras-chave: Elefantes; Etnografia multiespécie, ESCT, Santuários, Zoológicos, colonialismo.

Abstract

This dissertation is an ethnography of the relationship between humans and elephants, focusing on the intertwining of environmental and colonial issues. The research describes four different contexts: the first sanctuary for elephants in South America, a National Park in Mozambique, a zoo in Argentina and a zoo in Brazil. The ethnographic strategy was to follow elephants in their movements along sanctuary and zoo fences, in scientific articles, in institutional and legal documents and in the reports of interlocutors who consider elephants as companion species. On the one hand, these different materials show multispecies assemblies in which keepers, veterinarians, lawyers, institutions and donors come together around elephants and their life stories. On the other hand, it explains the historical relationship between elephants as a symbol of colonial triumph, which is seen both in the relationship between zoos and the colonial trade in exotic species and in the behavior of herds that still deal with the traumatic memories of hunting. Highlighting this intertwining has the political importance of situating multispecies ethnographies not only in relation to the plantationcene, but also in relation to the theme of raciality as a historical referent of multispecies relations and as a potential tool for rethinking engagements in anthropological practice.

Keywords: Elephants; Multispecies ethnography, ESCT, Sanctuaries, Zoos, colonialism.

Sumário

Introdução	12
Capítulo 1. O Santuário de Elefantes Brasil e as assembleias multiespécies	28
1.1. Movimento: dos zoológicos aos santuários	32
1.2. A rotina de trabalho de tratadores: cuidado e observação	42
1.3. Uma assembleia múltipla: Pocha e Guille, fotógrafos e doadores	52
1.4. Seguindo Imagens	59
1.5. A trama caótica de documentos e elefantes	64
Capítulo 2. Elefantes e a Memória Colonial	66
2.1. Memórias de elefantes e Memórias coloniais	67
Capítulo 3. Zoológicos, confinamento e antidevir	76
3.1. Elefantes como acervo cultural portenho	79
3.2. A História do Jardim Zoológico de Buenos Aires	85
Capítulo 4. Zoológicos e a negação do mundo	92
4.1. #Fica Sandro	93
4.2. A casa de Sandro e as especulações pela cerca	95
4.3. Da Arca à Ilha	100
4.4. Especulações de um zoólogo: elefantes no fim do mundo e o que um elefante desejaria?	104
4.5. Da Arca de Noé à casa-grande: fratura colonial no Zoo de Sorocaba	111
Capítulo 5. A animalização como estratégia colonial	117
5.1. A animalização como prática colonial e a intelectualidade mulata	120
5.1. Animalização e prática intelectual	127
Escrita pandêmica, aquilombamento e a contra-maldição do fim do mundo	132
Referências Bibliográficas	138

Lista de Ilustrações

Figura 1 - As riquezas desta terra, de Rosana Paulino (2017)	22
Figura 2 - Ingo e Scott durante o treinamento com Bambi no movimento de mãos e trompa juntos	37
Figura 3 - Scott segurando a tromba de Mara enquanto Mateus a examina	39
Figura 4 - Lady e Scott no fundo no recinto 5	41
Figura 5 - Quadro com orientações para preparo de <i>medball</i> e <i>medapples</i>	46
Figura 6 - Ingo fazendo as caixas de Frutas para os elefantes	47
Figura 7 - Trish, Shirlei e Scott perto do <i>camera pole</i>	48
Figura 8 - De um lado da cerca Rana, Mara e Bambi; do outro Mateus, Scott, Trish, Luciana e Ingo	49
Figura 9 - Trish levando palma para o café da manhã	51
Figura 10 - Shirlei fazendo fisioterapia com a anta Alma e com a elefanta Maia durante uma chuva torrencial	52
Figura 11 - Trecho de live do Santuário em que Scott mostra o recinto onde Guille e Pocha viviam no Zoológico de Mendoza	53
Figura 12 - Van com a identificação “#TransferenciaPochayGuillermi” chegando na pracinha de Rio da Casca com antigos tratadores e documentaristas e pickups identificadas com as logomarcas da Global Sanctuary for Elephants e do SEB	54
Figura 13 - Pessoas se juntam perto do caminhão para ver Pocha e Guille	54
Figura 14 - O centro médico separado para receber Pocha e Guille com muitas folhas frescas. Mateus e Cairo observam o guindaste ser posicionado para movimentação da caixa de transporte	55
Figura 15 - Print da <i>live</i> do Global Sanctuary for Elephants no Facebook, gravada em 12 de maio de 2022, quando Pocha e Guillermi chegaram ao SEB	56
Figura 16 - Overview da Global Sanctuary for Elephants na página do The big payback day	57
Figura 17 - Trish conversando com Pocha e Guille durante o primeiro passeio delas pelos recintos no entorno do centro médico	58
Figura 18 - Elephant: Walking, de Eadweard Muybridge (1872)	59
Figura 19 - Cena em que Joyce Poole e sua filha estão em meio a uma manada de elefantes africanos	60
Figura 20 - Equipes de documentaristas durante a chegada de Pocha e Guillermi	61

Figura 21 - Mara, Rana e Bambi perto do lago, foto tirada do monitor da câmera pole. Trish e Claire vêem as <i>meninas</i> através das câmeras na sala da casa	63
Figura 22 - Família Mabenzi, conhecida por suas estratégias em organizar ataques aos carros de turismo no Parque Gorongosa	68
Figura 23 - Kuky e seu brinquedo preferido	77
Figura 24 - Tratadores colocam estímulos dentro do recinto de elefantes, chamados de enriquecimento ambiental	79
Figura 25 - Placa no Ecoparque anuncia “ <i>El camino de Kuky e Pupy</i> ” entre as visitas especiais	80
Figura 26 - A poucos metros do ponto de partida do “ <i>El camino de Kuky e Pupy</i> ”, Ecoparque de Buenos Aires	81
Figura 27 - Parte externa do templo Hindu, Ecoparque de Buenos Aires	82
Figura 28 - Pupy e Kuky na área externa do recinto. Ao fundo da imagem, o contorno de prédios do movimentado bairro de Palermo	84
Figura 29 - Brinquedos de plástico vendidos nas lojas em frente ao Zoológico	95
Figura 30 - Sandro na parte interna de seu recinto	97
Figura 31 - Visitantes especulando sobre Sandro	98
Figura 32 - Sandro em um passeio pelo recinto seguindo a trilha de frutas conduzida por um de seus tratadores, Zoológico de Sorocaba	99
Figura 33 - Mathias Arigazzi, veterinário do Ecoparque, mostra fantoches com os quais alimenta filhotes de Condores. Em uma das áreas ainda não reformada, o símbolo do Ecoparque aparece ao lado do logo do Projeto ARCA: <i>Asistencia a la reproducción e conservacion</i>	102
Figura 34 - Recinto dos Macacos-prego (<i>Sapajus nigritus cucullatus</i>). A ilha parece ter recebido a visita da Arca, que vendo a proporção diminuta da terra seca, deixou ali apenas a pequena espécie de primata	103
Figura 35 - Sandro em seu recinto no Zoológico de Sorocaba	103
Figura 36 - Camada do Negroceno (Ferdinand, 2022). Imagem da Prospecção estratigráfica do Museu de Sorocaba	113
Figura 37 - A casa-grande na ficção colonial, isolada, limpa, sozinha em um terreno como se não se nutrisse da corporalidade dos negros no mundo. Maquete do casarão parte do acervo do Museu de Sorocaba	114

Introdução

Desde o período colonial até os dias atuais, calcula-se que a população de elefantes no continente africano tenha caído 98% (Chase *et al.*, 2016; Gross; Heinsohn, 2023). No caso de elefantes asiáticos a situação é igualmente séria, restando menos de 60.000 elefantes (Jiang; Liu, 2023). Em resposta a esse cenário um número muito variado de agentes se levanta em defesa dos maiores mamíferos terrestres. Para além de preocupações sobre o futuro da espécie, há também crescentes mobilizações para garantir a sua proteção em cativeiro. Uma das organizações com esse duplo interesse é a ElephantVoices, criada nos Estados Unidos em 2002. De um lado a ElephantVoices trabalha com pesquisas entre elefantes africanos para mapear seus comportamentos e movimentos no que chamam de *habitats* naturais. De outro, através da Global Sanctuary for Elephants, monitora o estado de elefantes em todo o mundo e propõe a criação de santuários para que possam viver em espaços o mais parecido possível com seus *habitats*. Esta tese se propõe a descrever como se dão as relações entre humanos e elefantes nesse contexto de iniciativas de conservação animal.

O Santuário de Elefantes Brasil (SEB) foi o primeiro da Global Sanctuary, criado em 2016. Seu conceito é abrigar elefantes que viveram em circos e zoológicos para formar manadas que possam pastar pela vegetação, cobrir-se de lama, ter laços sociais bem desenvolvidos e viver “como elefantes” nos últimos dias que restam de suas vidas. Trata-se de uma área de mais de 1.100 hectares localizada no cerrado do Mato Grosso, próxima à região da Chapada dos Guimarães. Para isso, o Santuário se articula com zoológicos que tenham interesse de encaminhar para o espaço elefantes sob seus cuidados, mas também articula parcerias em processos judiciais denunciando abusos em zoológicos e defendendo a transferência de elefantes para sua área. As operações funcionam a partir de uma rede internacional de doadores ativamente movimentada em ambiente virtual a partir de plataformas e sites de redes sociais.

Lady, Bambi, Mara, Rana e Guillermina são as elefantas¹ que vivem no Santuário em meio ao cerrado. Elas passam quase a totalidade do tempo pastando sem qualquer tipo de interferência de tratadores, mas sob seu olhar atento e contínuo, tanto presencialmente quanto através de câmeras capazes de capturar com nitidez as atividades dos elefantes. O contato com humanos se dá em momentos de alimentação, distribuída duas vezes ao dia, tratamentos de saúde e treinamentos curtos que permitem avaliações de seus corpos, sempre protegidos

¹ Ao longo da tese adota a tendência de interlocutores de alternar os termos elefantes e elefantas para fazer referência a elefantas fêmeas.

pela cerca que os separa. Enquanto isso, tratadores, veterinários e diretores do Santuário preparam o alimento (e quando necessário a medicação), fazem tratamentos e treinamentos com elefantes, cuidam de outros seres² do Santuário, constroem novas áreas e atuam em articulação para a chegada de novos elefantes. Uma equipe de advogados, assessores, designers e fotógrafos trabalha remotamente a fim manter o Santuário alinhado com as regulamentações legais, construir parcerias e angariar doações para dar continuidade às suas ações.

A atuação do Santuário faz ver também os espaços de onde os elefantes normalmente são deslocados, os zoológicos. O primeiro zoológico da América do Sul foi criado na Argentina, em 1888, como símbolo de modernização da cidade de Buenos Aires. No entanto, como efeito não apenas das transformações no tempo como também de críticas do próprio público, o espaço dos zoológicos passa desde 2016 por uma mudança de paradigma que tem como ponto crucial a transferência de espécies exóticas para santuários especializados. Assim, durante o período de pesquisa que culminou nesta tese, o antigo Zoológico de Palermo preparava suas duas últimas elefantas, Pupy e Kuky, para a transferência ao SEB.³ Esse planejamento, que já tinha sido feito com a elefanta Mara, incluía treinamentos com os elefantes e um trabalho de conscientização com visitantes sobre suas novas bases de atuação fundadas na proteção de espécies nativas em risco de extinção e educação ambiental sobre a fauna e a flora local. A mudança vinha acompanhada também da reforma nas áreas do antigo zoológico, não apenas com novas instalações e reestruturação dos edifícios, mas também com uma alteração na flora do espaço para dar lugar à flora nativa que permite que pequenos vertebrados vivam e se alimentem livremente no espaço do Parque. Assim, aquele que tinha sido um marco para os zoológicos da América do Sul voluntariamente esperava a liberação de documentos para transferência internacional de duas elefantas para o Santuário a 2.700 quilômetros de distância. A viagem seria acompanhada tanto pelo público de doadores do Santuário como por visitantes do Zoo que conheciam as elefantas nas três décadas anteriores.

² Falar sobre “seres” é um modo de fugir de um referencial “humano” na linguagem, ao evitar dizer “mais que humano”, “outros que humano”. “Seres” também permite fugir da ideia cristã de criatura, possibilitando incluir na linguagem a noção de “energia dos elefantes”, ideia presente na pesquisa de campo do SEB, ou da própria “terra” como um ente para o qual o mundo é negado, como apresentado no Capítulo 4.

³ Zoológico de Buenos Aires, Jardim Zoológico de Buenos Aires (JZBA), Ecoparque de Buenos Aires, Zoológico de Palermo e Ecoparque de Palermo são diferentes formas de nomear uma mesma instituição. Nesta tese, sobretudo no capítulo 3, irei alternar entre estas formas porque, de um lado, a bibliografia trata o zoológico como um espaço que representa a própria cidade de Buenos Aires, por outro, as pessoas dali costumam fazer referência ao zoológico como sendo do bairro, Palermo.

Um contexto bastante distinto se vê no Zoológico de Sorocaba, localizado no interior de São Paulo, escolhido desde a década de 1990 como símbolo da cidade. O elefante asiático Sandro, uma das principais “atrações”, recebe mais de 600 mil visitantes anualmente. Em 2020 a morte de Raissa, elefanta que vivia com Sandro, acendia o debate sobre sua condição solitária, maus tratos e a necessidade de melhoria no seu recinto. Em contraposição, o movimento “Fica Sandro” ganhou espaço em redes sociais e mobilizações em frente ao Zoológico e em audiências sobre o caso. Para os defensores do Zoológico, a justificativa para a permanência de Sandro estava em sua idade avançada, no fato de estar acostumado com o espaço e de ser parte da educação ambiental na cidade.

A passagem da pesquisa do Santuário de Elefantes Brasil (SEB) para os Zoológicos de Buenos Aires e Sorocaba não foi despreziosa. Em um estudo sobre o futuro de elefantes em cativeiro, o ecólogo e especialista em comportamento Paul Rees (2021) prevê que nas próximas duas décadas organizações que defendem o bem-estar animal vão continuar a pressionar os zoológicos para o envio de seus elefantes para santuários. Os santuários, nesse sentido, são caracterizados como áreas que permitem que esses seres tenham uma “aposentadoria” de suas tarefas anteriores, exposições em circos e zoológicos, e propostos como espaços de convívio com outros seres da espécie sem que estejam voltados à reprodução (Rees, 2021). Desse modo, um dos objetivos desta pesquisa, desde seu início, era descrever como se deu essa tendência global do movimento de elefantes de zoológicos para santuários a partir do primeiro Santuário de Elefantes da América do Sul.

Além disso, o deslocamento realizado ao longo do trabalho de campo me lembrava a todo tempo como o movimento é uma das características mais proeminentes de elefantes quando nos chamados *habitats* naturais. Com efeito, os estudos sobre sua migração acompanham o trabalho de estudiosos da ecologia e do comportamento desses gigantes em diversos países, não apenas pelo interesse em encontrar correlações entre seus movimentos e mudanças climáticas, por exemplo, mas também porque ao descrever tais movimentos, é possível prever e evitar encontros potencialmente perigosos entre manadas e humanos, cidades e plantações (Montez; Leng, 2021). Assim, elefantes não são analisados como seres de territórios estanques, mas de territórios amplos e com comportamentos migratórios já descritos em três espécies (Su *et al.*, 2020; Poulsen *et al.*, 2021; Hines *et al.*, 2023).⁴ Se na

⁴ Há duas espécies de elefante no continente africano, o elefante-da-savana (*Loxodonta africana*) e o elefante-da-floresta (*Loxodonta cyclotis*). Já no continente asiático há apenas uma espécie, Elefante-asiático (*Elephas maximus*). No contexto desta pesquisa, sigo a tendência de meus interlocutores da pesquisa de não usar a nomenclatura taxonômica científica, me refiro aos elefantes-africanos da espécie *Loxodonta africana* apenas

“natureza” descrever a relação entre elefantes e humanos implica encontrar padrões em seus movimentos, também nesta tese isso se mostra relevante. No contexto de transferência de elefantes para santuários, um padrão se faz visível: é uma assembleia multiespécie que propicia essas migrações estratégicas e particulares, que no âmbito do SEB são chamadas de “resgates”.

Ao me deslocar entre diferentes contextos etnográficos, do SEB aos zoológicos em Buenos Aires e Sorocaba, fiz ainda mais uma investigação com documentos sobre um dos projetos da ElephantVoices no continente africano. No Parque Gorongosa, em Moçambique, a ElephantVoices realiza um trabalho de pesquisa entre elefantes com foco, sobretudo, em seus comportamentos. Os elefantes em Gorongosa, diferentemente do Santuário, nunca estiveram em circos e zoológicos, mas têm suas histórias marcadas por outro tipo de memória traumática que se expressa nas peculiaridades de seus comportamentos e em uma variação fenotípica. As manadas estudadas em Gorongosa são conhecidas por sua agressividade com carros de turistas que vão fotografá-los e, de acordo com dados de biólogos que investigam elefantes naquela região, por uma grande porcentagem de elefantes nascidos sem marfim (Campbell-Staton, 2021; Poole; Granli, 2022; Poole *et al.*, 2023). Essas duas características se explicam pelas décadas de caça desenfreada na região, fazendo com que as manadas aprendessem a mover-se de modo a evitar contato com humanos. Ao mesmo tempo, diante de encontros com carros de turistas, protegem-se ao persegui-los. Tais comportamentos são explicados por biólogos como desenvolvidos diante das memórias de caça que as atuais matriarcas conservam. Como era no marfim que se centrava o principal interesse na caça de elefantes, aqueles que nasciam sem marfim tinham mais chances de chegar à idade adulta e se reproduzir, fazendo com que o número de elefantes “sem presas” tenha se expandido naquela região. Aqui se vê as histórias de elefantes e humanos como mutuamente implicadas.

O movimento de elefantes nesses quatro contextos é muito distinto: o primeiro Santuário para elefantes na América do Sul estende sua manada a partir do resgate daqueles que passaram a vida em circos e zoológicos; enquanto isso, um zoológico criado como símbolo de modernidade converte-se em um Ecoparque e transfere para o Santuário suas duas últimas elefantas como parte de seu novo projeto de resgate e proteção da fauna endêmica ameaçada; já um zoológico em uma cidade de interior no Brasil parece ir na contramão ao defender a permanência de um elefante que vive sozinho em um pequeno recinto; e, por fim,

como elefantes-africanos, (já não houve ao longo da investigação registro de elefantes *Loxodonta cyclotis* no contexto das instituições abordadas nesta tese) e o temos elefante-asiático para fazer referência a espécie *Elephas maximus*.

um projeto de investigação em um parque nacional de conservação e proteção à atividade de caça em Moçambique estuda elefantes que convivem com as memórias da matança de suas manadas, vistas em seus movimentos para evitar o contato com carros de safári fotográfico ou persegui-los com o intuito de afastá-los.

Como se verá nesta tese, acompanho no Santuário os movimentos de elefantes ao longo da cerca em seus contatos com humanos, nas trombas que comunicam, nos olhares que indicam limites aos movimentos dos próprios humanos ou que reclamam sua atenção. No Zoológico de Palermo, o preparo para o traslado ao Santuário evidencia quão estática e limitada é a mobilidade de Pupy e Kuky. Algo parecido se passa com Sandro, com seus curtos movimentos de saída e caminhada pela área do recinto que instigam comentários de visitantes sobre a casa pequena que abriga aquele grande ser. Por fim, em Moçambique, mesmo que em circunstâncias de “vida livre”, elefantes articulam estratégias para não confluir seus próprios movimentos com os de humanos ou afugentá-los em perseguições a seus carros. Seguir o modo que elefantes se deslocam em diferentes circunstâncias conduziu a pesquisa em movimentos igualmente insuspeitos: desde preocupações sobre estudos multiespécies e a proximidade entre seres amplamente conhecidos por sua socialidade e afeto, para temas que exigem um engajamento mais abertamente político como colonização e racialidade.

Etnografias multiespécies e a dupla fratura colonial e ambiental

Esta tese se alinha com um emergente campo que se convencionou chamar “etnografias multiespécies” (Kirksey; Helmreich, 2020). Eben Kirksey e Stefan Helmreich (2020) lembram que desde as primeiras etnografias antropológicas, diferentes espécies se fazem presentes em descrições, seja como cenário, como símbolos ou como representação (Kirksey; Helmreich, 2020). O que as etnografias multiespécies trazem como proposta é o deslocamento do lugar periférico ou pictórico que os “animais” ocupam em outras pesquisas para se centrar na intersecção de três diferentes campos: “os estudos ambientais, os estudos sociais da ciência e da tecnologia (STS) e os estudos animais” (Kirksey; Helmreich, 2020). A intersecção dessas três áreas também se fez presente nesta pesquisa.

Do ponto de vista dos estudos de ciência e tecnologia, os estudos sobre etologia e ecologia de elefantes oferecem um campo interessante para pensar o modo como categorizações em artigos e pesquisas influenciam em arenas decisórias sobre o território desses grandes mamíferos (Creado, 2010; Creado *et al.*, 2015). Desde a descrição do gênero

elephants por Lineu, em 1758, elefantes estão presentes nas pesquisas de biólogos, no entanto, é a partir da década de 1960 que se vê um aumento nos estudos sobre comportamento de elefantes e a preocupação com as quedas populacionais de suas três diferentes espécies (Buss, 1961; Adams; Berg, 1980; Buss; Johnson, 1967; Buss; Smith, 1966; Douglas-Hamilton 1967, 1969). As descrições saem do lugar taxonômico que ocupavam nas descrições morfológicas iniciais ou do interesse na simples classificação de espécies e se voltam para a delimitação das características sociais dessas espécies, que passam a ser descritas com paralelos aos próprios humanos em termos como cuidado parental, hierarquias sociais, laços entre grupos, vínculos de consanguinidade e afinidade, comunicação bem desenvolvida e até culturas.

Por conseguinte, nos estudos animais a relação entre elefantes e pessoas é abordada em linhas muito amplas. Seja na descrição de seus usos em ritos, guerras, meios de transporte, mas também sendo pensados não apenas pelos laços sociais profundos que desenvolvem entre membros da manada, mas também entre humanos. Daniel Naveh e Nurit Bird-David (2014) apresentam uma descrição sobre a maneira com que os Nayaka (grupo no sul da Índia) caracterizam as ditas reações agressivas de elefantes como decorrência de sentimentos de tristeza e solidão. Elefantes aparecem também em diversos trabalhos que mencionam a maneira como historicamente foram parceiros de humanos em guerras, entretenimento e exposição (Mitchell, 2009). Também aparecem em trabalhos que enfatizam a relação entre treinadores e elefantes (Chin *et al.*, 2008) e entre elefantes e seus condutores em contextos de turismo na Ásia (Hart, 1997).

Do ponto de vista ambiental, elefantes se constituem como sujeitos de pesquisa particularmente interessantes em seus encontros com humanos. De um lado, são representativos de categorias chave para o ambientalismo tais como espécie bandeira e espécie guarda-chuva (Cato, 2010). Enquanto espécies bandeira servem para dar visibilidade a causas ambientais, como guarda-chuva a proteção dos elefantes também tem por efeito a conservação de seus habitats e os seres que com eles compartilham territórios. Ao mesmo tempo, na medida em que são lidos como espécies carismáticas, são usados em diversos projetos de educação ambiental (McGowan, 2020; Van de Water *et al.*, 2022; Jarić *et al.*, 2023). Isso também ocorre porque seus territórios foram vastamente afetados por ações antrópicas, a ponto das espécies estarem em risco de extinção, o que ressoa a temática do antropoceno (Asayama, 2021; Straus; Ristau, 2023).

Ainda de acordo com Kirksey e Helmreich (2020), nas etnografias multiespécies o antropoceno é um contexto determinante para o tipo de engajamento que as descrições

propõem. Trata-se de uma marcação de era, pois as ações antropogênicas ganham dimensões geológicas na medida em que se configuram como as principais determinantes para alterações de ciclos climáticos terrestres, implicando diretamente no atual processo de extinção em massa: “A etnografia multiespécie implica em escrever a cultura no antropoceno, atenta à reconfiguração do antropos, bem como às espécies companheiras e estranhas com as quais partilhamos o planeta Terra” (Kirksey; Helmreich, 2020, p. 279).

Assim, etnografias multiespécies não somente deslocam “animais” de um lugar periférico para o centro da discussão, mas o fazem tendo em vista um contexto político em que humanos se veem implicando e sendo implicados pela Terra, seus tempos geológicos e seus seres. A perda numérica enfrentada pelas espécies de elefantes, com a qual iniciei esta tese, não é isolada. Desde 1970 a população de vertebrados no planeta caiu em torno de 69% (WWF, 2022). Extinção em massa é uma das características mais visíveis do antropoceno.

Desde as primeiras discussões científicas sobre o tema da extinção, elefantes estão no centro da questão. No final do século XVIII o paleontólogo francês Georges Cuvier identificou a extinção de mamutes, para isso comparou a morfologia de suas mandíbulas com as de elefantes asiáticos. A descrição de uma espécie já extinta, como a de Cuvier, levou a uma nova abordagem da história de vida na terra, que foi reposicionada a partir da discussão de Darwin em que a extinção aparece como um processo contínuo e decorrente da não adaptação (Robertson; Pollaro, 2022). O que a discussão do antropoceno faz olhar, no entanto, é a extinção de milhares de espécies como um processo catalisado pela ação humana.

Assim, como já dito, esta tese está alinhada às três áreas de intersecção que conformam as etnografias multiespécies – os estudos ambientais, os estudos sociais da ciência e da tecnologia (STS) e os estudos animais –, cujos temas foram intensificados no contexto do antropoceno. Kirksey e Helmreich (2020) quando descrevem a emergência das etnografias multiespécies observam ali uma profusão de trabalhos que passam pela relação com fungos, com espécies consideradas não amadas, com espécies com quem se compartilha a vida, com criaturas que provocam medo ou repulsa, com arte e ciência. No Brasil, uma multiversidade de temas igualmente se faz presente em etnografias multiespécies.⁵ Com isso percebe-se como a categoria de humanidade, antes bastante central em estudos etnográficos, passa a ocupar um lugar de encontro com múltiplos seres. A politização desse debate é bastante potente quando se pensa na importância da descrição de relações para imaginar

⁵ Alguns exemplos: Eliana Creado (2014), Joana Cabral de Oliveira (2016), Guilherme Sá (2012), Stelio Marras (2014), Felipe Sússekind (2018); Renzo Taddei (2017) e Felipe Vander Velden (2012).

como recompô-las em um mundo que está em ruínas (Tsing, 2019). No caso dos elefantes essa é uma necessidade contínua tanto para aqueles que se encontram em contínuo deslocamento para evitar o contato com humanos como para os que são privados desses deslocamentos pela condição de cativo.

Há, entretanto, outro sentido possível de politização desses estudos ainda pouco explorado pela etnografia multiespécie que passa por compreender como a história colonial atravessa as relações de humanos com outras espécies e com a própria terra. O que o filósofo martinicano Malcom Ferdinand (2022) chama de “dupla fratura” consiste na divisão entre questões coloniais e ambientais como se fossem componentes de ordens distintas. A etnografia multiespécie não parece estar fora desse padrão. Pesquisas potentes que deslocam a centralidade dos humanos, muitas vezes com menos facilidade mobilizam a origem colonial dessa centralidade e menos ainda apontam para a branquitude como conformadora dessa humanidade e das múltiplas sub-humanidades racializadas. Como observa Ferdinand (2022, p. 23):

Essa fratura se destaca pela distância entre os movimentos ambientais e ecologistas, de um lado, e os movimentos pós-coloniais e antirracistas, de outro, os quais se manifestam nas ruas e nas universidades sem se comunicar. Ela revela-se também no cotidiano pela ausência gritante de pessoas Pretas e racializadas tanto nas arenas de produção de discursos ambientais como nos aparatos teóricos utilizados para pensar a crise ecológica.

Nesse sentido, esta tese se soma aos esforços de recompor a fratura criada na história e na força violenta colonial. Os zoológicos na América do Sul são espaços privilegiados para isso porque evidenciam bem a conexão entre a discussão colonial e a discussão ambiental. Quando os primeiros zoológicos começaram a surgir nesta região, eles representavam a modernização das cidades (Leal, 2021). Nesse período, em todo o mundo, negociadores coloniais eram os responsáveis pela captura e pela venda de animais “exóticos” que cruzavam os oceanos em navios (Fausto, 2017). Não se tratava de uma troca unicamente monetária. No caso do Zoológico de Palermo, os diretores trocavam informações científicas com o então principal comerciante de animais, Carl Hagenbeck, enquanto trocavam também a flora e fauna tropical (Rothfels, 2002).

Foi assim que as exposições etnológicas de Hagenbeck, também chamadas de zoológicos humanos, chegaram à Argentina no século XIX. Se na Europa elas serviram para alimentar a ideia de que povos racializados são primitivos e bestiais em oposição aos povos

europeus, caracterizados como civilizados e evoluídos (Rothfels, 2002), esta tese sugere que de modo similar, aqui na América do Sul, elas serviram para nutrir ideias higienistas e fantasiosas de branqueamento como sinônimo de civilidade. Etnografar elefantes em zoológicos na Argentina e no Brasil nos instiga a olhar para a história dessas instituições. Com isso, surgiu um segundo objetivo ao longo da pesquisa: descrever conexões não apenas entre humanos e outras espécies, mas também entre política e exotização. A conexão que proponho aqui, vista por exemplo entre presas de elefantes em zoológicos e aspectos coloniais, não é nova (Szczygielska, 2020), e ainda carece de experimentos etnográficos que possam descrevê-la. Sobretudo desde a América do Sul, continente que, embora não tenha elefantes como espécies de seus biomas, há mais de dois séculos possui a presença de elefantes em espaços de exibição.

É importante marcar que tal discussão não se constituiu como um pressuposto da pesquisa, mas com um de seus pontos de chegada. No contexto da pesquisa com a ElephantVoices no Parque Gorongosa em Moçambique, a marca da história colonial na memória dos elefantes é tão explícita que me instigou a pensar quais outras feridas da violência colonial, para usar o termo de Grada Kilomba (2019), se fazem ver na história de elefantes em zoológicos da América do Sul. Encontrar atravessamentos da história colonial também nesses espaços se tornou uma instigante surpresa para a pesquisa. Esta tese, portanto, se soma a outras iniciativas que observam no encontro entre pessoas e elefantes muito mais que uma proximidade de comportamento entre diferentes espécies, mas aquilo que ressoa a história colonial e o processo de racialidade de diferentes corpos (Szczygielska, 2020; Rothfels, 2002). Politizar etnografias multiespécie por meio dessa discussão é observar que o encontro que se vê no zoológico não é meramente de espécies distintas que se olham entre grades, mas também da ressonância da história colonial que indica quais aspectos de exotização estão sendo exibidos.

No caso dos elefantes a fratura se dá de modo muito explícito. Segundo a historiadora da ciência Marianna Szczygielska (2020), elefantes foram historicamente considerados como símbolos do poder e do triunfo colonial. Do ponto de vista etnográfico, recompor a dupla fratura expõe a história colonial de zoológicos, em territórios colonizados que não são o ambiente de origem dessas espécies, e os atravessamentos em elefantes como símbolos de domínio colonial nos continentes que se constituem como seus territórios, seus *habitats* naturais. Já do ponto de vista metodológico, essa fratura faz também pensar nos sentidos da prática intelectual.

O zoológico como um espaço de pesquisa etnográfica para uma pessoa racializada pode trazer à tona a exotização e a animalização atribuídas a certas corporalidades como efeito continuado da colonialidade. O movimento etnográfico, por vezes, pode implicar em reconhecer na própria corporalidade da etnógrafa as marcas da exotização colonial. As frequentes reflexões sobre animalidade nos estudos multiespécies parecem escapar das críticas à força colonial que historicamente aproximou humanos racializados de lugares bestiais e exóticos⁶. Nas etnografias multiespécies a humanidade é tensionada, desfeita, recomposta no encontro e na relação entre diferentes espécies companheiras, em assembleias mais que humanas. A questão que se pode colocar ainda é: diante de corpos para os quais a humanidade não é garantida, como se dá o encontro multiespécie na etnografia? Esta tese indica que se trata de um encontro de espécies companheiras, não apenas de espaço, de convívio e de antropoceno⁷, mas também companheiras da história colonial. Apesar das reiteradas pesquisas e experiências que descrevem a animalização de corpos racializados, processos históricos de racialidade e relações multiespécies ainda parecem temas distantes. Esta tese argumenta que é pelo peso da história colonial que os temas parecem se desencontrar, mas é também justamente pelo pretense desencaixe que é preciso olhar para a questão como uma forma potente de politizar etnografias multiespécies.

Estrutura da tese

Os capítulos desta tese estão distribuídos como narrativas descontínuas, assim, o texto não é apresentado como uma sucessão de fatos. Essa é uma estratégia para fugir de uma concepção de tempo como uma sequência de acontecimentos que se somam e se convergem como uma história comum, ou seja, uma forma de fugir do tempo colonial evolutivo. Como a

⁶ Em outras abordagens a discussão é também analisada a partir da categoria “poder” (Nell, 2019; Fausto, 2017; Petitt 2023). Sigo aqui a expressão força colonial alinhando-me à linguagem de Marcom Ferdinand (2022) sobre a dupla fratura colonial.

⁷ A perspectiva antropoceno: Quando menciono antropoceno aqui, faço referência a um amplo diálogo que tomou forma nas duas primeiras décadas do presente século e, de modo geral, faz ver como ações humanas ganham efeitos de escala geológica na terra e seus sistemas. Esse debate foi primeiro mencionado no cerne de discussões de geologia e logo alcançou temáticas filosóficas, políticas, sociais (Mahil, 2017, Chakrabarty, 2015, Crutzen & Stoermer, 2000). Na antropologia, a discussão tomou uma dimensão tem uma importância marcada quando se conecta com temáticas sobre modos de habitar a terra que permitam um futuro coletivo (Latour, 2014; Latour, 2019; Castro & Danowski, 2018; de la Cadena, 2016). Donna Haraway apresenta uma revisão sobre algumas flexões do termo que chamam atenção para seu caráter associativo com a história do capitalismo (capitaloceno), como humanos e não-humanos se encontram intimamente conectados em práticas tentaculares (Chthuluceno); e sua relação os modos de produção extrativista e escravocratas (plantationceno) (Haraway, 2016b), revisões muito abrangentes sobre a temática foram oferecidas pelas autorias aqui nomeadas, por isso não me deterei nesse ponto. O que esta tese chama atenção no entanto é para o modo que a reflexão sobre a atual geológica se conecta com a exploração de sujeitos negres pela força colonial, procedimento que segue encontrando espaço nas hierarquizações de relações multiespécies e nos procedimentos cotidianos de racializar.

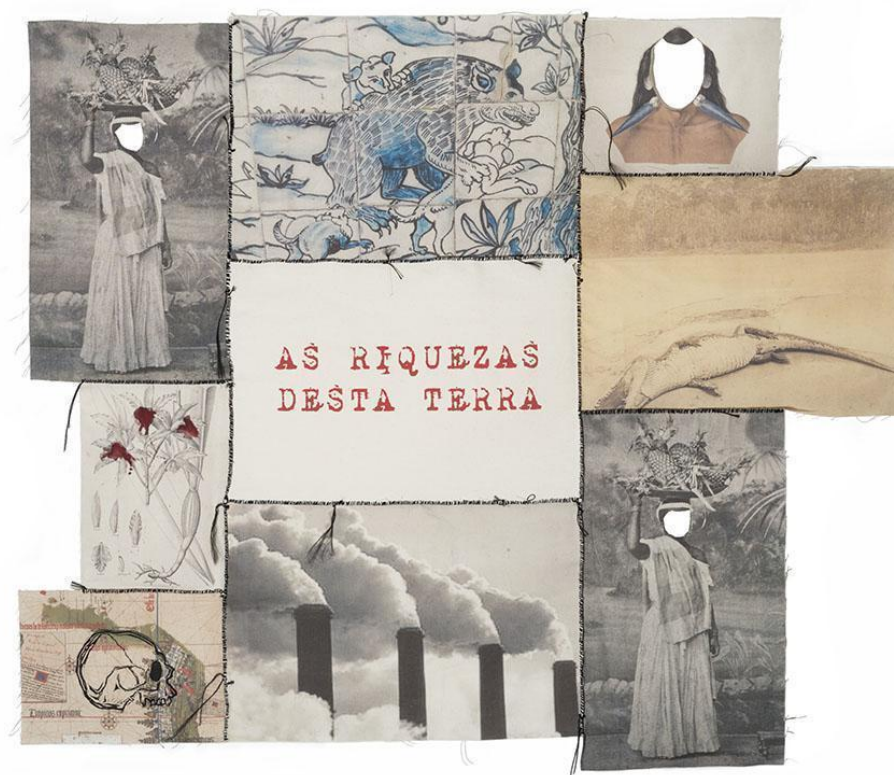
pesquisa tem nos movimentos de elefantes um dos seus fios condutores, tampouco pareceu importante aglutinar informações a partir de espaços geográficos, mas ver a mobilidade de pessoas e elefantes em diferentes paisagens. Isso nos permite deixar notório como algumas temáticas se repetem em espaços muito distintos. Com isso, é possível ainda olhar para a presença de elefantes em diferentes contextos e para as reflexões (por vezes consonantes) que isso traz.

Tais escolhas podem produzir na leitura uma sensação de desarmonia entre os tópicos da tese, mas o desencaixe é intencional. Aqui, partes descontínuas se justapõem de propósito para que se evidencie como histórias distintas se conectam. Entre os capítulos não há, portanto, uma intenção de encaixe perfeito, temporal ou espacial. O que se enfatiza são breves encontros temáticos, a coincidência de informações vindas de diferentes contextos. Assim, reflexões centrais para esta investigação, tais como memória, colonialismo e corpo, emergem em vários campos de pesquisa, ainda que de maneiras particulares a cada um⁸.

A imagem que inspira esse desencaixe é a sutura feita pela artista plástica Rosana Paulino (2017) em “As riquezas desta terra”. Rosana associa materiais bastante distintos: fotos de antropologia física no período colonial, desenhos de ossos, pinturas, imagens de azulejos portugueses. O resultado é uma costura que funciona como sutura de um tempo que ganhou duração na racialização dos corpos. A obra carrega um desencaixe bastante evidente, os tecidos não são costurados de modo a criar um contorno em formato perfeitamente reto: há sobras de tecidos e de linhas; as imagens não se encaixam continuamente; as costuras, no lugar de serem internas e suaves, são parte própria da obra; o arremate, por fim, deixa fios pendurados, fios que não são cortados e escondidos. É um tipo de conexão que faz ver o avesso da costura colonial. Essa sutura traz à memória a forma como Grada Kilomba (2019, p. 71) descreve o colonialismo, o “uma ferida que nunca foi tratada, uma ferida que dói sempre, por vezes infecta, e outras vezes sangra”.

Figura 1 - As riquezas desta terra, de Rosana Paulino (2017)

⁸ A diferença entre os capítulos reflete também os diferentes acessos que tive ao campo e as variadas densidades que o material de pesquisa permitiu. A pesquisa de campo mais ampla no SEB, por exemplo, se reflete na extensão descritiva daquele capítulo. De mesmo modo, o menor acesso etnográfico no GEP (Gorongosa Elephant Project), em Moçambique, igualmente se faz ver no Capítulo 2.



Fonte: Rosana Paulino, “As riquezas desta terra”, 2017. Impressão digital sobre tecido, linóleo, recortes, tinta e costura 96,0 x 126,0 cm.

No desencaixe, na sobra de tecido, nos fios não cortados, o trabalho de Paulino (2017) movimenta a história, dá outro formato e contorno ao lugar dos corpos negros na narrativa colonial. A obra de Rosana Paulino, e sua forma narrativa através da sutura, foi também usada pela antropóloga Jacqueline Ferraz de Lima (2022) para descrever o procedimento das mulheres no cerrado mineiro em suas mobilizações sociais e políticas, assim como em seu procedimento de refazimento cotidiano para se opor à concentração da terra e da renda. A intenção aqui é fazer antropologia com esse tipo de desencaixe que Paulino (2017) inspira, ecoando também as palavras de outras intelectuais diaspóricas. Proponho aproximar questões distintas para deixar muito visíveis as costuras, os tecidos com suas imagens e sobras desencaixadas.

Para dizer de modo explícito, as costuras aparecem em conceitos pontuais: ecologia decolonial, relações multiespécie, memória e intelectualidade. O material que proponho associar, as imagens conectadas, vêm da pesquisa etnográfica entre especialistas em elefantes e da minha própria experiência enquanto etnógrafa negra. Evidenciar o “mas”, o desencaixe temático, é parte do experimento de produzir uma pesquisa multiespécie a partir de um corpo racializado como negro. Assim, ao longo dos capítulos, bem como no próprio trajeto da

pesquisa, há um adensamento da discussão sobre racialidade e colonialismo que não estava presente no projeto de pesquisa inicial.

Os dois primeiros capítulos tratam de atuações da ElephantVoices em dois campos distintos: na Global Sanctuary for Elephants, em seu primeiro santuário no Brasil (SEB), e no projeto de pesquisa e conservação nas savanas do parque Gorongosa, em Moçambique. A partir de assembleias multiespécies no SEB, localizado na região da Chapada dos Guimarães no Mato Grosso, no primeiro capítulo busco explicitar como elefantes, tratadores, doadores e diferentes instituições se associam naquele espaço. A narrativa de vida de elefantes, seus traumas e suas memórias, costuram aqui tanto a relação da instituição com o público doador que acompanha o trabalho do Santuário via redes sociais quanto a atuação de tratadores e veterinários que trabalham diariamente com as sete elefantas. No segundo capítulo, descrevo uma das pesquisas da ElephantVoices no Gorongosa Elephant Project que estuda o comportamento de elefantes em meio à savana em Moçambique e como suas manadas criaram estratégias para mover-se evitando o contato com humanos. Ali, as memórias de guerras e caçadas coloniais permeiam seus modos de lidar com o espaço e com esse contato indesejado. Trata-se de histórias mutuamente implicadas de humanos e elefantes. Nesses dois contextos muito distintos, fica evidente como a história de elefantes é atravessada por ações antrópicas.

Os dois capítulos seguintes abordam elefantes que vivem em duas instituições zoológicas na América do Sul. No terceiro capítulo, mostro como o antigo Zoológico de Palermo, ao ser renomeado Ecoparque de Buenos Aires, tem passado por transformações conceituais e estruturais. Ali se destaca o papel que Pupy e Kuky, duas elefantas africanas, desempenharam como símbolo dessa nova fase do Zoo. Há ainda uma crítica à história dos zoológicos no século XIX feita a partir do vínculo entre duas figuras marcantes para a conformação desse tipo de espaço, o comerciante alemão Carl Hagenbeck e o italiano Clemente Onnelli, precursor do Zoológico de Buenos Aires. Esse Zoológico representa duas tendências globais em dois períodos distintos: a relação com o comércio colonial de espécies exóticas no final do século XIX e início do século XX e as transformações paradigmáticas da relação com animais e cativeiros em decorrência de críticas do público e denúncias de maus tratos que marcam os anos 2000.

O quarto capítulo trata de especulações em torno de um elefante que vive solitário no Zoológico de Sorocaba, uma cidade do interior de São Paulo. Sandro vive em um recinto de 40.000m² cercado por um poço e cercas elétricas que o separam dos mais de 60.000 visitantes

que vão vê-lo anualmente. Uma construção de alvenaria, seu recinto coberto, enfatiza a desconexão daquele espaço e o *habitat* natural de elefantes asiáticos em florestas úmidas. Ali, Sandro aparece como um ser para o qual o mundo é negado. A poucos metros de seu recinto, o museu da cidade conta a história da herança colonial em tom orgulhoso. Nesse capítulo observo o cruzamento entre o habitar escravagista da terra (Ferdinand, 2022), representado em paisagens colonizadas pela casa-grande, e a presença de animais em zoológicos como parte também desse projeto de escravagista de habitar a terra e seus seres. A narrativa é conduzida a partir da metáfora do zoológico como uma embarcação, a Arca de Noé, para pensar tais intercruzamentos em seres para os quais o mundo se é negado.

Nos dois capítulos sobre zoológicos, elefantes aparecem constantemente atrás das cercas. Aqui, seus movimentos e rotinas, antes vistos de perto no Santuário, se esvaem. Quando estive nos zoológicos, ocupava também uma posição semelhante à dos visitantes de observar elefantes em exibição. Observá-los por alguns minutos até que a visita guiada por educadores ambientais tenha que seguir adiante ou até que voltassem ao recinto coberto. Os elefantes vão assim desaparecendo da descrição na medida em que os vejo pouco em campo e o que mais fica visível dentro de um zoológico é sua estrutura.

Em Buenos Aires o templo hindu onde vivem Pupy e Kuky parece grandioso visto de fora, mas quando se está em seu interior ganha uma aparência reduzida e deteriorada. Já a casa de Sandro, no zoológico de Sorocaba, parece nem ao menos cabê-lo, dando aos visitantes a sensação de que suas costas tocam o teto do recinto quando ele entra. Ali, elefantes aparecem quase como uma presença ausente em um espaço de antidevir (Fausto, 2023). As descrições passam a ser de movimentos circulares, de corpos escondidos dentro de recintos dos quais só se vê a penumbra enquanto se escutava visitantes especularem sobre seus comportamentos. Não há nesses capítulos uma descrição contínua de suas atividades diárias, mas fragmentos das tarefas de técnicos, do comportamento de elefantes e da especulação de visitantes. Embora os zoológicos sejam frequentemente descritos como espaços para “ver animais”, ali pouco se vê deles.

Na medida em que os elefantes desaparecem, deixam ver a estrutura dos zoológicos e com ela sua história. As mudanças nessa história de cativeiro são exaltadas no centro de visitantes do antigo Zoológico de Palermo, contadas em uma sala composta pelos principais feitos de seus diretores marcantes e pelas atuais reformas de paradigma voltadas à restauração da fauna e flora da Argentina e seus biomas. A história é também um aspecto que aparece no museu localizado na entrada do Zoológico de Sorocaba, que conta sobre a cidade no espaço

que costumava ser uma casa-grande de senhores coloniais. Ali a história é contada a partir de vestígios materiais de povos indígenas que povoaram a região antes dos gados muares⁹, de migrações voluntárias e forçadas, de um grande número de objetos do período colonial. O entrecruzamento entre a história colonial e os zoológicos é tão visível quanto o desencaixe da presença de elefantes por entre cercas.

O último capítulo faz um apanhado de referências sobre a animalidade atribuída a corpos racializados pela força colonial. A intenção é explicitar a necessidade de se levar em conta em etnografias multiespécies que noções como “animalidade” foram antes nutridas por corpos racializados em teorias que os classificavam como menos ou não-humanos. Em um primeiro olhar, o tema da racialidade pode parecer desconectado das discussões sobre etnografia multiespécie, o argumento aqui é que a mesma história colonial que conectou animalidade e racialidade em suas práticas violentas, criou também uma outra quebra na fratura colonial entre questões coloniais e ambientais, tornando-a dupla (Ferdinand, 2022). Com isso, a ideia de “intelectualidade mulata” surge como uma metáfora metodológica para tratar do fazer etnográfico no contexto desta tese: uma etnografia multiespécie que leva em conta a corporalidade racializada de quem faz a pesquisa e seus efeitos. Esse é o ponto de chegada da tese, uma reflexão sobre a prática intelectual quando o “saber localizado” (Haraway, 2009) vem da condição de um corpo racializado como negro. Esse último capítulo pretende explicitar a necessidade de politização da etnografia multiespécie no que se refere ao tema da colonialidade e da racialidade.¹⁰

A metodologia da pesquisa nos leva, por fim, à conclusão desta tese. A etnografia no espaço do Santuário envolveu o mapeamento de suas atividades, análise de redes sociais, leitura de documentos institucionais e de licenciamento ambiental de empreendimentos ao longo dos quase cinco anos de realização do doutorado. Além disso, foram feitas entrevistas com diretores, veterinários e tratadores, bem como trabalho de campo ao longo de quatro semanas dentro do próprio Santuário, em 2022, quando atuei como voluntária auxiliar de tratadores e na equipe de divulgação virtual durante a chegada de novas elefantas. Já as

⁹ O termo faz referência a mulas, equino oriundo do cruzamento entre *Equus caballus* (cavalos ou éguas) e *Equus asinus* (burros).

¹⁰ Embora a tese aborde o tema da racialidade, eu evito localizar racialmente meus interlocutores. Certamente as assimetrias sociais cujas bases eu exponho aqui se materializam no trabalho das diferentes instituições, seja na totalidade de sujeitos brancos em cargos de direção ou administrativos ou mesmo na expressão “tomar como negro” usada em espanhol para se referir aos baixos salários que caracterizam o trabalho dos tratadores com os quais tive contato. No entanto, a discussão sobre racialidade no campo é mais visível pela estrutura dos espaços, pela história dos zoológicos que visitei e pela minha própria figura. Nesse sentido, em lugar de apontar a racialidade de meus interlocutores, a maneira de apresentar essa discussão segue a mesma forma do campo, a partir da história das instituições e a partir de minha própria corporalidade.

considerações sobre a investigação da ElephantVocies em Moçambique foram baseadas na investigação documental em artigos científicos, entrevistas concedidas a terceiros, análise de textos institucionais em redes sociais e plataformas virtuais informativas da instituição. No Ecoparque de Buenos Aires a pesquisa de campo por três meses, feita em 2022, incluiu entrevista com o então diretor, tratadores, biólogos e veterinários, como também visitas a laboratórios e instalações de pesquisa, a bases de reprodução de espécies locais ameaçadas de extinção e a treinamentos de elefantes. Já no zoológico de Sorocaba, foram feitas 11 visitas entre os anos de 2022 e 2023. Na conclusão, assim, observo como a circunstância atípica de produção de pesquisa em meio à pandemia de Covid-19, implicou na necessidade de repensar os caminhos da pesquisa e a priorizar o engajamento com a experiência colonial compartilhada entre os corpos dos elefantes em quatro lugares diferentes e o meu próprio.

Capítulo 1. O Santuário de Elefantes Brasil e as assembleias multiespécies

Inaugurado em 2016, o Santuário de Elefantes Brasil (SEB) possui uma área de 1.100 hectares no Mato Grosso e capacidade para receber até 50 elefantes, o que até 2023 se restringia a nove fêmeas da espécie *Elephas maximus* (elefante-asiático): Maia, Guida, Ramba, Lady, Rana, Bambi, Mara, Pocha e Guillermina. A narrativa sobre o surgimento da instituição se deu antes mesmo da criação do Santuário, pois estava associada a ElephantVoices, uma organização global que desenvolve projetos de pesquisa, *advocacy* e divulgação científica a respeito de elefantes, e tem como missão promover “proteção e tratamento mais gentil de elefantes onde quer que estejam”.¹¹

O trabalho de pesquisa de mais de três décadas da ElephantVoices legitima a atuação da Global Sanctuary for Elephants¹² em sua proposta de construir santuários para elefantes em diferentes lugares do mundo. O SEB é o primeiro deles. Desde 2010, essas organizações acompanham cerca de 30 elefantes que vivem em cativeiro na América do Sul (Nunes, 2016). Segundo o Santuário, a necessidade de sua existência se dá pela presença de elefantes que foram trazidos para zoológicos e circos na América do Sul e pela inviabilidade de seu retorno aos continentes em que são espécies nativas. Assim, pesquisadores e parceiros do SEB se colocam como porta-vozes de elefantes que estão em sofrimento, recebendo apoio financeiro e midiático de um amplo contingente de pessoas engajadas na causa animal.¹³ É esse público que acompanha pelas redes sociais o cotidiano e as trajetórias de cada um dos animais resgatados.

Mara é um dos elefantes referenciados no Santuário por sua história traumática. Ela nasceu na Índia na década de 1970 e foi comprada por um zoológico na Alemanha que pertencia à família Hagenbeck, o Tierpark Hagenbeck. Como muitos dos elefantes, Mara foi depois vendida e passou por três circos no Uruguai e dois na Argentina. Não é novidade para tratadores, veterinários e zoológicos que trabalham com elefantes o fato de que as últimas décadas trouxeram uma mudança drástica no modo como as pessoas estabelecem contato com esses animais. Tal mudança, embora não se restrinja a isso, pode ser bem ilustrada pela imagem do *hook*, uma estaca de metal ou madeira com um gancho na ponta. O objeto foi

¹¹ Informações presentes na página institucional da ElephantVoices. Disponível em: <https://www.elephantvoices.org/about-elephantvoices/what-we-do.html>. Acesso em: 14 dez. 2023.

¹² Para esse tema ver o Capítulo 2.

¹³ O processo de chegada de duas elefantas trazidas da Argentina, Pocha e Guillermina, por exemplo, foi exibido em uma *live* de mais de 7 horas de duração transmitida pelo perfil de Facebook do Global Sanctuary for Elephants, que conta com mais de 141 mil seguidores. O público que assistia parecia bastante familiarizado com as elefantas do Santuário e perguntava sobre como e onde estavam *as outras meninas*. O evento teve mais de 94 mil visualizações e mais de 13 mil comentários, a maior parte em inglês.

usado por muito tempo no treinamento de elefantes em circos e zoológicos. Nesse tipo particular de manejo, o *hook* era usado para orientar o movimento que elefantes deveriam fazer e puni-los diante do não cumprimento das tarefas. Conforme me relataram os diretores e veterinários do Santuário, o treinamento para que elefantes realizassem atividades circenses era um processo que envolvia muita violência física, com açoites e perfurações na pele provocados por esse instrumento. Cada posição de uma apresentação circense, por exemplo, é aprendida por elefantes ainda filhotes com o uso de cordas acompanhadas por agressões.¹⁴ O *hook* é um dos principais objetos que figuram narrativas sobre tortura e maus tratos de elefantes, impulsionando assim o argumento para a mudança na forma de se relacionar com elefantes.

Trata-se de um contexto de controle absoluto de treinadores sobre as expressões corporais dos animais, o modo como se mexem, os sons que emitem e os movimentos que ocupam seus dias. É inevitável que nessas circunstâncias os elefantes desenvolvam uma constante atenção aos comportamentos dos humanos, para antever e evitar violências, ao reproduzir o comportamento esperado, ou se proteger delas. Mara, por exemplo, segundo seus tratadores no Santuário de Elefantes do Brasil, analisa e estuda o comportamento das pessoas. A sensação que os tratadores têm de serem estudados por Mara aparece também na fala de seus antigos treinadores no Zoológico de Buenos Aires. Para esses profissionais o histórico traumático faz com que elefantes fiquem atentos e busquem os momentos em que humanos se distraem para atacá-los. Mara veio desse contexto de treinamento e, como outros elefantes em tal situação, reagiu ao atacar e matar um de seus treinadores de circo e também atacar ao menos dois de seus veterinários no Zoológico. Na conversa que tive com um deles, mencionou que entendeu a reação de Mara como um aviso.¹⁵

A ideia de que o comportamento de Mara diante da distração de humanos seja uma reação traumática às violências que viveu está em consonância com pesquisas que indicam que elefantes sofrem de estresse pós-traumático (Derham; Mathews, 2020).¹⁶ Embora os comportamentos reativos de Mara sejam marcantes, a sua biografia é compartilhada com

¹⁴ Aqui há uma escolha intencional não expor objetos ou imagens de tortura. Embora essas imagens possam ser encontradas com facilidade em bancos de fotografias virtuais, elas reforçam um lugar da violência e subjugação dos corpos que embora descreva, quero me deslocar aqui (no sentido que podem reforçar o imaginário do qual proponho me afastar). As imagens e descrições de uma reportagem produzida na conhecida organização em prol dos direitos animais PETA parecem bem alinhadas às descrições que ouvi de interlocutores. Ver: <https://headlines.peta.org/how-circuses-train-baby-elephants/>. Acesso em: 15 dez. 2023.

¹⁵ Entrevista com Joaquim Gargano, veterinário no antigo Zoológico de Buenos Aires, julho de 2023.

¹⁶ Naveh e Bird-David (2014), por exemplo, apresentam uma descrição sobre a maneira que os Nayaka (grupo no sul da Índia) caracterizam reações ditas agressivas de elefantes como decorrência de sentimentos de tristeza e solidão.

elefantes asiáticos que viveram em circos. Não à toa a história de Mara não destoa daquela das elefantas que viveram no SEB.

Em outubro de 2016, Guida e Maia foram as primeiras elefantas a habitar o SEB. Elas viveram juntas por cerca de 40 anos trabalhando em circos antes de chegar ao Santuário. Ainda que a mudança de nomes a cada transferência de circo dificultasse a identificação de alguns percursos, sabe-se que nasceram na Tailândia e depois de passarem pelo Circo Hagenbeck, que veio da Alemanha para a Argentina, e pelo Circo Tihany, já no Brasil, chegaram finalmente ao que parece ter sido seu último, o Circo Portugal. Em junho de 2010, as elefantas se apresentaram pela última vez. Algumas ações judiciais as levaram até o Zoológico de Salvador e, posteriormente, até uma fazenda em Minas Gerais, onde viveram separadas e acorrentadas por seis anos. Fica evidente nas descrições do SEB a ênfase no isolamento vivido por elas.¹⁷

Rana foi a terceira elefanta a chegar no Santuário, em dezembro de 2018. Ela tem idade estimada de 50 a 60 anos e pertenceu a diversos circos desde 1967, data de sua chegada ao Brasil. Em 2012, passou a habitar um Hotel Fazenda Zoológico, cujo dono foi processado por maus tratos aos animais. Ali ela habitava uma área de 1.000 m² sem árvores ou contato com outros elefantes.¹⁸

A elefanta Ramba, por sua vez, chegou ao Santuário em 2019, vinda de um zoológico no Chile, para onde foi levada após 40 anos se apresentando no circo Los Tachuelos. Em 1997 ela parou de se apresentar no circo, mas ainda assim permaneceu com problemas renais crônicos possivelmente devido à ausência de água potável durante os anos de exibição. Sua relação ambígua com os humanos é enfatizada nas marcas de seu próprio corpo, como afirma a informação para arrecadação de doações no período de seu resgate: “tem inúmeras cicatrizes e antigos abscessos em seu corpo, feitos por correntes e *bullhooks* (ferramenta de madeira ou metal com gancho de aço na ponta, usada para ferir os elefantes a fim de que se submetam ao treinador)”.¹⁹

Também em 2019 a elefanta Lady chegou ao SEB, vindo do Parque Zoobotânico de

¹⁷ O que podemos ver em algumas das postagens no perfil de Facebook do santuário. Disponível em: <https://www.facebook.com/santuariodeelefantes/photos/a.430558530378970/2113866162048190/?type=3>. Acesso em: 18 dez. 2023.

¹⁸ Mais informações na matéria de Eunice Ramos, disponível em: <https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2018/12/22/elefanta-explorada-em-circos-se-torna-a-3a-moradora-de-santuario-para-elefantes-em-mt.ghtml>. Acesso em: 13 ago. 2023

¹⁹ Trecho retirado de matéria no portal G1 MT, disponível em: <https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2019/08/06/santuario-faz-campanha-para-trazer-a-ultima-elefanta-de-circo-do-chile-para-mt.ghtml>. Acesso em 21 jan. 2024.

João Pessoa, Paraíba, onde vivia desde 2013 depois de se apresentar em um circo do Rio Grande no Norte. A história de Lady tem ainda a peculiaridade de que, mesmo depois de sua saída do circo e transferência para o Zoológico, o tratamento de suas patas continuava a ser feito por seu antigo treinador circense, por vezes acompanhado do *hook*. Em uma conversa com seus antigos tratadores no Zoo de João Pessoa, Lady é lembrada por seu hábito de todos os dias testar com a pata o funcionamento da cerca elétrica e sempre que possível fugir do recinto para comer folhas que cresciam perto do córrego que passava a poucos metros dali.²⁰

Uma discussão já conhecida na antropologia experimenta usar biografia e memória como ferramentas para o fazer antropológico (Kofes, 2015). Se o próprio uso da biografia é capaz de tencionar pressupostos antropológicos, o que acontece quando no centro dessas biografias estão seres que não são humanos? O tema da biografia é também acionado por Vinciane Despret (2022) para pensar uma expansão especulativa em torno da relação entre humanos e espécies com os quais se vinculam. Olhar paralelamente para a biografia de elefantes que viveram em circos e zoológicos e para a história do SEB permite ver que o Santuário constrói para si uma narrativa atrelada ao trauma das elefantas (Campos, 2021). A própria biografia do Santuário é justificada pela história de vida traumática compartilhada por elefantes que vivem em circos e zoológicos.

A abordagem antropológica do tema nos mostra como biografias costumam ser escritas para incitar admiração ou aversão, criar personagens, incorporar ideias e valores (Kofes, 2015). Desta perspectiva, portanto, podemos ver como, por meio das memórias de trauma e sofrimento de elefantas, o Santuário de Elefantes Brasil se coloca como o principal defensor desses animais na América do Sul e o único destino que pode prover aos elefantes de circo e zoológico um final de vida em que possam expressar seus comportamentos “como elefantes”.

Assim, o SEB compõe para si uma narrativa que associa a expertise de profissionais a uma resposta às condições de sofrimento na vida de cativo de elefantes neste continente. Depois de décadas de trabalho forçado, o Santuário se torna um espaço em que os paquidermes traumatizados “podem ser elefantes de novo”.²¹ A narrativa institucional apresenta a potência do SEB: sua capacidade de gerar a expressão de comportamentos

²⁰ Entrevista com tratadores de Lady no Zoológico de João Pessoa, Paraíba, 15 de junho de 2023.

²¹ O *slogan* é repetido na postagem principal do site do SEB: “Ajudando elefantes a serem elefantes de novo”. Disponível em: <https://elefantesbrasil.org.br/>. Acesso em: 17 jan. 2024. Ainda que o Santuário procure criar um ambiente que se quer natural, um espaço que permita um retorno ao estado de elefante, os interlocutores descreveram suas atividades a partir de tarefas de cuidado específicas, cujo objetivo é a produção de um ambiente entendido como natural.

naturais, como o de caminhada, o contato com o solo, lama e com chuva. A relação dos elefantes com a multiplicidade de seres que habitam os 1.100 hectares e com os próprios fatos climáticos do espaço se opõe ao tipo de relação que anteriormente podiam estabelecer. Ingo, tratador trabalhou com elefantes em diferentes países do mundo, considera que aquele espaço é o único entre os que atuou “onde elefantes podem viver, expressar seus comportamentos, onde elefantes podem ser elefantes”.²²

Embora nas conversas que tive as relações estabelecidas no Santuário parecessem muito fluidas e alimentadas pelos próprios comportamentos e instintos naturais, a rotina de trabalho de tratadores mostrava que era necessário que eles se ocupassem de uma série de funções: alimentação, compostagem de fezes e cuidado com patas. Nas savanas ou florestas tropicais úmidas, habitats naturais de elefantes africanos e asiáticos, a alimentação, a compostagem de seus dejetos e o desgaste de suas unhas seriam aspectos providos em sua relação com o próprio espaço. Em seus movimentos migratórios, deslocam-se em busca de alimento, água e espaços de descanso. Nesse percurso, o contato das patas com o solo produz o necessário desgaste de suas unhas.

Narrativas e relações cotidianas acionam assim memórias traumáticas e idealizações de um ambiente anterior e natural. Décadas de vida em zoológicos e circos com frequência deixam suas marcas na corporalidade de elefantes afetados por infecções dolorosas, e às vezes crônicas em suas patas, como é o caso de Lady. Ainda que o Santuário afirme ser um espaço que permita um retorno ao estado de elefante a partir do contato com um ambiente natural e sem a intervenção dos humanos, a descrição das atividades de interlocutores revela que esse espaço também se produz com um grande engajamento multiespecífico. É sobre esses engajamentos multiespecíficos de cuidado e como eles se aproximam e se distanciam de narrativas traumáticas que este capítulo trata.

1.1. Movimento: dos zoológicos aos santuários

Em 26 de abril de 2022 o planejamento para mais uma manhã no Santuário estava pronto. Os tratadores se preparavam para alimentar os elefantes quando chegou a notícia de que havia enfim saído o último documento necessário para a transferência de Guillermina e Pocha, duas elefantas que viviam no Zoológico de Mendoza, na Argentina. A liberação para a transferência tinha sido assinada pelo Ministério do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável daquele país. A preparação para a transferência de Pocha e Guille mudava o foco

²² Conversa com o tratador Ingo no Santuário de Elefantes do Brasil, 11 de abril de 2022.

do que seria necessário fazer nas semanas seguintes: o trabalho no Santuário está ligado não apenas a uma sequência de procedimentos e cuidados ali dentro do SEB, mas também do lado de fora.

Naquele mesmo dia, a visita da advogada abolicionista Maria Leticia Filpi ao Santuário enfatizava esse caráter. Leticia, que se caracteriza como advogada dos animais e não das instituições, acompanhou alguns clientes cujos casos se tornaram nacionalmente conhecidos: como o dos dezoito filhotes de girafas importadas da África do Sul para o Brasil²³ e o das búfalas de Brotas, quando 335 vacas e 332 bezerros foram encontrados abandonados no interior de São Paulo.²⁴ Como o próprio Santuário, em suas redes sociais Leticia noticiava o desenrolar dos casos nos quais atuava. Sobre sua visita no Santuário, Leticia postou:

Fotos do dia em que eu fiz uma visita a esse paraíso para conhecer uma de minhas clientes mais queridas, a elefantinha Bambi. [...] Santuários não são zoológicos, são o contrário. Ao invés de lucrar com a compra, venda e exposição pública de animais escravizados, os santuário resgatam e dão liberdade e dignidade a animais que viveram confinados em zoológicos, aquários, circos e outros estabelecimentos de aprisionamento e exploração animal, como o Animal Kingdom e Sea World, por exemplo. É por isso que a visitação é proibida, os animais vivem livres e não há exploração comercial de suas vidas. Eu tive a sorte de ver as elefantinhas de perto, mas não era certeza que isso aconteceria, afinal elas têm quilômetros de terra, com morros, rios, lagos e floresta para passear, atrás da cerca que nos separava. Foi lindo poder ver de perto esses seres tão incríveis e como estão bem tratadas e felizes no santuário. Gratidão eterna a todos.²⁵

O trabalho de Leticia evidenciava que a atuação do SEB dependia do trabalho não apenas dos tratadores dentro do Santuário, mas de um número variado de atores. Leticia, por sua vez, não era advogada da instituição, mas da própria Bambi. A partir de uma perspectiva antropológica, isso implicava atentar para a assembleia mais que humana (Tsing, 2019) que viabiliza o cuidado com elefantes marcados pela memória de traumas associados a sua relação com humanos. O termo assembleia para Anna Tsing (2019) caracteriza seres humanos

²³ Ao menos quatro dessas girafas morreram depois de chegar no Brasil, sobre o caso ver a matéria de André Trigueiro para o G1 Rio de Janeiro: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2023/07/08/morre-mais-uma-das-girafas-importadas-pelo-bioparque-do-rio.ghtml>. Acesso em: 21 jan. 2024.

²⁴ Sobre este último caso, ver a matéria de Ana Marin e Thainá Araújo no portal G1 São Carlos e Araraquara, disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2021/11/25/bufalas-de-brotas-entenda-o-que-esta-acontecendo-na-fazenda-onde-animais-foram-encontrados-em-situacao-de-abandono.ghtml>. Acesso em: 21 jan. 2024.

²⁵ Postagem no perfil de Instagram da advogada Maria Leticia Filpi (@marialeticiafilpi), feita em 26 de junho de 2022.

e não-humanos como elementos constitutivos de um encontro. A assembleia permite uma descrição crítica na medida em que diferentes seres envolvem-se como agentes (Tsing, 2019). As assembleias descritas pela autora envolvem, por exemplo, cogumelos, florestas de pinheiros e agricultores. No contexto desta tese, as assembleias envolvem elefantes, tratadores, veterinários e o cerrado. Para descrever tais encontros, passei a prestar atenção na relação entre tratadores e elefantes no SEB, como o tratador Ingo, a elefanta Bambi, o veterinário Mateus e a elefanta Mara, durante o tempo em que realizei pesquisa de campo, seguindo a sua rotina de trabalho e seus procedimentos diários.

Desde a minha primeira semana no SEB, repetidas vezes fui orientada a não estar nas áreas próximas aos elefantes sozinha. A cada dia eu seguiria um dos tratadores, acompanhando-os em suas atividades cotidianas. Ao segui-los entendi sua rotina de trabalho, a dinâmica que estabeleciam com elefantes. “Seguir” acabou por se tornar uma boa metáfora para outras etapas da pesquisa. No Santuário, seguir os tratadores me levava da cozinha dos elefantes aos momentos de alimentação, dos tratamentos no centro médico à higienização de utensílios, das caminhadas para buscar folhas de palmeiras para as *meninas*²⁶ à observação de elefantes no fim do dia.²⁷ O espaço do Santuário era segmentado entre a parte em que viviam os elefantes e a parte em que estavam casas e áreas de preparo de alimentos. Na primeira região estavam duas casas, a cozinha dos elefantes, curral, galinheiro e área de manutenção de equipamentos. Em outra parte, ficavam os recintos dos elefantes (chamados de *yards*). As elefantas asiáticas ocupam uma região de 28 hectares que era subdividida em quatro áreas menores. Cada um dos *yards* era identificado com números e letras e a partir de algum marco de referência: o centro médico (mais frequentemente chamado de *barn*), a árvore onde elefantes gostam de se coçar, uma pequena área de tratamento no recinto 4B, a lagoa, a *camera pole*, os *tanques de água*. Devido ao terreno acidentado, toda a movimentação era feita em quadriciclos ou carros com tração, da entrada até os *yards* eram cerca de 6 minutos e, de lá, mais 5 minutos até a região da casa. Seguir o movimento de interlocutores me fazia ver sua dinâmica com os elefantes e outros seres com os quais conviviam no Santuário, em outros momentos também me levava a acompanhá-los nos caminhos e casas da pequena vila de Rio

²⁶ A flexão de gênero da palavra “elefante” e o termo “meninas” marcam que todos os espécimes de elefante que o Santuário abrigava no momento da pesquisa eram fêmeas. Embora não seja um tema desenvolvido na tese, é curioso notar que em conversas cotidianas no Santuário certas expectativas comportamentais de gênero eram também atribuídas a elefantes (como a ênfase em atitude delicadas e de afetividade), ao mesmo tempo que apareciam também nas dinâmicas das chamadas “memórias traumáticas”. Bambi, por exemplo, tinha seus seios distendidos. Interlocutores questionavam que se tratava de um comportamento comum entre treinadores de circo apalpar e puxar peitos de elefantes fêmeas, o que poderia ter produzido esse efeito.

²⁷ “Recinto” é o termo usado para denominar as áreas em que os animais vivem nos zoológicos, podem ser assim denominadas áreas de manejo, de tratamento ou de exposição. No caso do Santuário, o termo faz referência ao modo que os 1.100 hectares são subdivididos em terrenos segmentados.

da Casca.

A tarefa que cada um dos tratadores fazia era combinada no início do dia por Scott Blais, diretor do Santuário, que também definia a quem eu acompanharia nos dois diferentes turnos (manhã e tarde). No período da pesquisa acompanhei o trabalho dos tratadores Shirlei, Antomilso Oliveira (conhecido como Panto), Ingo e Kairo, dos veterinários Trish London e Mateus, e dos diretores Katherine Blais (conhecida como Kat) e Scott. Seguir esses interlocutores em diferentes momentos me permitiu acompanhar certos padrões na rotina do dia: a chegada no santuário, o preparo do café-da-manhã da elefantas, os momentos de alimentação, a limpeza de recintos, a limpeza do reservatório de água, os tratamentos, a alimentação de outros animais do Santuário e, posteriormente, o preparo do jantar dos elefante e de seus medicamentos. Dois casos são bastante marcantes, a da interação entre a elefanta Bambi e tratador Ingo e da elefanta Mara e o veterinário Mateus.

Ingo entrou no recinto dos elefantes para limpar a região no entorno do lago. A predileção das elefantas pela região próxima ao lago implicava que ali também sempre havia dejetos para retirar. Nesse dia, Mara, Rana e Bambi estavam em uma região pequena, anexa ao 4B, próximo à *camera pole*. Como estavam isoladas de nós, entramos andando seguindo a mesma trilha que as *meninas* usam. Estávamos cercados de vegetação rasteira, arbustos e árvores de diferentes tamanhos espalhadas. Andamos cerca de três minutos até ver o lago que era profundo o suficiente para os elefantes se deitarem.

Ali Ingo tirava fezes de dentro do lago com uma peneira de haste longa. Na medida em que andávamos eu perguntava sobre sua trajetória. As entrevistas e conversas no Santuário eram frequentemente realizadas durante as atividades cotidianas. Ingo contou que tinha chegado há poucas semanas vindo da Espanha, onde morava, mas sua formação como tratador de animais foi feita na Alemanha, onde nasceu e viveu durante a juventude. Sua trajetória por diversos países tinha contribuído para a percepção de que para os elefantes “não importava que nome um lugar tinha, eles não liam alemão, inglês ou português, não liam a placa na entrada”. Mas para eles, como “animais selvagens”, “o que importa é o solo sem concreto, a possibilidade de ver o entorno, os banhos de lama, a grama, os banhos de sol” e “sem shows”.²⁸ Assim como Scott, Ingo tinha começado seu contato com elefantes em um contexto muito diferente daquele, em zoológicos. Nas suas memórias de juventude, os cheiros de diferentes animais se misturavam no zoológico, enquanto ele e um elefante se deitavam para dormir juntos. O saudosismo de Ingo dos odores e cenas dos zoológicos se contrapunha ao modo agressivo com o qual era instruído a lidar com elefantes naquele período. O

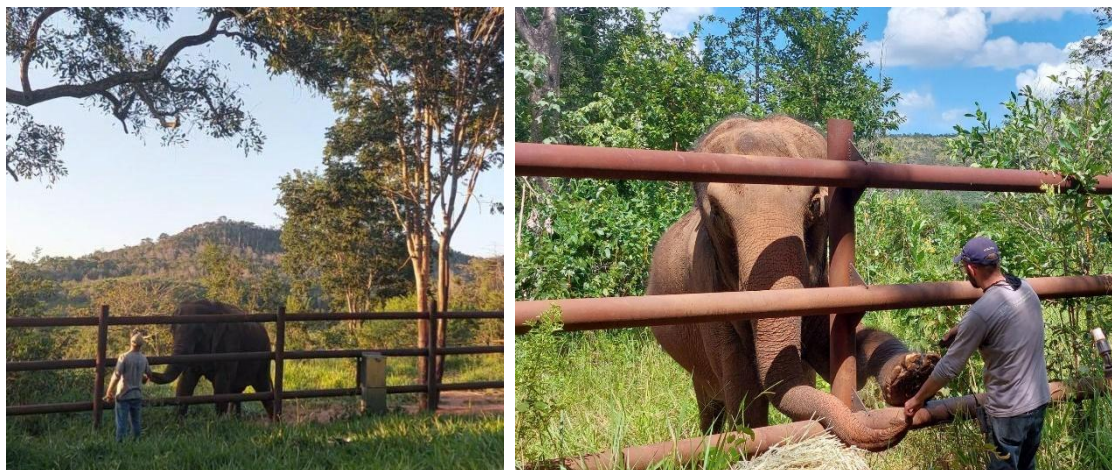
²⁸ Trecho adaptado da fala de Ingo.

Santuário, por sua vez, exigia que elefantes e humanos estivessem sempre separados por cercas, um tipo de limitação que visava a proteção de ambos.

Em seu tempo no Santuário, Ingo começou a treinar Bambi, que chegou em setembro de 2020 vinda do Zoo de Ribeirão Preto. Bambi era a única elefanta que tinha chegado ao Santuário sem nenhum treinamento. Em momentos próximos aos horários das refeições, Ingo costumava ficar um tempo com Bambi treinando alguns comandos. Naquele período estavam aprendendo um comando elementar e inicial: o de contato entre mão humana e tromba. Com o passar dos dias, Bambi e Ingo avançaram no treinamento. Ingo estendia a mão em sua direção, dizia “*Bambi, give me your nose*” ou “*Bambi, nose*”. Bambi, por sua vez, aproximava a tromba na direção de Ingo, o toque que inicialmente era tão breve quanto possível, com o passar dos dias ia se estendendo. Ela paulatinamente passava a deixar a tromba em contato com a mão humana por um tempo cada vez maior. Ele assobiava e entregava a ela as frutas, seu *reward*, e dizia “*good girl*”. Esses movimentos se repetiam, eram bastante curtos, e duravam menos de 3 minutos. Em conversas com o diretor Scott, Ingo costumava falar como tinha sido o treinamento daquele dia e eles comentavam quais as posturas de Ingo e de Bambi poderiam ser ajustadas. Embora Bambi estivesse “interessada na interação, na brincadeira, ela não parecia muito concentrada e tirava a tromba do contato com a mão de Ingo muito rapidamente. Ingo, por sua vez, tendia a apitar muito rápido dando a ela a sensação de que seria recompensada por ter estendido a tromba e não por ter mantido a tromba em contato com a mão de Ingo.”²⁹ Scott e Ingo simulavam com suas próprias mãos como deveria ser o treinamento. Scott repetia “*Give me your nose*”, Ingo estendia sua mão em direção a Scott e eles simulavam o tempo do treinamento, que serviria para qualquer tipo de interação que os humanos do Santuário fossem estabelecer com Bambi. Era também com esse contato que Mateus e Mara faziam o tratamento.

²⁹ Trecho adaptado da explicação de Scott sobre o treinamento de Bambi.

Figura 2 - Ingo e Scott durante o treinamento com Bambi no movimento de mãos e trompa juntos



Fonte: Fotografias de campo, abril de 2022.

Mara tinha sido o último elefante a chegar ao Santuário, em 2020, ainda em meio à pandemia de Covid-19 ela foi transferida desde o Ecoparque de Buenos Aires. O Ecoparque foi construído em 1985 como um Zoológico e apenas em 2016 tinha iniciado o programa para transformar sua atuação. A transferência de Mara para o Santuário fazia parte dessa mudança. Desde que chegou, Mara tinha pequenos ferimentos em diferentes regiões do corpo. Um exame citológico confirmou a suspeita de terem sido provocados por picadas de aracnídeos, motivo pelo qual Mara era inspecionada e recebia pomadas quase todos os dias, procedimento que era chamado de “tratamento”.

Depois que passávamos pelo centro médico e deixávamos ali a comida de Lady, seguíamos de quadriciclo margeando a cerca dos recintos. Muitas vezes encontrávamos Mara, Rana e Bambi entre o 4A (onde havia o primeiro tanque de água) e o 4B (onde estavam o segundo tanque e a área de tratamento). Via Mateus chamando *as meninas*, o que fazia às vezes ficando de pé no quadriciclo e batendo em um dos *baldes* com a mão para fazer barulho e atraí-las. Como os outros tratadores, Mateus sempre encontrava apelidos para as elefantes e às vezes chamava Mara de Maravilhosa ou Miss Mara. Mara e as outras *meninas* iam seguindo o quadriciclo até a área de tratamento. Os outros tratadores seguiam para perto do *camera pole*, uma câmera rotativa fixada no alto de um mastro, controlada pelo dispositivo que ficava na sala do Santuário. A cerca de 50 metros de distância dali, chamando Rana e Bambi. Mara se aproximava e esperava perto da área de tratamento. As áreas de tratamento eram espaços como baias de cercas altas onde tratadores e elefantes poderiam ficar próximos o suficiente para se tocarem. Depois que as outras *meninas* iam em direção aos tratadores que chamavam por seus nomes, Mateus abria o portão da área de tratamento e colocava no chão

uma caixa de frutas. Essa separação era feita em movimentos sincronizados combinados minutos antes entre os tratadores, com a intenção de atrair elefantes usando comida para os espaços em que os tratadores pudessem examiná-los com segurança.

Mara se aproximava, entrava na área de tratamento devagar e posicionando o corpo entre as barras de ferro que a separam dos veterinários Mateus e Trish. Enquanto isso, Trish pegava no quadriciclo os utensílios que seriam usados para o tratamento: aspersor de *bug spray*, luvas e pomadas. A maior parte dos tratamentos no Santuário eram feitos com homeopantias e outras abordagens não alopáticas. Durante o tratamento de Mara era possível sentir o cheiro de arnica da pomada que Trish e Mateus passavam em pontos específicos de seu corpo. Conforme instruído, eu me posicionava a uma distância de cerca de 3 metros, de onde não conseguia ver os machucados na pele de Mara, mas via a sequência de procedimentos: primeiro a limpeza com água, depois a aspersão de antisséptico, pomadas e aspersão de *bug spray*. Mateus limpava e passava pomada mantendo a mão ligada à tromba de Mara. De modo similar a Ingo no treinamento de Bambi, Mateus assobiava, soltava a tromba, pegava um pedaço de melancia e entregava na tromba de Mara. Esse processo se repetia várias vezes até que estivessem terminado o tratamento. Ao final, Mateus abria o portão novamente e Mara saía da área de tratamento. Como nos demais procedimentos, Mateus ou Trish avisavam ao restante da equipe pelo rádio “*Mara is out*”.

Aquela não era a única forma de fazer o tratamento em Mara ou de examiná-la. A depender de onde as *meninas* estavam, o tratamento também poderia ser feito através da cerca. Nesse caso, uma pessoa se posicionava perto do rosto de Mara e mantinha com ela o contato da tromba e os mesmos comandos enquanto Mateus examinava a parte posterior de seu corpo. A proximidade com o corpo dos elefantes durante o tratamento exigia que tratadores com frequência se posicionassem abaixados ou de joelhos de frente para os elefantes. Isso permitia que aqueles humanos se mantivessem atentos aos olhos destes elefantes, às suas expressões e às suas reações. Conforme me explicaram, através do contato visual era possível identificar como elefantes estavam se sentindo, se estavam com dor ou desconforto, se estavam engajados no tratamento e concentrados, se estavam sonolentos ou animados. Cada um desses estados emocionais determinavam o modo como o tratamento seria feito, se seria na baia ou entre a cerca, se seria rápido ou mais demorado.

Figura 3 - Scott segurando a tromba de Mara enquanto Mateus a examina



Fonte: Fotografia de campo, abril de 2022.

No contato entre mão e tromba assumia-se que se o elefante estivesse confortável, não haveria perigo iminente para os humanos. Interlocutores diziam que elefantes davam avisos e mostravam quando não estavam confortáveis com um olhar severo, micro agressões e movimentos com a cabeça em direção à cerca. Os movimentos bruscos de elefantes contra a cerca faziam um barulho alto e avisavam que o tratador deveria prestar mais atenção, estar mais presente. “Você tá certa, me distraí”, ouvi Scott falar com Lady durante um tratamento. Desculpava-se por ter se distraído ao falar com Trish sobre o procedimento que faziam ali. Embora a distração de Scott pudesse passar despercebida para outro humano, ela era muito nítida para Lady. Ali, tratadores e veterinários pareciam escolher “ficar com o problema” no encontro multiespecífico (Haraway, 2016), a relação multiespécie que se estabelecia ali não prescinde igualdade no comportamento de humanos e de elefantes. Em outras palavras, tratadores não se relacionavam com elefantes como se compartilhassem uma mesma espécie. A comunicação da mão e da tromba, dos olhares e dos ruídos, aparecem como um ponto de encontro. No entanto, tratadores e elefantes sabem que suas diferenças constitutivas também fazem emergir riscos e implicam cuidados e responsabilidade. O encontro depende da capacidade dos tratadores em responder às biografias de elefantes e ao modo que estão se sentindo em cada dia.

Ao mesmo tempo, o encontro entre elefantes com histórias de vida compartilhadas produzia uma manada bastante particular, em que indivíduos não tinham relações consanguíneas, mas faziam-se parentes no espaço do Santuário. A história comum da vida em circos e zoológicos, as memórias compartilhadas de violência, tanto implicam uma dinâmica particular de comunicação com tratadores como também em um tipo de relação profunda entre elefantes daquela pequena manada, se acompanhavam em seus movimentos ao longo do

dia frequentemente tocando os corpos umas das outras de modo sutil e carinhoso. Como com elefantes em *habitat* natural, ali também a manada se fazia pelos movimentos coletivos em direção ao lago para refrescar os dias quentes, em banhos de lama, nas trilhas que criavam na vegetação do cerrado e mesmo nas caminhadas em direção aos quadriciclos e aos humanos que lhes entregariam as frutas que mais gostavam.

Para os humanos ali, estar entre elefantes exigia engajar-se em sua dinâmica de movimento e de comunicação. Uma camada daquela comunicação não era tão explícita para quem não tinha as mãos envolvidas no toque da tromba. Trish costumava dizer “Eu sei, eu sei”, quando algum elefante mostrava desconforto com o barulho do quadriciclo ou surpresa com a proximidade de um cachorro. “Eu sei” não era uma afirmação condescendente, mas parte de um diálogo em curso. Uma conversa que envolvia o tato de tromba e mãos, o encontro dos olhares, os joelhos no chão em posição de quase devoção, “Eu sei” era uma reação em meio a uma conversa mais longa. Essas outras camadas de comunicação entre elefantes e humanos não apenas eram parte do cotidiano como também eram incentivadas e necessárias para a dinâmica proposta no SEB. O fundamento que dava base era que os elefantes compreendiam não estritamente as palavras, mas as intenções dos humanos. Em um contexto em que os *hooks* e instrumentos de agressão não existiam, a única forma de aproximação segura entre elefantes e humanos era a atenção contínua e a tentativa de expressar a intenção de ajudá-los.

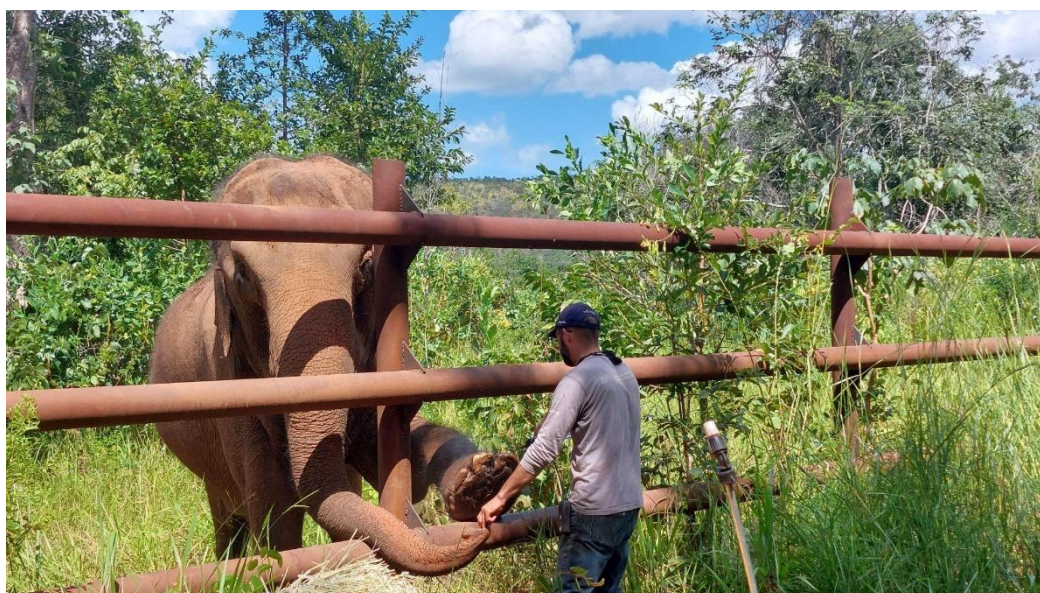
Assim, na narrativa dos interlocutores, os próprios elefantes atribuem intencionalidade aos humanos. Por isso, nessa comunicação é importante, como me explicou Scott, que “os humanos se posicionem sempre dentro do campo de visão dos elefantes, assim ela não precisa focar atenção em dois pontos e acabar se tensionando com a presença de uma pessoa desconhecida”.³⁰ Também aprendi que é importante manter uma postura relaxada, confortável, porque a leitura de que o humano está tenso também tende a gerar tensão nos elefantes. Na explicação de Scott, elefantes de cativeiro conviveram com humanos por décadas e, alguns, como Mara, “estudam o comportamento dos humanos”. Pela convivência de longo prazo não é difícil para aqueles elefantes identificarem como humanos comunicam tensão ou nervosismo. Na biografia de Mara e das outras *meninas*, a tensão percebida nos humanos historicamente se convertia em ações violentas contra elas, por isso se preocupam ao perceber o nervosismo em seus tratadores. Isso também implicou em movimentos particulares

³⁰ Trecho em itálico adaptado da fala de Scott informando como eu deveria me posicionar enquanto Trish e ele faziam tratamento nas patas de Lady durante a segunda semana no campo.

para minha posição em campo, o aprendizado para ter o corpo sempre relaxado e uma postura tranquila. Enquanto eu mesma me movia por detrás das barras de tratamento ouvia Scott dizer a Lady: “Lady, é a Ana de novo, ela vai observar”. Observar não era uma atividade passiva. Enquanto etnógrafa, eu passava a fazer parte da dinâmica de tratamento em curso e como tal demandava conforto e aprovação de Lady.

Depois de uns dias observando os encontros entre elefantes e humanos, ficaram evidentes os principais comandos: “*line in*” é o comando para aproximação perto da grade ou da cerca. Esse comando pode ser acompanhado de um movimento da mão indicando qual lado do corpo deve encostar na grade. Dois toques na lateral esquerda do corpo, por exemplo, significam encostar aquela parte na lateral da cerca. “*Foot*” indica que o elefante deve colocar a pata apoiada na primeira barra horizontal da cerca. Um ajuste na altura de uma das barras do centro médico tinha sido feito especialmente para que Lady, que tem movimento das patas limitado, conseguisse alcançar a altura. “*Nose*” indicava o encontro entre a mão humana e a tromba dos elefantes. Nesse tipo de contato interessado na comunicação, a mão humana busca perceber a frequência da respiração, o nível de tensão e o quão concentrado está o elefante na atividade. Os elefantes não estão passivos. Os encontros com elefantes nessas situações de tratamento são encarados como atividades de engajamento duplo. As assembleias multiespécies que se compunham ali dependiam do estado emocional dos elefantes e do quão engajados eles estavam com os humanos naqueles momentos.

Figura 4 - Lady e Scott no fundo no recinto 5



Fonte: Fotografia de campo, abril de 2022.

1.2. A rotina de trabalho de tratadores: cuidado e observação

Ao fim da primeira semana estavam evidentes quais atividades ocupavam os dias de trabalho dos tratadores no SEB. Trish, Ingo, Kat e Scott se mantiveram dentro do Santuário ao longo de toda a semana, vivendo nas casas próximas à cozinha dos elefantes. Mas para o resto da equipe, o trabalho também incluía fazer diariamente o trajeto entre o Rio da Casca e o Santuário. Quando me hospedei na casa de Mateus, essa dinâmica ficou ainda mais nítida. Às sete da manhã já estávamos nos preparando para sair da casa que ficava a poucos quilômetros da pracinha de Rio da Casca. No caminho às vezes pegávamos Thiago ou Hebert, que trabalhavam no setor de manutenção. Mateus costumava chegar no Santuário um pouco antes das 8, deixava o carro no estacionamento e ia até o centro médico por uma trilha curta no meio de árvores. Cadastrava o início do horário de trabalho (ponto virtual) no *tablet* e pegava o rádio. Então ia em direção à cozinha dos elefantes com o quadriciclo que tinha ficado ali no dia anterior.

Na cozinha dos elefantes Trish, Ingo ou Panto preparavam o café da manhã. O preparo do café acontecia em duas etapas. A primeira era a da mistura de farelo de arroz, melado, aveia e suplemento. Em seguida eram separadas as maçãs com remédios que tinham sido feitas na tarde anterior. Depois, adicionavam frutas aos baldes. Era um complemento da maior parte da alimentação das elefantas que era de folhas. Tudo era colocado em um carrinho de transporte ligado ao quadriciclo por engate. Enquanto os baldes identificados com os nomes das elefantas eram colocados no carrinho, as cabras Jorgina e Sally tentavam roubar frutas dali.

No caminho para o galpão de tratamento, os olhos dos tratadores procuravam elefantes nas partes altas dos recintos, Trish reduzia um pouco a velocidade no ponto de relevo mais alto do caminho e Shirlei procurava com o olhar por plantas que anta Alma poderia gostar de comer. A partir do portão de entrada do centro médico, a velocidade e o ruído do quadriciclo deveriam diminuir ao mínimo. Manhãs e fins de tarde no galpão de tratamento eram cheios de sons de passarinhos e às vezes ruídos distantes de alguma construção que a equipe de manutenção fazia, como recintos novos para elefantes asiáticos machos e para elefantes

africanos fêmeas³¹. No percurso em direção aos recintos, os acordos sobre o que seria feito naquele turno davam lugar aos cumprimentos à Lady, Maia, Bambi, Rana e Mara.

Os elefantes seguiam os humanos nos quadriciclos para o café da manhã. Mara poderia ter tratamento e, nesse caso, as demais seriam atraídas para alguns metros de distância. Os humanos entregavam os alimentos aos elefantes por entre as cercas com uma distância de mais ou menos 3m uns dos outros: a pilha de alimentos começava com feno, depois suplemento e em seguida frutas. Shirlei sempre tinha pedaços extra de melancia, especialmente nas sextas. Em alguns dias o café da manhã terminava com folhas de palma enormes.

Alguém da equipe deveria observar as elefantas enquanto elas comiam. E, enquanto isso, outras pessoas entravam para limpar o recinto. O tratador que observava os elefantes ficava atento aos movimentos da tromba, ao olhar, à interação entre elefantes. Essa atividade era chamada de “*Baby sit*” em um tom bem-humorado. Os recintos tinham diferentes portões, então era possível que elefantes tivessem acesso a apenas uma área do espaço e boa parte da equipe fosse limpar outra região. Como no dia que limpamos a região ao redor do lago, seguia-se a trilha por onde os elefantes andam. O esterco recolhido depois era jogado em uma grande área de compostagem onde os besouros escaravelhos pareciam viver um sonho. Depois disso o carrinho usado para transportar o esterco era lavado e deixado no centro médico quando os humanos voltavam para a casa ou iam dar comida e fazer o tratamento de Lady, que nunca estava com as demais. Lady sempre se movia em direções diferentes, gostava muito de ficar no fundo em uma área com árvores e vegetação mais altas ou na região ao entorno do centro médico.

Quando voltavam para as redondezas da casa, os tratadores preparavam *medball* e *medapple* para refeição seguinte. As *medballs* eram preparadas com farelo de arroz, melaço e suplemento. As *medapples* eram feitas cavando uma maçã com a colher e colocando lá dentro um pouco de farelo e gotinhas de óleo essencial. Nesse horário, Shirlei também gostava de ir perto do riacho para pegar as folhas e satisfazer as vontades da anta Alma. Um dos tratadores também deveria ir à área das palmeiras para coletar folhas para os elefantes, sempre evitando tirar muitas folhas de uma mesma árvore. Também deveriam passar pela enorme bomba de água e alterar a caixa d'água em uso. Os lugares por onde os tratadores mais se

³¹ Os novos *yards* estavam sendo construídos para que elefantes cujos processos de transferência para o Santuário estavam em andamento. Por exemplo, o elefante asiático macho que Sandro que vivia no zoológico de Sorocaba; o elefante africano Kenya que vivia no zoológico de Mendoza na Argentina; e os elefantes africanos fêmeas Pupy e Kuky, que viviam no Zoológico de Buenos Aires, também na Argentina. Durante o período dessa pesquisa nenhum desses resgates foi concluído.

movimentavam eram: cozinha dos elefantes, galpão de tratamento, recintos, áreas de tratamento, cozinha do galpão de tratamento e bomba de água. Em cada um desses lugares, diferentes seres compartilhavam com eles o espaço. Cachorros, gatos, lagartos, mosquitos, cabras, galos e passarinhos eram os mais conhecidos, as presenças mais cotidianas. Mas também eram frequentes os encontros com cobras, antas, marimbondos, veados campeiros, seriemas e araras na estrada do Santuário e no retorno para casa. Outras equipes circulavam pelos demais espaços do Santuário. A equipe de manutenção passou também a trabalhar em melhorias na estrada para a chegada de Pocha e Guille. Silvana, Angelica e Nil estavam sempre nos arredores da casa, alimentando galinhas e cabras. No fim do dia era comum ouvir a voz de Silvana chamando a cabra Jorgina.

Como estive a maior do tempo com tratadores, isso determinou com quem acabei tendo mais contato. Além de Shirlei, Mateus, Ingo, Trish e Scott, também passei um tempo com os cachorros Molly, Minnie e Bussy que gostavam de seguir o quadriciclo, acompanhar os tratamentos e procurar carinho dos humanos. No horário de almoço estava sempre com Saffy, a gata que dormia em cima dos humanos enquanto descansavam depois da refeição. Sefrom, Simon e outros galos também acompanhavam minhas conversas na varanda da casa. As cabras eram presenças graciosas e incômodas que às vezes sentiam ciúmes de suas pessoas preferidas.

Depois do horário de almoço, seguia os interlocutores em diferentes tarefas: cuidados com Alma e com galos machucados, ajustes no quadriciclo fosse pela área com palmeiras ou pelo galinheiro. Por volta das 15h retornávamos à cozinha para preparar o jantar dos elefantes, seguindo o mesmo processo da manhã. De volta ao galpão de tratamento e aos recintos, a dinâmica se repetia, com algumas variantes. Como os tratamentos tendiam a se realizar durante a manhã, Mara jantava junto com as outras *meninas*. Enquanto elefantes se alimentavam, um dos tratadores fazia a “decoração”: frutas eram deixadas em diferentes lugares do recinto para que fossem encontradas pelos elefantes durante a noite. Para evitar encontros de elefantes e tratadores no interior do recinto, eles usavam a mesma dinâmica de comunicação através de rádio caso alguma das *meninas* se movimentasse.

Para o momento da preparação, Ingo tinha escrito todas as receitas em quadros e em caderninhos que estavam na cozinha. Embora as quantidades e ingredientes estivessem descritas ali, a ordem dos procedimentos era aprendida pela observação. Em cima da bancada da cozinha dos elefantes havia sempre quatro deles identificados com os nomes de Bambi, Maia, Lady e Rana. Alguém colocava os baldes enfileirados em cima da bancada e

acrescentava nelas a aveia que tinha ficado de molho no dia anterior, farelo de arroz, dois suplementos (*organew* e *condroton*), dois compostos de vitamina (*hemolitan* e vitamina E) e melaço. O medidor de cada um dos ingredientes sólidos ficava dentro do próprio recipiente e, no caso das vitaminas líquidas, utilizavam-se seringas. Os ingredientes eram misturados com a mão até assumirem uma textura homogênea. O mais importante era que a mistura não ficasse grudada no fundo do balde.

Figura 5 - Quadro com orientações para preparo de *medball* e *medapples*

ELEPHANT FOOD PREPARATION PLAN					
	LADY	MAIA	RANA	BAMBI	MARA
CONCENTRATE MIX (each)		1 SCOOP : SOAKED DATES 1 SCOOP : BEAN 1 SCOOP : ORZANEM (JOINT SUPPORT) 1 SCOOP : HEMOLITAN (VIT/MIN-MIX) 10 mL : ETICELLE TROUSSELO (VIT. E) - if available 1/4 CUP : MOLASSES			
FRUITS (each)		4 BANANAS 4 APPLES 2 PEARS 1/2 Tbsp (or similar)			1/2 CRATE : FRUITS + VEGETABLES
MED APPLES	1 APPLE : 10 DROPS AMV-HIS 4 DROPS CORTICOID 2 APPLES (each) 1 Tbsp GROUND BEAN	1 APPLE : 4 DROPS AMV-HIS	1 APPLE : 5 DROPS AMV-HIS		
MED BALLS	1 BALL : MOLASSES + BEAN + 1 SCOOP BUTTERLESS 1 BALL : MOLASSES + BEAN + 1 SCOOP BUTTERLESS + 1 SCOOP CONCENTRATION				1 BALL : MOLASSES + BEAN + 1/2 BANANA + 1/2 SCOOP CONCENTRATION (2.5 - 2.9 g)
EXTRA MED	1 Tbsp THIN (in plastic bag) + 0.9 ml CRO-OL in banana				
HAY *	1 FLAKE OF HAY FROM ELEPHANT				
CONCENTRATE MIX (each)		1 SCOOP : SOAKED DATES 1 SCOOP : BEAN 1 SCOOP : ORZANEM (JOINT SUPPORT) 10 mL : HEMOLITAN (VIT/MIN-MIX) 10 mL : ETICELLE TROUSSELO (VIT. E) - if available 1/4 CUP : MOLASSES			
VEGETABLES (each)		1/2 CARROTS 6 CARROTS 1/4 PUMPKIN 2 LARBE 1 LARBE 1 Tbsp POTATOES (or 2 small)			1 CRATE : FRUITS + VEGETABLES
MED APPLES	2 APPLES (each): 10 DROPS AMV-HIS 4 DROPS CORTICOID 2 APPLES (each): 1 Tbsp GROUND BEAN	1 APPLE : 4 DROPS AMV-HIS	1 APPLE : 5 DROPS AMV-HIS		
MED BALL	1 BALL : MOLASSES + BEAN + 1 SCOOP CONCENTRATION + 1 SCOOP BUTTERLESS				1 BALL : MOLASSES + BEAN + 1/2 BANANA + 1/2 SCOOP CONCENTRATION (2.5 - 2.9 g)
EXTRA MED	1 Tbsp THIN (in plastic bag) + 0.9 ml CRO-OL in banana				1 Tbsp THIN + 1 SCOOP DROPS
SANDWICH	MONDAYS: 2 Tbsp CITRANAMPHOL				
HAY *	1 FLAKE OF HAY FROM ELEPHANT				
FOOD IN HABITAT *	1 BALE OF HAY + 1/2 CRATE OF FRUITS/VEGETABLES (LAST THING OF THE DAY)				
SUPPLEMENTS IN HABITAT *	MONDAYS: 1 CUP OF MINERAL SALTS (in a pie 1m away from RIGHT TOWER, UNDER BRIDGE) + 2 CUPS OF MINERAL SALTS (in 4 B)				
FOOD AT BARN	ALWAYS HAVE SOME FOOD AT THE BARN IN ADDITION: • TREAT BUNNETS (2x 100 g, 1x 100 g) IN TRIDGE → LADY TREATMENT • 2 CUPS : (SHRUBS - SHED FRUITS + VEGETABLES) → LADY AND TINA TREATMENT • 0.5 PAIN LEAVES • 5 BALS OF HAY *				

Fonte: Fotografia de campo, maio de 2022.

Este preparo normalmente era feito em ao menos duas pessoas. Enquanto uma cuidava dessa mistura de suplementos, a outra preparava as três *medballs* em uma tigela de vidro. A primeira, de Mara, era feita com melaço, farelo de arroz, meia banana e meia medida do suplemento regenerador articular para equinos. Os ingredientes eram primeiro misturados com a colher, depois com a mão, até formar uma bola bem densa do tamanho de um punho. Mara era a mais exigente com suas *medballs* e elas não podiam ficar grudentas demais, então era necessário salpicar um pouco de farelo de arroz para que sua medicação não tivesse textura pegajosa. As outras duas eram feitas para Lady com a mesma base de melaço e farelo de arroz, em que se acrescentava o suplemento *Bute-Less*, omeprazol e suplementação de ferro. Especialmente nas *medballs*, os ingredientes sólidos eram misturados primeiro para não ficarem grudados no fundo depois que o melaço fosse adicionado. Depois que essa etapa era

finalizada, colocava-se mais aveia de molho para a refeição da tarde e selecionava-se as frutas: 4 bananas, 4 maçãs, 2 peras e meio melão. As frutas eram colocadas nos mesmos baldes que a mistura de suprimentos, já as *medballs* de Lady eram colocadas em potinhos separados. Para Mara era preparada uma caixa com frutas e vegetais.

Figura 6 - Ingo fazendo as caixas de Frutas para os elefantes



Fonte: Fotografias de campo, abril de 2022.

No período da tarde o mesmo processo se repetia com algumas alterações. Eram preparadas *medapples*, maçãs com homeopatia. As maçãs eram preparadas ao cavar seu com uma colher, fazendo um furo onde era colocado um pouquinho de farelo de arroz e gotas de medicamentos homeopáticos e óleo essencial. Em seguida, a maçã era tampada com pasta de amendoim. Nas *medapples* de Lady eram colocados *Anti-Itis* (uma mistura de óleos essenciais para inflamação) e copaíba. Maçãs com *Anti-Itis* também eram preparadas para Maia e Rana. As quantidades das gotas e outras medidas estavam minuciosamente descritas por Ingo em um quadro afixado na parede da cozinha, junto às informações sobre alimentação.

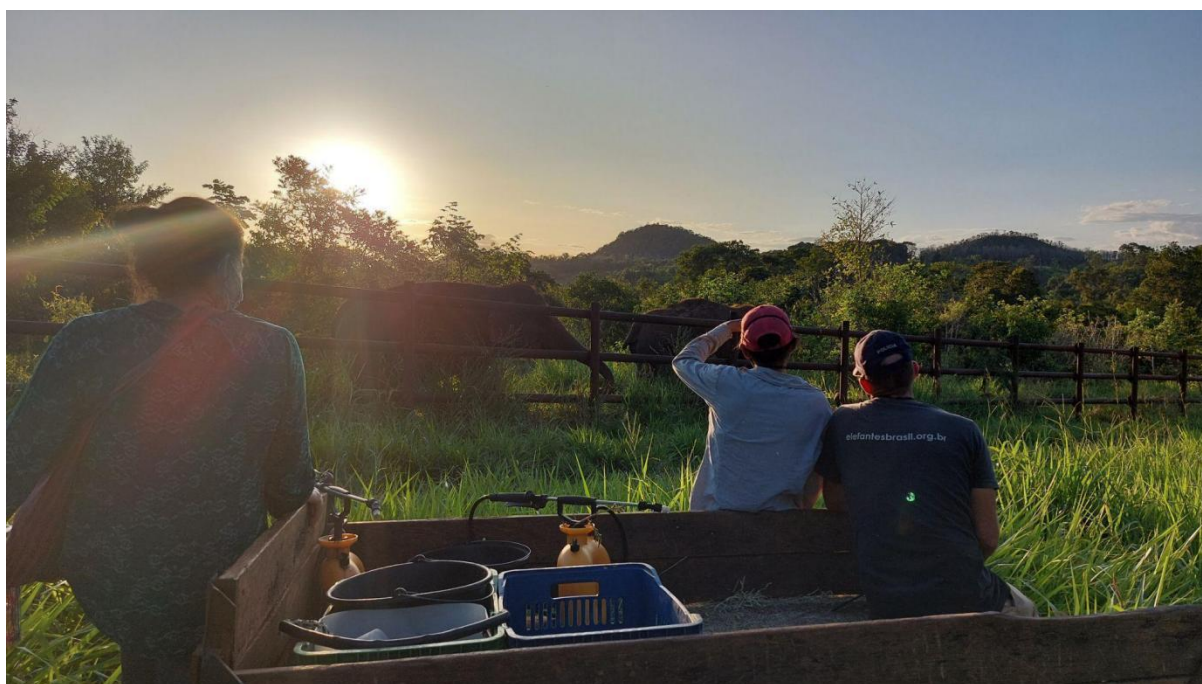
Embora esses procedimentos fossem padronizados, eu recebia de cada pessoa indicações detalhadas em cada parte do processo: Panto me lembrava de usar mais melaço; Shirlei sempre gostava de colocar as *medballs* em cima das frutas para se certificar que tinham sido comidas; Scott recomendava ao final do processo passar a *medball* por todo o recipiente de vidro para garantir que o farelo não fosse desperdiçado; Mateus gostava que os potes fossem sempre arrumados em ordem alfabética.

A rotina no Santuário está diretamente ligada a deixar humanos e elefantes próximos o suficiente para o cuidado com os últimos, mas também distante o suficiente para que humanos não se arrisquem mais que o necessário. Como frequentemente os tratadores estavam distantes uns dos outros, a notícia sobre os movimentos dos elefantes chegava pelos rádios que carregavam durante todo o tempo de trabalho. Maia, que costumava ser a mais rápida, era sempre motivo de atenção. A frase “Maia está indo em direção ao lago”, por exemplo,

implicava que o tratador que estava recolhendo as fezes durante o café-da-manhã deveria sair do recinto para evitar o encontro. Nas conversas entre tratadores que se encontravam e nas conversas pelo rádio, era notório que todos sabiam onde estava cada um dos humanos e cada um dos elefantes.

No fim do dia, frequentemente os tratadores observavam juntos os elefantes e conversavam sobre como estavam. Os assuntos variavam entre posturas corporais, vistas, por exemplo, no mancar ou passar a tromba diversas vezes pelo mesmo local no corpo, e estados emocionais, com o uso de alguns adjetivos frequentes, como tranquila, animada, cansada, sonolenta.

Figura 7 - Trish, Shirlei e Scott perto do *camera pole*



Fonte: Fotografia de campo, abril de 2022.

Apreendi com os interlocutores no Santuário a fazer a descrição do que tinha visto ao “observar elefantes”. Passei a produzir descrições de campo bem diferentes daquelas que aprendi quando me formei para seguir cientistas sociedade afora. Na minha formação aprendi a descrever procedimentos, sequências de acontecimentos, observar a ordem com que cientistas e técnicos realizam suas atividades, atentar para a maneira que fazem registros, assinam papéis, constroem acordos com instituições. Já com os interlocutores do Santuário entendi que minhas descrições, para que fossem condizentes com as experiências que tinham, deveriam provocar sensações. Com o passar dos dias, minhas próprias descrições em campo passaram a ser cada vez mais acompanhadas de sensações:

É interessante reparar em diferenças óbvias quando corpos de humanos e elefantes se aproximam. Primeiro, o mais visível é a desproporção do tamanho. E, elefantes fazem humanos e tudo em volta parecer miniaturas. Cada parte gigante se move tão precisamente, que as cenas parecem ter um efeito de *slow-motion* e deixam os movimentos agitados dos humanos parecerem desajeitados. Ao mesmo tempo, eles são ágeis e nos alcançam rapidamente como se não estivessemos no quadriciclo. Ao contrário de nós, em automóveis barulhentos, carregados de ruídos, elas são silenciosas e conseguem esconder todo o corpo no meio de árvores baixas do cerrado. O simples fato de estar perto daquele corpo enorme provoca uma sensação de pequenez e fragilidade. Simultaneamente todos compartilham dessa sensação de ter muita sorte simplesmente por estar ali.³²

Figura 8 - De um lado da cerca Rana, Mara e Bambi; do outro Mateus, Scott, Trish, Luciana e Ingo



Fonte: Fotografia de campo, maio de 2022.

Trish, veterinária do Santuário, foi a primeira pessoa a me apresentar a ideia de *elephant people*. Era um termo usado para caracterizar pessoas, normalmente europeus ou norte americanos, que passavam anos de sua vida trabalhando com elefantes. Veterinários, treinadores e tratadores que frequentemente se deslocavam de seus países e passavam por diferentes lugares ajudando elefantes frágeis e doentes, fazendo transportes e criando projetos. Ela própria era uma dessas pessoas, assim como Ingo, Scott, Kat. Depois de ser estagiária no Santuário do Tennessee, Estados Unidos, Trish entrou na faculdade de veterinária e, após se formar, trabalhou durante os dez anos seguintes em um hospital de emergência veterinária.

³² Relato de campo, Santuário de Elefantes Brasil, abril de 2022

Foi em uma visita a uma amiga no Nepal que conheceu um elefante doente e prometeu a ele fazer algo por outros elefantes. Voltou a Portland, vendeu sua casa e passou a trabalhar em diferentes projetos, passando por Camboja, Índia, Laos, Myanmar, Sri Lanka, Tailândia, Nepal e Vietnam. Contrariando meu comentário de que ela tinha movimentado a própria vida para estar perto de elefantes, ela me contou o que ela própria tinha ouvido de outras *elephant people*: são os elefantes que escolhem pessoas para ajudá-los, não o contrário.

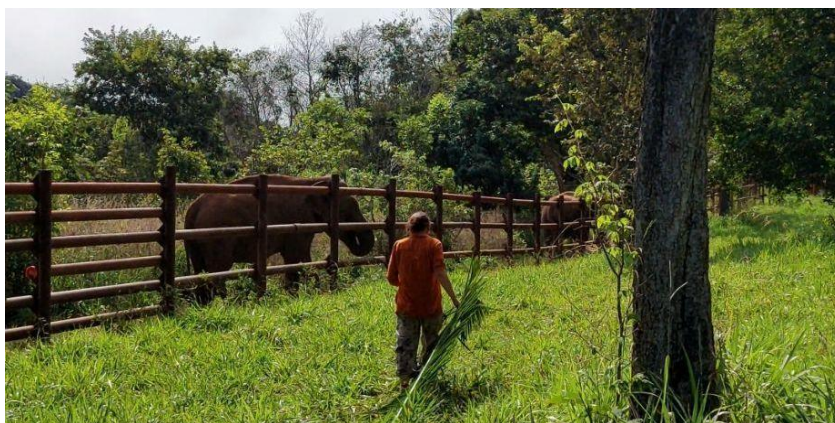
Minhas conversas com Trish na hora do almoço frequentemente acabavam com muitas lágrimas. As histórias, que frequentemente apareciam nos comunicados aos apoiadores, faziam Trish chorar. Ela lembrava que elefantes continuam a ser tirados de seus territórios, que todos do Santuário tinham sido afastados de suas mães e de suas famílias. Para Trish, era profundamente triste o fato de que Pocha, Guille (duas elefantas que até então viviam na Argentina) e Sandro (um elefante que vivia no zoológico em Sorocaba) continuassem em espaços inadequados para eles, unicamente para que humanos pudessem vê-los. Era igualmente triste pensar nos instrumentos e técnicas de machucar elefantes ou torná-los apropriados a levar turistas sobre as costas em tantos lugares da Ásia por onde ela tinha passado. Por diversas vezes no Nepal Trish viu elefantes sendo espancados por horas, doentes e machucados.

Foi assim que conheceu Sita Kali, que estava nos fundos de uma casa. Trish a viu quando passou pela rua e, segundo me contou, viu em seus olhos que ela estava próxima a colapsar. Sita tinha sido atacada alguns meses antes por outro elefante e estava machucada, com os ossos quebrados. Ela então decidiu comprar Sita quando percebeu que seria vendida ou obrigada a continuar trabalhando. Como outras pessoas do Santuário, Trish tinha um jeito curioso de contar histórias sobre os elefantes. Primeiro contava o que ela havia dito e, em seguida, o que um elefante também disse. Foi exatamente assim o seu relato sobre Sita. Segundo Trish, ela quase não conseguia se mover quando a levou para a terra onde viveriam:

- Sita, se você precisa ir, pode ir, mas eu tenho muitas aventuras planejadas.
- Ok.
- Você quer levantar?
- Quero levantar.³³

³³ No Santuário toda a comunicação de trabalho entre tratadores era feita em inglês. Prezando pela fluidez da leitura, optei por traduzir os trechos de entrevistas e de conversas citadas no corpo do texto.

Figura 9 - Trish levando palma para o café da manhã



Fonte: Fotografia de campo, abril de 2022.

Essas conversas entre elefantes e humanos eram também frequentes enquanto Shirlei, tratadora do SEB, trabalhava. Ela cumprimentava todos os elefantes com um “bom dia”, às vezes acompanhado de cantoria, “meu amor, olha só hoje o sol não apareceu”. Por causa da entrevista que tínhamos feito no ano anterior, eu sabia que ela tinha vindo de São Paulo, depois de ser tratadora de outros Santuários. Apesar de nossa longa conversa naquela ocasião, Shirlei costumava não falar muito com seus colegas de trabalho. Já com elefantes e outros seres, as conversas não paravam, especialmente durante a alimentação. “Dar comida pra bicho” era a coisa que ela mais gostava de fazer e às vezes levava melancias extras simplesmente “porque hoje é sexta”.³⁴ De modo parecido, ela coletava folhas que a anta Alma gostava, que brotavam próximo a um riacho, e colocava ração para o galo Giba logo no início da manhã. Ao longo do dia com as *meninas*, mas também com Alma, a anta, e Jorgina, a cabra, os assuntos de Shirlei poderiam ser muito variados: o sol, o calor, a cor do dia, o humor de algum ser.

A temática da comunicação era sempre retomada considerando a relevância que ela tem no trabalho do Santuário, não apenas entre elefantes e tratadores no dia a dia, mas também entre os elefantes e os doadores e apoiadores do projeto em suas redes sociais, conforme irei mostrar nas seções seguintes.

³⁴ Embora a discussão multiespecífica com frequência adote o termo “não-humano”, aqui acompanho a tendência de meus interlocutores de usar também os termos “bicho” e “animal” como modos de me referir a elefantes e outras espécies com as quais convivem.

Figura 10 - Shirlei fazendo fisioterapia com a anta Alma e com a elefanta Maia durante uma chuva torrencial



Fonte: Fotografias de campo, abril de 2022.

1.3. Uma assembleia múltipla: Pocha e Guille, fotógrafos e doadores

Após a confirmação da vinda de Pocha e Guillermina para o SEB, parte da equipe fazia *lives* nas redes sociais na expectativa de sua chegada. Em uma delas, Scott mostrava o recinto onde Pocha e Guillermina viviam no Zoológico de Mendoza, na Argentina. O espaço era uma espécie de cova que se estendia com caminhos em uma aparência de labirinto, onde Pocha chegou em 1968 e Guillermina, sua filha, nasceu. As últimas décadas de Pocha e toda a vida de Guillermina tinham se passado naquele espaço cercado por concreto.

Figura 11 - Trecho de live do Santuário em que Scott mostra o recinto onde Guille e Pocha viviam no Zoológico de Mendoza



Fonte: Perfil de Facebook do GSE.

Conforme combinado na reunião de planejamento, pessoas muito experientes trabalhariam naquele resgate a mais de 3.000 km de distância do Santuário. Trish e Ingo chegaram a estar no Zoológico em Mendoza no ano anterior quando as fronteiras foram fechadas devido à pandemia, antes que pudessem trazer as duas elefantas para o Brasil. Agora, mesmo com novas documentações emitidas, Trish insistia que só acreditaria quando estivessem com elas a caminho do Santuário.

Na manhã da chegada de Pocha e Guille, na pracinha de Rio da Casca começaram a aparecer jovens e idosos que moravam na região, assim como as crianças da escola da vila que tinham sido liberadas das aulas para ver a chegada dos elefantes. As jornalistas do La Nación foram as primeiras da equipe de mídia a chegar, e logo antes também Djalma, figura que sabia muito da história de Rio da Casca, como muitas pessoas me diziam. Além dos jornalistas, o Santuário recebeu várias equipes de produção audiovisual: Claire, uma fotógrafa norte-americana que produzia imagens para as redes do Santuário; Frederico (Fede), fotógrafo de elefantes e outras espécies no Ecoparque de Buenos Aires e no Santuário; um fotógrafo da rede The Dodo, que documenta resgate de animais em diferentes lugares do mundo; Sofia, pela National Geographic; a equipe da Frontera Films, produtora de São Paulo que já havia iniciado um documentário sobre o Santuário; e Manny, produtor premiado documentário “Blackfish” sobre a vida de uma baleia em um grande parque aquático dos Estados Unidos. Poucos minutos antes das 10h, chegou uma van com parte da equipe de transferência.

Figura 12 - Van com a identificação “#TransferenciaPochayGuillermina” chegando na pracinha de Rio da Casca com antigos tratadores e documentaristas e pickups identificadas com as logomarcas da Global Sanctuary for Elephants e do SEB



Fonte: Fotografias de campo, maio de 2022.

Todos chegaram na pequena pracinha de Rio da Casca antes de Pocha e Guille. O caminhão com as elefantas tinha se desviado do resto do grupo em função do estado deteriorado de uma ponte. Enquanto esperavam, fotógrafos e documentaristas registravam crianças, cachorros e o cenário de uma pequena vila que tinha se ajuntado para ver elefantes passar. Quando nos encontramos, Trish me abraçou forte em um estado de visível emoção. Vi abraços como aquele se repetirem muitas vezes nas horas seguintes.



Figura 13 - Pessoas se juntam perto do caminhão para ver Pocha e Guille

Fonte: Fotografias de campo, maio de 2022.

As pessoas se aglomeravam na beira da estrada quando se aproximou uma *pickup*, seguida do carro da polícia federal, um caminhão com os dois contêineres, um caminhão de comida e mais uma *pickup* da Polícia Federal. Por último estava o caminhão com as elefantas dentro de grandes caixas metálicas. Manny e Sofia se aproximavam para filmar Ingo, que exibia um sorriso pleno. Algumas pessoas da vila colocaram cadeiras, sentaram-se na porta de casa e se aproximaram do caminhão para ver as trombas de Guille e Pocha. Logo o caminhão seguiu a estrada para o Santuário.

Também todas as equipes de filmagem deveriam seguir em comboio, organizadas em uma ordem previamente estabelecida com membros da equipe verificados e termos assinados

para a entrada no Santuário. Quando as equipes de mídia chegaram ao tratamento do Santuário, onde Pocha e Guillermina seriam liberadas no primeiro momento, as caixas de transporte das elefantas ainda estavam sendo vagarosamente posicionadas com a ajuda de um guindaste. Toda equipe de mídia deveria permanecer fora da área de tratamento, avistando-as a uma distância de cerca de 10m de onde as elefantas seriam liberadas. No entardecer, já com as caixas posicionadas para o recinto e com suas portas abertas, câmeras e microfones se direcionaram à área de tratamento esperando a saída das elefantes. A transmissão ao vivo daquele resgate era parte importante da comunicação da ElephantVoices junto a uma rede mais ampla de apoiadores.

Figura 14 - O centro médico separado para receber Pocha e Guille com muitas folhas frescas. Mateus e Cairo observam o guindaste ser posicionado para movimentação da caixa de transporte



Fonte: Fotografia de campo, maio de 2022.

A chegada de novos elefantes no Santuário era acompanhada pelas lives que colocavam doadores distantes em contato contínuo com o que se passava ali. Elas eram feitas através do perfil de Facebook da Global Sanctuary for Elephants e na página do Santuário de Elefantes do Brasil no Instagram. O público que assistia parecia bastante familiarizado com as elefantas do Santuário e perguntava sobre como e onde estavam as demais *meninas*. Parte dos seguidores estava também ciente de outros elefantes, como Pupy do Ecoparque de Buenos Aires, Sandro em Sorocaba e Tamy de Mendoza.

Figura 15 - Print da *live* do Global Sanctuary for Elephants no Facebook, gravada em 12 de maio de 2022, quando Pocha e Guillermina chegaram ao SEB



Fonte: Perfil de Facebook do GSE.

Quase 7 horas se passaram sem que Guille e Pocha tivessem saído de suas caixas. Scott, Kat, Ingo e Trish se revezavam colocando frutas na saída da caixa. Durante esse processo, os comentários de seguidores do Santuário sugerem o que deveria ser feito para incentivar que Pocha e Guille saíssem. A *live* da Global Sanctuary for Elephants, que conta com mais de 141 mil seguidores, teve mais de 94 mil visualizações e mais de 13 mil comentários, a maior parte deles escritos em inglês. Não era a primeira vez que a GSE aparecia em campo. Tinha ouvido sobre a instituição quando Scott contou sobre a história do Santuário: a GSE tinha sido criada antes do Santuário de Elefantes do Brasil, com o intuito inicial de fundar Santuários na Ásia e levar elefantes asiáticos de volta a seu *habitat* de origem. No entanto, a ideia se mostrou inviável em termos logísticos. A GSE também tinha sido mencionada durante o *Big payback day*, um evento de doação que o SEB participava desde 2016. Diferente da chegada de Pocha e Guillermina em que todos se reuniram no centro médico para conhecer as novatas, durante o grande evento de doação a rotina no Santuário tinha permanecido a mesma, enquanto \$87.824 eram arrecadados em doações e prêmios.

Figura 16 - Overview da Global Sanctuary for Elephants na página do The big payback day



Fonte: Site do The big payback day.³⁵

Como me explicou Daniel Moura, diretor do Santuário, a maior parte das doações vinha dos Estados Unidos:

Antes do Santuário dos Elefantes ser fundado aqui, foi fundada a *Global Sanctuary for Elephants*, que foi um escritório, uma ONG, com sede nos Estados Unidos, é uma captadora de recursos para fomentar santuários para elefantes. Você tem pessoas que já têm credibilidade, já que têm referência em seus países de origem e também é uma estratégia interessante porque o Santuário de Elefantes Brasil é um projeto da *Global Sanctuary for Elephants*. [...] Por que um escritório aqui e um escritório lá? Você capta cinco vezes mais, três vezes mais dependendo da cotação do dólar, da cotação do euro. Então você tem uma habilidade maior de captação lá.³⁶

Durante os dias de trabalho no Santuário poucas vezes o dinheiro era mencionado. Ouvia Scott dizer que era preciso mais dinheiro para ampliar os recintos já construídos e cheguei a ouvi-lo dizer que a “maior parte das doações partiam de pequenas doações em grande número, mais do que grandes doações pontuais”.³⁷

Os dois diretores, Daniel e Scott, tinham acompanhado como as doações para os santuários tornaram-se virtuais no Brasil e nos EUA. Quando o Santuário de elefantes no Tennessee foi fundado, em 1995, o contato com potenciais doadores era feito por fax, cartas e ligações de telefone. Já em 2009, Daniel realizou a primeira “vaquinha virtual” do Rancho dos Gnomos, o maior santuário no Brasil à época. Diferente de outros projetos, o Santuário de Elefantes Brasil nasceu tendo como uma de suas bases as doações e o contato com um público distante. Nesse sentido, *lives*, fotografias e documentários faziam com que as informações

³⁵ Disponível em: <https://www.thebigpayback.org/globalelephants>. Acesso em: 3 set. 2022.

³⁶ Entrevista com Daniel Moura, 13 de setembro de 2022.

³⁷ Trecho em itálico adaptado de fala de Scott.

sobre o Santuário circulassem nas redes sociais, sendo assim umas das principais estratégias para a captação de doações.

As *lives* continuaram nos dias seguintes à chegada de Pocha e Guille, que avançavam lentamente, primeiro da caixa para a área do centro médico e depois por pequenas caminhadas nos recintos 1 e 2. No meu último dia no Santuário, vi o primeiro passeio das recém-chegadas pelos *yards* 1, 2 e 3. O contato constante e as transmissões ao vivo mostravam como naquele processo não eram apenas as pessoas presentes que estavam em questão, mas também os doadores que propiciavam a manutenção do projeto através de doações financeiras ao Santuário. A assembleia mais que humana que sustentava todo o trabalho de cuidado com os elefantes, afinal, não era feita apenas com humanos tratadores e elefantes que ali se encontravam corporalmente no dia a dia aqui descrito. Ela era composta, ainda, por meio de tecnologias da informação que agenciavam recursos, pessoas e afetos muito distantes. O que a chegada de Pocha e Guille mostrava, assim, é como a prática ecológica multiespecífica associada à conservação depende da comunicação entre corpos de vários tipos, orgânicos e maquinicos.

Figura 17 - Trish conversando com Pocha e Guille durante o primeiro passeio delas pelos recintos no entorno do centro médico

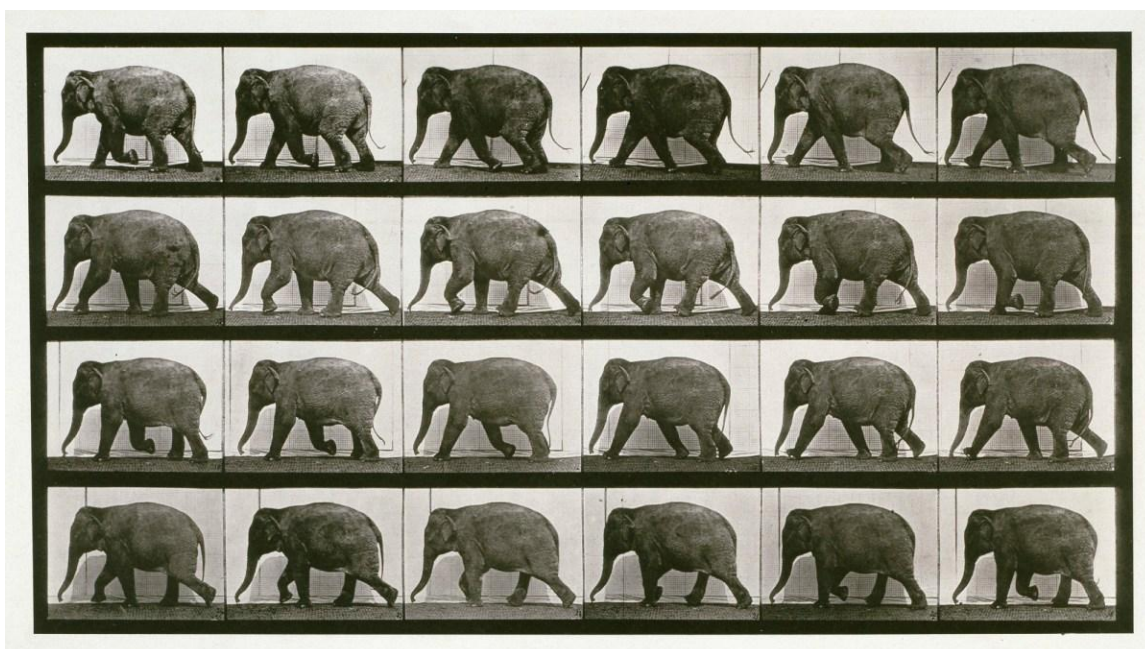


Fonte: Fotografia de campo, maio de 2022.

1.4. Seguindo Imagens

Desde as fotografias do movimento de locomoção de um elefante asiático feitas por Eadweard Muybridge em 1872, tem sido comum a presença de elefantes em produções audiovisuais. Seja nas cenas de caça e captura dos anos 1920, seja nos registros de elefantes nas Grandes Guerras ou nos recentes e inúmeros documentários sobre a vida selvagem, esses grandes mamíferos são capturados em imagens predatórias e ecológicas.

Figura 18 - Elephant: Walking, de Eadweard Muybridge (1872)



Fonte: Acervo virtual da Royal Academy.³⁸

A presença de cinco equipes de documentaristas no Santuário levantava a questão de como as imagens da chegada de Pocha e Guilhermina circulariam e quais seriam seus efeitos. Mas essa não era uma questão nova para os especialistas em elefantes. Na década de 1980, a National Geographic tinha produzido o documentário “Coming of age with elephants”, que conta a jornada e o trabalho de Joyce Poole, membro da ElephantVoices e parceira do SEB. O documentário começa com a voz de Joyce:

Eu aprendi a olhar para o mundo através de olhos e ouvidos de elefantes. Algumas pessoas, outras pessoas, me disseram que eu penso que sou um elefante. De alguma forma, talvez eles estejam certos. Como a África, os elefantes tomam posse do seu

³⁸ A imagem virtual está disponível na Royal Academy Collection, do Reino Unido: <https://www.royalacademy.org.uk/art-artists/work-of-art/elephant-walking>. Acesso em: 1 set. 2022.

espírito. Eles podem te capturar e persuadir a olhar para o mundo com uma luz diferente.³⁹

Figura 19 - Cena em que Joyce Poole e sua filha estão em meio a uma manada de elefantes africanos



Fonte: Cena do documentário “Coming of age with elephants”, National Geographic Television (1994).

A ideia de aprender com os elefantes a olhar o mundo, tal como descreve Joyce Poole, poderia facilmente ser usada para descrever a experiência dos tratadores do Santuário. Toda a mobilização de fotógrafos e documentaristas durante a chegada de Pocha e Guille e nos dias seguintes, contudo, centrava-se menos numa perspectiva íntima e corpórea, e mais na noção de comportamento animal comum ao consumo de narrativas associadas à “natureza”. Tal perspectiva poderia ser vista por meio do registro de como se adaptavam à sua nova casa. À medida que eles se juntavam debaixo da tenda em frente ao centro médico, diferentes equipamentos apareciam, desde câmeras grandes que se encaixavam ao corpo dos fotógrafos (como da equipe do Frontera) até câmeras pequenas como as de Clare e Manny, que acompanhavam os movimentos de Pocha e Guille.

³⁹ Trecho retirado da versão disponível no YouTube em: https://www.youtube.com/watch?v=rQuEZI4C8-Y&ab_channel=Qemetiel218. Acesso em: 23 jan. 2024.

Figura 20 - Equipes de documentaristas durante a chegada de Pocha e Guilhermina



Fonte: Fotografia de campo, maio de 2022.

Manny disse que ficava ali olhando e esperando que algo acontecesse, e por isso o olhar dele se centrava nos elefantes e não nos humanos. Ele tinha produzido “Black Fish”, documentário dirigido por Gabriela Cowperthwaite, que conta a história da orca Tilikum. A narrativa do documentário mostra como Tilikum foi tirado de sua família, levado ao SeaWorld onde trabalhou em apresentações por décadas e onde também esteve envolvido na morte de uma treinadora e em diversos acidentes com outros treinadores. A produção explicita a violência e a solidão em que Tilikum e outras orcas vivem e os altos lucros que o Parque teve a partir da exploração desses e outros mamíferos. Em 2014, ano seguinte à estreia do documentário, o Parque teve uma queda de 24% de seus lucros.⁴⁰ Já em 2015, com a intensificação de boicotes e das polêmicas denunciadas pelo documentário, a queda foi de 84%.⁴¹

O documentarista e ativista argentino Federico Sordo, por sua vez, parecia ter uma estratégia bem definida. No dia seguinte à chegada das elefantas, entrevistava seus antigos tratadores e perguntava como se sentiam estando ali, o que desejariam dizer à Pocha e Guille. Claire, fotógrafa norte-americana que já tinha estado no Santuário, ficaria alguns dias depois de minha partida, faria entrevistas com Kat e Scott. A equipe do Frontera, de São Paulo, que já havia entrevistado tratadores, associaria aquelas imagens da chegada de Pocha e Guille a outras anteriormente produzidas. Também poderia prever que as perguntas de Sebastian, jornalista argentino da The Dodo, logo seriam editadas em vídeos curtos e postadas na conta do Instagram, com mais de 10 milhões de seguidores. Sofia, exploradora argentina da

⁴⁰ Dados retirados da matéria d'O Globo, na seção de Economia. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/negocios/em-meio-polemica-sobre-orcas-lucro-do-seaworld-cai-28-no-terceiro-trimestre-14539928>. Acesso em: 16 jan. 2024.

⁴¹ De acordo com informações publicadas pelo Correio Braziliense no ano seguinte. Disponível em: https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/turismo/2015/09/25/interna_turismo,500134/baleias-do-seaworld-vaio-ganhar-tanques-com-o-dobro-das-dimensoes-atuai.shtml. Acesso em: 16 jan. 2024

National Geographic,⁴² possivelmente escreveria um artigo para acompanhar suas fotos, como tinha feito na transferência de Mara.

A produção de imagens dos documentaristas remetia também a outras fotos e vídeos produzidos no Santuário. Perto dos recintos, a *câmera pole* registrava em tempo integral o comportamento dos elefantes. Especialmente Trish e Scott gostavam de olhar no horário do almoço o que as *meninas* estavam fazendo. Era possível mover a câmera em todas as direções e aproximar algum ponto com grande precisão de imagem. Assim, mesmo quando não estavam presencialmente com os elefantes, era possível vê-los descansando e se alimentando. As imagens na câmera por vezes eram postadas também nas redes sociais do Santuário. A *câmera pole*, indicaria Donna Haraway (2022), não é uma mero objeto inerte. A autora observa como na interação de biólogos com diferentes espécies câmeras se configuram como agentes na relação (Haraway, 2022). Esses aparatos não apenas permitem visibilidade, mas co-criam narrativas. Em um primeiro olhar, no Santuário as câmeras pretendem funcionar como extensão do olhar dos humanos, uma ferramenta de vigilância. As imagens que elas produzem, no entanto, se constituem também como produtora da relação contínua que as *elephant people* têm com os elefantes ao redor do mundo. Veterinários se mantêm em seus horários de descanso atentos às *meninas*, observando como interagem e o que estão fazendo enquanto os humanos estão longe dali. Tanto a *câmera pole* quanto as câmeras de documentaristas criavam imagens que circulavam em campanhas de doação, reportagens sobre mudanças em zoológicos e documentários de conscientização sobre a grandeza dessa espécie.

⁴² O termo é designado a fotógrafos e documentaristas investigadores da National Geographic, instituição que nasceu em 1888 como uma revista de fotografia e atualmente possui várias frentes de atuação, como produção de documentários, canal televisivo e projetos de conservação ambiental. Informações disponíveis em sua página oficial: <https://www.nationalgeographic.com/>. Acesso em: 1 jan. 2024.

Figura 21 - Mara, Rana e Bambi perto do lago, foto tirada do monitor da câmera pole. Trish e Claire vêem as *meninas* através das câmeras na sala da casa



Fonte: Fotografias de campo, maio de 2022.

O fluxo de imagens entre o trabalho cotidiano do Santuário e sua publicização nas redes sociais era frequente. Especialmente no fim do dia, Scott costumava tirar fotos das *meninas* enquanto elas comiam. Nas fotos publicadas em *stories* das redes sociais do Santuário, o que se buscava visibilizar eram as elefantas, a vegetação no fundo e o pôr do sol do cerrado. Estar no Santuário no momento em que as fotos eram tiradas evidenciava que aquele não era apenas um momento entre elefantes, mas de interação entre humanos e elefantes, algo bastante diferente das narrativas sobre comportamento animal de consumo midiático. Se as imagens capturavam períodos pontuais dessa interação, elas paralelamente obliteravam a assembleia mais que humana que a sustentava, a partir da presença de humanos, cachorros e máquinas. O movimento das imagens produzidas no Santuário para as redes sociais enfatizava a diferença entre as imagens das equipes de documentário, focadas na ideia de um determinado comportamento animal isolado em um habitat natural, e as imagens das *câmera poles* no Santuário, ligadas à prática do cuidado com os elefantes.

Nos termos de Tsing (2019), de uma sociabilidade mais que humana formada por assembleias que transformam a paisagem, essa assembleia específica que se vê no Santuário do Brasil depende de máquinas que tornem visíveis aquela paisagem, os elefantes e seus movimentos. O que sustenta essa assembleia não é apenas o cuidado direto e a relação entre corpos de elefantes e pessoas, mas também uma multiplicidade de ferramentas, técnicas e estratégias para colocar em comunicação elefantes e *elephant people* – tratadores, técnicos e doadores do Santuário.

1.5. A trama caótica de documentos e elefantes

O artigo publicado no jornal The New York Times, intitulado “*How to Move Your Elephant During a Pandemic*”, descreve a viagem da elefanta Mara da Argentina até o Brasil. Ali estão apresentados aspectos marcantes das memórias de Mara, desde sua chegada na América do Sul vinda no TierPark Hagenbeck até seu vínculo com tratadores no antigo Zoológico de Palermo, na Argentina. A ênfase está na mobilização em torno da viagem de mais de três mil quilômetros entre dois países cujas fronteiras estavam fechadas devido à pandemia de Covid-19. Um pequeno comentário é feito sobre a mobilização de documentos para a viagem: “*But to relocate an elephant 1,700 miles across international borders requires a great deal of paperwork. (This is to guard against the smuggling and laundering of animals, especially endangered species)*”.⁴³

Enquanto tratadores do Santuário assumiam o cuidado como uma prática ecológica multiespecífica na vida de elefantes que viviam no cerrado, a temática da produção de documentos era parte das funções de outra equipe do SEB. O diretor do Santuário, Daniel, descreve essa tarefa como sendo um “combo de documentos”. Esse combo, também chamado por ele de “trama meio caótica”, é apresentado como uma sequência de movimentos que se deve seguir para a obtenção da Autorização de Manejo, necessária porque em termos legais os elefantes pertencem à União e são tutelados pelo IBAMA, na figura da Secretaria de Meio Ambiente (SEMA). Para alcançar a Autorização de Manejo, algumas licenças precisam ser obtidas, a Licença Prévia, em que o SEB apresenta seu interesse e sua capacidade de ação, é seguida pela Licença de Instalação, que inclui uma vistoria e análise técnica do espaço e sua capacidade de executar as atividades propostas. Depois disso, a Licença de Operação detalha as ações cotidianas do espaço e conta com vigências anuais ou bianuais, o que faz com que qualquer alteração (como a chegada de novos elefantes ou reforma no tamanho dos recintos) precise ser notificada e aprovada pelo órgão licenciador. Atualmente, este processo se dá em grande parte de maneira virtual, feito em um sistema do IBAMA chamado SISFAUNA, em que são também anexados documentos complementares como licenças de importação (no caso de elefantes vindos de outros países) e Plantel (o número de elefantes sob o cuidado do Santuário).

Segundo Daniel, para que o Santuário faça a gestão dos elefantes, ele precisa constantemente provar-se hábil para essa tarefa por meio de documentos legais enviados ao

⁴³ A matéria está disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/08/09/science/coronavirus-elephants-wildlife-zoo.html>. Acesso em: 23 ago. 2023.

IBAMA. De modo similar, é também a partir do questionamento da competência técnica de outros mantenedores de fauna (como zoológicos) que processos jurídicos apontam as irregularidades no manejo e solicitam a transferência de elefantes para o Santuário. Nos termos de Daniel:

Quando cria-se um debate, uma disputa política, tipo o Sandro, que está há dois anos com o zoológico de Sorocaba, eu vou colocando o que eu consigo, a cada mês que passa e a cada confronto, mostrar o quanto eles estão errados. E você tem a oportunidade de discursar e mostrar que eles estão errados do ponto de vista ético, que eles estão do ponto de vista técnico, que eles estão do ponto de vista político e que eles estão errados do ponto de vista econômico, porque eles vão continuar onerando o município por uma prática que é desnecessária.⁴⁴

Nessa narrativa a transferência de elefantes não está apenas vinculada à possibilidade de “elefantes serem elefantes de novo”, mas a um questionamento mais amplo sobre a presença de animais em espaços de confinamento para exposição. Como explica Daniel:

Cada vinda de um novo elefante é uma fratura que a gente coloca na sociedade, mostrando que aqueles empreendimentos, como aqueles zoológicos, não são mais aceitáveis na sociedade. Existe uma parcela da sociedade que já tem uma mudança de paradigma, uma mudança em curso de paradigma, que não aceita aquilo. [...] Então eu estou pensando em cada elefante que vem, para daqui cinco, dez anos, já que, como a gente está lidando com isso, como a gente vai lidando com isso e já pensando como é que a gente vai mudar esses zoológicos daqui para frente.⁴⁵

O que Daniel chama de fratura trata-se de uma quebra na visão estabelecida sobre zoológicos e o lugar que os elefantes ocupam neles. É a fratura que o Santuário deseja provocar. O Santuário ganha sentido, portanto, para além dos elefantes idosos que vivem ali, mas dentro de um contexto que questiona uma relação estabelecida e aceita em que seres grandiosos se mantêm em cativeiro para serem vistos pelo público, para entreter. Se os elefantes, nas palavras de Joyce Poole, podem “capturar e persuadir a olhar para o mundo com uma luz diferente”, é com eles que Daniel e os tratadores do SEB produzem alguma fratura possível tanto no que chamam de sociedade quanto na própria memória colonial que os corpos dos elefantes carregam dos circos, zoológicos e contextos de guerra.

⁴⁴ Entrevista com Daniel Moura, 13 de setembro de 2022.

⁴⁵ Entrevista com Daniel Moura, 13 de setembro de 2022.

Capítulo 2. Elefantes e a Memória Colonial

Em muitas narrativas de cientistas, elefantes aparecem como seres intimamente ligados às suas memórias. Sua habilidade de locomoção por centenas de quilômetros expressa isso por meio da lembrança de lugares e caminhos, mas essa característica também é notória no modo como as memórias de violências deixam marcas em seu comportamento. A esse respeito, o artigo em coautoria de Joyce Poole (Bradshaw et al., 2005), membro da ElephantVoices e parceira do SEB, começa com uma imagem poderosa: o som do tiro de uma espingarda e um bebê elefante que vê sua família no chão. O que se segue avança dez anos no tempo para mostrar como jovens iniciam uma matança que deixa mais de 100 vítimas. O questionamento seguinte faz uma nítida aproximação entre traumas humanos e de outras espécies:

Uma cena descrevendo transtorno de estresse pós-traumático (TEPT) em Kosovo ou Ruanda? As semelhanças são impressionantes – mas aqui, os adolescentes são elefantes jovens e as vítimas, rinocerontes. No passado, estudos com animais foram usados para fazer inferências sobre o comportamento humano. Agora, estudos de TEPT humano podem ser instrutivos para entender como a violência também afeta a cultura dos elefantes. (Bradshaw *et al.*, 2005, p. 807, tradução livre)

O distúrbio ambiental, o afastamento materno e a falta de contato com membros mais velhos são considerados determinantes para a formação de estresse pós-traumático em elefantes. Esse tipo de aproximação entre elefantes e outras espécies é bastante comum entre etólogos. É o caso, por exemplo, de Naoko Irie e Toshikazu Hasegawa (2009) que observaram que a vida social de elefantes encontra diversas similaridades com os primatas. Em uma revisão sobre pesquisas recentes voltadas à inteligência, memória e cognição numérica de elefantes, as autoras descrevem o uso de ferramentas, a capacidade de reconhecer o próprio reflexo, a comunicação em baixa frequência, as habilidades e funcionalidade de sua tromba comparada às mãos de primatas, bem como habilidades de memória e de reconhecimento de vocalização de seus parentes (Irie; Hasegawa, 2009). O trabalho de Kaja Wierucka e colaboradoras (2021) também indica tal dinâmica, ao argumentar que elefantes machos são capazes de reconhecimento individual de vocalizações, o que é determinante para suas dinâmicas de relação.

Confirmando a importância de laços interespecíficos, Lucy Rutherford e Lindsay Murray (2021) observam que há uma alteração significativa no comportamento de elefantes

asiáticos após a morte de um dos membros da manada. As pesquisadoras afirmam que há reações distintas a depender do lugar social que ocupam. No caso do falecimento de fêmeas idosas, por exemplo, filhotes são especialmente afetados, podendo assumir comportamento cada vez mais retraído (Rutherford; Murray, 2021). A relação com humanos não está livre desses distintos graus de conhecimento. Hoi-Lam Jim e colaboradores (2021) defendem a hipótese de que elefantes podem categorizar humanos em diferentes graus de prestígio a partir do modo que eles se portam.

Em estudos de comportamento animal, portanto, elefantes são descritos não só através de características gerais da espécie, mas também por meio da particularidade de grupos e indivíduos. Nas duas seções seguintes abordo narrativas de biólogos sobre elefantes no Parque Gorongosa, em Moçambique⁴⁶. Assim como os elefantes no SEB, tratados no primeiro capítulo, as manadas em Gorongosa conservam em sua memória e em seu comportamento vivências traumáticas que envolvem suas relações com humanos.

Enfatizar os efeitos das ações humanas nos comportamentos de elefantes permitirá neste capítulo revisitar um problema já antigo, presente em Gregory Bateson (1972, 1979), sobre a “ecologia da mente”, isto é, como humanos e elefantes podem ser pensados como co-implicados e, portanto, parte de um mesmo sistema comunicacional compartilhado. O comportamento de humanos em contexto de colonização, caça e apresentações forçadas em circos implica a modificação nos padrões de comportamento dos elefantes e, mais recentemente, na modificação do comportamento de humanos engajados com a causa animal. Elefantes e humanos aparecem nesse contexto enquanto seres cujas histórias se implicam mutuamente.

2.1. Memórias de elefantes e Memórias coloniais

Em uma *live no Facebook*, duas pesquisadoras de comportamento e ecologia de elefantes comentam com o público algumas de suas memórias preferidas de elefantes que vivem no Parque Gorongosa, uma área de mais de 4.000 km² localizada na zona central de

⁴⁶ O projeto inicial da pesquisa (Projeto Fapesp 2019/07570-3) incluía pesquisa de campo em Moçambique. Esse planejamento de pesquisa foi inicialmente alterado em função da Pandemia de Covid-19 e depois inviabilizado devido a indisponibilidade de Dominique Gonçalves, pesquisadora responsável pelo projeto de elefantes no Parque Gorongosa. Apesar de meus insistentes contatos, não foi possível conciliar agendas devido a finalização de seu doutoramento na Universidade de Kent (Reino Unido). Insistentes contatos também foram feitos diretamente com o Parque, que não estava recebendo pesquisadores externos.

Moçambique.⁴⁷ Poderia se imaginar que a ênfase dessas memórias estivesse nos cuidados parentais de fêmeas que acompanham seus filhotes até a idade adulta, nas longas gestações de dois anos, na presença da figura das “tias” que cuidam coletivamente de filhotes, imagens comuns nas descrições de diversos programas sobre a “vida selvagem”. No entanto, as memórias ressaltadas pelas pesquisadoras mostravam elefantes em posições bem mais ameaçadoras.

Dominique Gonçalves, gestora do projeto de ecologia de elefantes no Parque, mencionou ter encontrado uma fêmea com um comportamento bastante peculiar: ela destruiu três pequenas árvores, perseguiu um carro por diversos lados sem atacá-lo e batia com um arbusto no próprio corpo. Meia hora depois encontraram seu filhote desmaiado à beira da água. Gonçalves então diz que nomeou essa elefanta de Mila, em homenagem à sua própria mãe.

Já Joyce Poole, pesquisadora da Elephant Voices com décadas de experiência em comportamento de elefantes, destacou a prática de algumas matriarcas e líderes de manadas, caso de Provocadora e Valente, que organizam perseguições aos carros de turistas ávidos por se aproximar e fotografar suas famílias. A admiração de Poole à família Mabenzi, assim, se direciona ao modo como articulam sua defesa, mantendo os filhotes no centro para protegê-los e deslocando-se juntos em um movimento de ataque aos carros.

Figura 22 - Família Mabenzi, conhecida por suas estratégias em organizar ataques aos carros de turismo no Parque Gorongosa

⁴⁷ Na página Our Gorongosa, para venda e informações sobre o café produzido pelo The Gorongosa Project. Disponível em: <https://www.facebook.com/ourgorongosa/videos/coffeeconversations-dominique-gon%C3%A7alves-and-joyce-poole/311912683493904/>. Acesso em: 23 ago. 2023.



Fonte: Perfil de Facebook da ElephantVoices.⁴⁸

⁴⁸

Disponível em:
https://www.facebook.com/ElephantVoices/posts/10156573869806061?comment_id=10156890840986061.
Acesso em: 11 jan. 2024.

Na conversa de Gonçalves e Poole, o comportamento particular de elefantes no Gorongosa em organizar perseguições e reações abruptas diante de carros de turistas e pesquisadores está vinculado a suas memórias e à história daquele Parque Nacional, que foi fundado nos anos 1960, década lembrada como o período áureo de turismo de caça (Pringle; Gonçalves, 2023). Nos últimos anos, o Parque tem sido palco de projetos voltados à sua regeneração, devolvendo-lhe o que passa a ser considerada como sua vasta “fauna bravia”, cuja queda é consequência da administração colonial portuguesa que associava a fauna e a flora do país à incivilidade, bem como aos períodos de caça extensiva durante as Guerras Civis e de Libertação Nacional em Moçambique. O historiador Eduardo Medeiros (2017, p. 13) descreve o período colonial ali como sendo de “flexibilidade para matança e [atuação de] caçadores em larga escala”, mostrando como “a administração colonial não controlou de forma proactiva a fauna bravia, tendo havido um contínuo decréscimo de animais em muitas regiões”.

De fato, nas ciências biológicas há uma sólida produção que aborda a recuperação do Parque Nacional de Gorongosa. Para descrever esse processo, os termos usados sempre remetem à ideia do refazimento de um estado populacional anterior. Esse é o caso da pesquisa de Correia *et al.* (2016), que descreve a dispersão de sementes através de excrementos de grandes animais. Os autores mencionam a “refaunação e reintegração”, ou ainda a “recuperação” e a “restauração de estrutura da comunidade”, em uma investigação que trata de assimetrias no crescimento da população de grandes mamíferos no contexto pós-guerra civil comparado ao de pequenos animais no mesmo período. Também se fala em “remontagem da população”, ao descrever a recuperação populacional de grandes mamíferos no pós-guerra (Guyton, 2018), ou mesmo de “reintrodução bem sucedida”, para tratar da translocação de uma matilha de cães para o Parque Gorongosa (Bouley, 2021). Embora essas pesquisas sejam voltadas aos estudos das ciências biológicas, elas com frequência mencionam guerras em Moçambique como um marco de um período de grande queda populacional de espécies, especialmente das de grande porte, como os elefantes africanos. No entanto, pouco ou nenhum aprofundamento é dado à questão.

Também sobre a guerra, Medeiros (2017, p. 177) complementa que “as memórias mantêm-se escondidas, não só entre os humanos. Também entre os grandes animais”. Embora a temática não seja desenvolvida ao longo de sua pesquisa, Medeiros assinala que “a memória dessa guerra permanece nos humanos, mas também nos animais, dizem os biólogos.” (Medeiros, 2017, p.170). Assim, cientistas que trabalham com elefantes reconhecem que seus

territórios guardam as memórias da guerra. Esses corpos-territórios massivamente colonizados ampliam as reflexões sobre políticas da colonização, já que explicitam como o legado colonial não se restringe a humanos. Marfins arrancados dos corpos de elefantes metonimicamente aludem a tantas outras expropriações de territórios colonizados.

Esses encontros de muitas histórias, humanas e outras, aparecem nas produções das ciências biológicas, em que os elefantes de Gorongosa são também caracterizados como traumatizados pela guerra civil, período em que sua população teve um decréscimo de cerca de 90% (Gaynor *et al.*, 2018; Branco, 2018; Stalmans *et al.*, 2019). Nessa produção, chama a atenção o fato de que a guerra civil tenha alterado o comportamento de elefantes, isto é, um conflito em princípio associado à política de humanos estendeu-se sobre outra espécie. Como se vê, a política dos humanos e a vida dos elefantes em Moçambique se faziam co-implicadas por meio da violência e da memória. Nos termos de Anna Tsing (2019), é também importante “recuperar a história e permitir a entrada de não humanos” ao contar sobre as feridas coloniais.

A fauna bravia, assim, estava associada ao pavor colonial do continente africano, já que não só representava riscos à saúde dos colonizadores, mas era também considerada um marco da inferioridade daquele continente. Em outras palavras, como afirma o historiador Eduardo Medeiros (2017, p. 13), “as regulamentações da fauna e da caça foram uma importante ferramenta do domínio colonial. E com ela, e à margem dela, os predadores atuaram livremente!”. Medeiros (2017) propõe um desvio semântico no termo “predadores” e enquadra na categoria não os grandes carnívoros da savana, mas os caçadores interessados em presas e peles de elefantes e rinocerontes de Moçambique.

Essas reflexões se aliam às de Rachelle Adam (2014), que mostra como a faceta de missão civilizadora do colonialismo europeu no continente africano também aparece na maneira como se promove a conservação ambiental a partir de valores e crenças ainda ocidentais. A caça e, com isso, os elefantes e seu marfim estão no centro deste debate. O lugar que os elefantes ocupam, ora como população a ser controlada, ora como espécie a ser reintroduzida e multiplicada, perdura como um legado colonial em uma relação decidida pela rentabilidade. Segundo a antropóloga moçambicana Maria Paula Meneses (2020, p. 21), “falar de legados coloniais é reconhecer, em primeiro lugar, que as relações coloniais contribuíram para formatar a história, sugerindo que esta relação persiste na forma como o mundo é percebido hoje”.

É assim que se compreende como as políticas coloniais que incidiram sobre os elefantes na forma de controle de uma fauna bravia deu lugar às estratégias de conservação

em um contexto em que predadores continuam a rondar. Trata-se o “continente africano e seus habitantes como representantes de um referencial de inferioridade” e da imposição da memória eurocêntrica (Meneses, 2020, p. 15). Mas se as relações coloniais são formatadoras da história de elefantes em Moçambique, o legado colonial não se limita às narrativas sobre humanos. Nesse sentido, Meneses (2020, p. 17) defende a necessidade de “pensar as memórias no plural, colocando-as como narrativas diversas de histórias sobre locais” e “descolonizar a história, ou seja, a reconstrução alternativa das histórias do mundo terá de partir de lugares de fala específicos, questionando e problematizando qualquer perspectiva que se procure impor como centro interpretativo exclusivo”. O movimento de pluralizar as memórias e, portanto, descolonizar a história permite identificar as políticas coloniais que determinam que espécies sejam extintas ou reintroduzidas, dizimadas ou reproduzidas. Recuperar a história colonial e a presença de grandes mamíferos nela tem também um sentido político, como afirma Tsing (2019, p. 17): “alguns estudiosos se voltaram contra a história como intrinsecamente ligada às ontologias imperiais ocidentais. Para mim, no entanto, é hora de recuperar a história e permitir a entrada de não humanos”. No caso de elefantes em Gorongosa, recuperar a história permite igualmente realizar um descentramento do humano na história colonial, reconhecendo as estratégias mobilizadas pelos próprios elefantes e suas famílias para lidar com o legado colonial em Moçambique.

Como lembra a bióloga Dominique Gonçalves na referida live, elefantes possuem estratégias para movimentar-se diante das memórias traumáticas: os maiores elefantes colocam-se entre suas famílias e os veículos, ameaçando o confronto direto e por vezes atacando-os.⁴⁹ A memória de décadas de massacres de elefantes ainda hoje leva matriarcas a guiar suas famílias para longe dos humanos. No Parque Gorongosa, por exemplo, as manadas tendem a ficar no interior do espaço durante o dia e se mover pelos limites do parque em períodos da noite e do crepúsculo. Assim, eles evitam o contato com humanos, aproximando-se de regiões de plantio e de estradas em um momento de menor fluxo de humanos e seus veículos (Gaynor *et al.*, 2018).

As estratégias de elefantes para lidar com a presença de humanos em Gorongosa remetem ao histórico de caça e políticas de controle populacional que se estabeleceram na região desde períodos coloniais. Elefantes, segundo descrevem biólogos, são seres territoriais, migratórios e que guardam uma forte memória associada à sua mobilidade no espaço (Purdon

⁴⁹ Ver: <https://www.facebook.com/ourgorongosa/videos/coffeeconversations-dominique-gon%C3%A7alves-and-joyce-poole/311912683493904/>. Acesso em: 16 ago. 2023

et al., 2018). Assim, seus territórios podem chegar a atravessar países inteiros (Tshipa, 2017). O Parque Gorongosa, por outro lado, tem uma delimitação mais marcada tanto em termos espaciais quanto de memória: seu espaço é delimitado a uma área de 4.067km², e nela os elefantes constroem para si uma memória associada a histórias mutuamente implicadas – coloniais, institucionais, científicas.

Elefantes em Gorongosa, diferente de outros parques no continente africano, são conhecidos por sua agressividade diante da presença de humanos e seus veículos. Esse comportamento admirado pelas biólogas é efeito dos anos de caça que provocaram entre os elefantes estratégias para lidar com o legado colonial em seu território. Reafirmar a força do próprio corpo é a saída das matriarcas para proteger suas famílias.

Mas há ainda uma estratégia mais silenciosa. Elefantes em recorrentes situações mudam todo o sentido de uma caminhada, adotam posturas coordenadas e assumem diferentes conformações sem a emissão de nenhuma vocalização.⁵⁰ Elefantes, como os cetáceos, usam frequências não audíveis aos humanos para se comunicar. As frequências emitidas produzem vibrações no solo que podem ser sentidas a longa distância (Poole, 1999) e os elefantes respondem a esses chamados (Willian, 1991; Garstang, 2004).⁵¹ Parte da estratégia de proteção de suas famílias, portanto, depende de um tipo de comunicação que tem a terra como meio de ressoar uma informação, feita não apenas por bramidos que ecoam no ar, e que tem nas patas a habilidade de perceber e interpretar pequenas vibrações do solo. Construir relatos em que abordagens críticas associam-se a encontros multiespecíficos, no caso dos elefantes, exige olhar para o solo, para o território e para o corpo. É no contato entre o corpo e a terra que se faz possível uma comunicação que guarda as memórias, identifica predadores e apresenta caminhos a seguir. É no contato entre o corpo e o solo que emerge um território, um espaço que não é marcado pela história institucional do Parque Nacional, mas pela comunicação entre membros de uma família.

Quando se movem em ataques coordenados, podemos ver que, embora elefantes tenham memórias individuais nas narrativas de biólogos, suas práticas comunicativas em torno da defesa se direcionam ao cuidado da manada como um sujeito coletivo. As memórias que as matriarcas conservam dos ataques e matanças de suas famílias as mobilizam para a proteção de suas próprias vidas de modo peculiar, não no resguardo de sua posição, mas na

⁵⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rQuEZI4C8-Y>. Acesso em: 17 set. 2021.

⁵¹ Entre os projetos da ElephantVoices que evidencia sua ênfase em comunicação, está o Elephant Ethogram que funciona como um banco de dados de imagem em som que reúne informações sobre o comportamento de elefantes. Informação disponível em: <https://www.elephantvoices.org/elephant-ethogram.html>. Acesso em: 3 jan. 2024.

defesa coletiva das famílias que formaram. Poderia-se imaginar que a consciência de si, atribuída aos elefantes, os levassem a identificar o próprio corpo como foco das estratégias de proteção, mas a família Mabenzi mostra que são os engajamentos coletivos que se sobressaem, quando os integrantes da manada compõem uns com os outros e através do território.

Em um vídeo institucional da ElephantVoices, Joyce Poole afirma:

o mundo seria um lugar melhor se nós nos importássemos mais como elefantes. Quando nós pensamos sobre elefantes, palavras como força, sabedoria, lealdade, gentileza e família vêm à mente. Se comportar como elefante significa ser dependente em vez de rápido, significa ser amável com familiares e amigos. [...] Se comportar como elefante significa ser bom comunicador e continuar de pé pelo que você acredita.⁵²

Nos relatos das pesquisadoras Joyce Poole e Dominique Gonçalves, elefantes que convivem com memórias traumáticas comunicam seus limites com relação à aproximação de humanos. Em seus movimentos coordenados de ataques a carros de turismo, eles comunicam também como suas histórias e as histórias de humanos são mutuamente implicadas⁵³. Para usar os termos de Bateson (1972, 1979), o sistema de comunicação que elefantes e humanos compartilham nesse contexto faz passar informações entre elefantes através de vibrações do solo e da comunicação em frequências não audíveis à faixa de sentido dos humanos. Por outro lado, também inclui trombeteiros, movimentos bruscos e perseguições coletivas que explicitam o quanto as memórias da caça estão vivas para aquelas famílias. Em contextos em que talvez outras manadas mantivessem suas atividades se alimentando enquanto são fotografadas pelos turistas, Provocadora e sua família afugentam turistas demonstrando uma maior necessidade de distância entre elas e os humanos. Trata-se de um processo propulsionado pela colonização, com a caça desenfreada e a demanda colonial por marfim somadas às guerras causadas pela ocupação europeia tardia de territórios africanos, mas que assume contornos em períodos pós-coloniais bastante particulares.

Os relatos de biólogas, em que elefantes aparecem defendendo suas manadas com o próprio corpo, estão conectados assim a histórias de caça do século XIX e início do século

⁵² Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ixZzqturCpE&ab_channel=ElephantVoices. Acesso em: 11 jan. 2024.

⁵³ O movimento é tão intrínseco às práticas dos elefantes que impedi-los é um grande desafio. Isso tende a gerar temas de grande debate entre biólogos e gestores de parques nas savanas do continente africano. Como conter os elefantes? É sem dúvida uma dos grandes desafios, especialmente tendo em vista sua interação com a agricultura (Creado, 2010). Não raras vezes o encontro entre elefantes e os roçados provoca conflitos perigosos, para humanos e para elefantes. Alguns projetos na própria Gorongosa envolvem cercas, uso de colmeias de abelhas e conscientização de agricultores do entorno dos Parques.

XX, em que para capturar um filhote de elefante era necessário matar sua mãe que o protegia a qualquer custo (Rothfels, 2002). Naquele período, o interesse na caça de troféus era atravessado também pela demanda por filhotes vivos para serem vendidos a circos e zoológicos. Em diferentes contextos, emergem entre humanos e elefantes histórias mutuamente implicadas. Seja nos espaços que buscam dar a elefantes retirados de seus continentes, para exposições e trabalhos forçados, uma velhice longe de circos e zoológicos, como se viu no Capítulo 1, seja na defesa e evitação do contato humano pelas manadas em Gorongoza, como este capítulo apresentou, ou mesmo no imbricamento entre elefantes e a história dos zoológicos, como os capítulos seguintes apresentam.

Capítulo 3. Zoológicos, confinamento e antidevir

Quando Lucas chega perto da entrada do recinto dos elefantes, Kuky se aproxima do portão, passa sua tromba por entre as grades e lhe toca desde os ombros até a cintura: passa a tromba por seus bolsos de camisa e calça procurando uma fruta, quando a tromba se aproxima da região próxima a seu umbigo, Lucas sente Kuky inspirar profundamente pela tromba, então termina sua inspeção. Para Lucas esse é seu jeito de reconhecê-lo. O tratador se pergunta se há algo particular sobre seu cheiro que ela goste ou se é apenas um modo de saber que é ele quem está ali.⁵⁴

Nos relatos de encontros entre tratadores e elefantes, emergia uma narrativa em que paquidermes estão continuamente tocando seu entorno. Para usar o termo de Lucas, tratador de elefantes no antigo Jardim Zoológico de Buenos Aires, assim eles “reconhecem” alguém. Esse não é apenas o modo como reconhecem humanos, o que o contato entre Kuky e Lucas mostra, mas também o modo como elefantes se relacionam com o solo, com seus brinquedos, com sua comida e com outros elefantes. A ideia de que elefantes se relacionavam através do toque apareceu repetidamente em campo e em situações muito diferentes: no contato constante entre a tromba e a mão de tratadores no Santuário; no contato cíclico de Guillermina e sua mãe, com toques que se repetiam na vulva, ânus, boca, dorso; Lady enquanto morava no Zoológico de João Pessoa tocava as cercas eletrificadas todos os dias, para testar seu funcionamento e escapar do recinto sempre que possível; Kuky no Ecoparque de Palermo tocava com frequência um pneu, seu brinquedo preferido, equilibrando-o sobre seu próprio corpo, como documentado pela fotógrafa de vida selvagem Sofía López Mañan.

⁵⁴ Relato de campo sobre a entrevista com Lucas Flores, tratador no Ecoparque de Palermo, 13 de julho de 2023.

Figura 23 - Kuky e seu brinquedo preferido



Fonte: Fotografia de Sofia Mañan, 2020.

O tema da interação com objetos e da dimensão tátil do reconhecimento é também abordado pela filósofa belga Vinciane Despret (2016), que descreve uma pesquisa feita com Maxime, Patty e Happy, elefantes asiáticos que vivem no zoológico do Bronx. No experimento, pesquisadores se propuseram a investigar se os elefantes poderiam reconhecer-se diante de um espelho, um indicativo da consciência de si. Em um primeiro momento, um espelho era posto dentro do recinto e as elefantas se observavam enquanto se alimentavam e se moviam. Em um segundo momento, uma mancha colorida foi pintada no corpo dos elefantes. Para os cientistas o interesse pela marca no próprio corpo, a habilidade de, ao mirar-se no reflexo, retirar a identificação dos pesquisadores do próprio corpo indicaria uma teoria da mente, uma habilidade de se reconhecer. No entanto, apenas uma das elefantas se interessou e passava tromba recorrentemente sob a mancha diante do espelho. Para os cientistas, isso tenderia a significar que apenas um dos elefantes “passou no teste”. Contudo, para Despret (2016) isso levantava outra hipótese: a de que elefantes respondem ao pesquisador, mas respondem a uma pergunta diferente do que aquela feita. Isso porque, para a autora, a ideia do reconhecimento de si parece habitar a imaginação de cientistas, mas não a imaginação de elefantes. Ao menos não como cientistas imaginam.

Nas descrições de Lucas sobre como ele é reconhecido por Kuky, o termo reconhecimento é usado para descrever não a auto-observação, mas um encontro (ou ainda

um reencontro diário e companheiro). Na proximidade entre elefantes e pessoas, o modo de reconhecimento aparecia muito mais associado ao que era possível pôr em relação: o toque da tromba com o corpo, com o solo, com as folhas, com humanos e com outros elefantes. Esse modo de conhecer é aqui uma metáfora para pensar em como (re)conhecer os zoológicos, não a partir de marcas identitárias dessas instituições, mas a partir dos encontros que tornaram possível a sua criação. Encontro entre humanos e diferentes espécies, mas também o encontro entre dirigentes de instituições e diferentes paradigmas de atuação que têm nos elefantes uma figura emblemática, primeiro de consolidação, depois de transformação.

A historiadora ambiental Regina Horta Duarte (2017) reconhece a presença de zoológicos na América Latina como um tema político, cultural e histórico. “*Since their inception, zoos in Latin America have reflected nationalistic aspirations, civilizational projects, and social transformation*” (Duarte, 2017, p.1). Esse é sem dúvida o caso do Zoológico de Buenos Aires, seja no tempo de seu surgimento, mas também nas atuais transformações que o Zoológico apresenta em seu processo de estabelecer-se como Ecoparque. Em ambos os períodos a presença de elefantes foi uma marca para o estabelecimento da instituição e seus paradigmas de atuação.

Este capítulo experimenta associar duas questões: de um lado, a história da reformulação conceitual e física de um zoológico, contada a partir da presença de duas elefantas africanas que vivem no antigo Jardim Zoológico Buenos Aires; e de outro lado, um olhar crítico para a narrativa histórica dos zoológicos enquanto um projeto colonial. Para isso, apresento primeiro as transformações atuais Ecoparque e a transferência das elefantas Pupy e Kuky para o SEB como representantes dessas mudanças. Em seguida, remonto a criação do zoológico no século XIX como acervo cultural de uma cidade de Buenos Aires moderna. Emerge ali a relação entre zoológicos, ciência, civilidade e exotização, vista a partir do encontro do diretor de zoológico, Clemente Onelli, e o comerciante de animais, Carl Hagenbeck. Nesse contexto, os zoológicos são parte das aspirações civilizatórias do século XIX e XX e os elefantes aparecem como seres emblemáticos para os projetos de consolidação dos Zoológico.

Figura 24 - Tratadores colocam estímulos dentro do recinto de elefantes, chamados de enriquecimento ambiental



Fonte: Fotografia de campo, outubro de 2022

3.1. Elefantes como acervo cultural portenho

Parte das atividades do Ecoparque de Buenos Aires para divulgar as mudanças em seu espaço e forma de funcionamento oferecia- ao público passeio guiado “El camino de Kuky e Pupy”. Nele, instrutores de educação ambiental conduziam visitantes pelo Parque, indicando suas alterações no conceito e nas instalações. “Vocês se lembram qual animal vivia aqui antes?”, perguntou Ludmila Medina, guia que conduzia a visita. Aquele tipo de visita guiada tinha sido criada ainda em 1889 no início da formulação do espaço (Vasta, 2018), mas ali ganhava um novo sentido. Esse percurso sobre as áreas reformadas do espaço tinha o importante papel de comunicar aos visitantes como o Parque tinha centrado sua atuação na proteção de espécies típicas da fauna e da flora argentinas. Enquanto o grupo se dirigia ao espaço das elefantas, a guia indicava que nos últimos anos o Ecoparque tinha como missão a preservação de espécies locais, a expansão da fauna e da flora própria da Argentina e a reestruturação do espaço tendo em vista características originais daquela área: uma região alagadiça, com abundância de plantas e pequenos animais.

Figura 25 - Placa no Ecoparque anuncia “*El camino de Kuky e Pupy*” entre as visitas especiais



Fonte: Fotografia de campo, novembro de 2022.

Instrutores das visitas educativas apresentavam também as lhamas patagônicas, os lagartos e as aves que viviam soltas no parque. Algumas espécies de pássaros tinham reaparecido espontaneamente depois da substituição de plantas exóticas pela flora autóctone. Segundo Alexia Silva, diretora de comunicação do Parque, as alterações partiram sobretudo de críticas públicas e protestos contra o Zoológico. Para Silva, trata-se de uma mudança de consciência em que se passou a compreender como inadequadas as pequenas instalações para tigres, ursos polares, leões e grandes seres exóticos que estavam entre os 2.500 animais que moravam no Zoo até 2015.⁵⁵ As denúncias ao Parque, que incluíam maus tratos, condições insalubres e má alimentação, tiveram como marco a morte de diversos animais, entre eles um urso polar, um filhote de girafa e dois lobos marinhos.⁵⁶

A reformulação que vinha acontecendo desde de 2016 tinha começado com a retirada da concessão estatal que permitia que uma empresa privada administrasse a área. Com uma nova equipe, o espaço foi fechado para reforma, o que levantou suspeitas diante do público já atento às ações do antigo Zoológico. A nova estratégia então foi fazer a mudança processualmente, transferir as espécies exóticas para espaços especializados tão rápido quanto possível e abrir áreas do Ecoparque na medida em que elas ficavam prontas. Até outubro de

⁵⁵ Conversa com Alexia Silva, responsável pela equipe de comunicação do Parque, 25 de outubro de 2022.

⁵⁶ Informações retiradas de matéria do G1, seção Mundo, disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2012/12/urso-polar-do-zoologico-de-buenos-aires-morre-por-excesso-de-calor.html>. Acesso em: 24 jan. 2024. Ver também: <https://www.hypeness.com.br/2016/06/depois-de-140-anos-de-funcionamento-e-diversas-polemicas-zoologico-de-buenos-aires-fecha-as-portas/>. Acesso em: 24 jan. 2024.

2022, 923 animais exóticos tinham sido transferidos para Santuários especializados e até 2024 a reforma das áreas físicas estaria concluída.

Entre os próximos da lista a serem transferidos estavam Pupy e Kuky, elefantes africanas que viviam no antigo Zoo desde que eram filhotes. As duas elefantes já não estavam acessíveis ao olhar público do Ecoparque, mas na visita especial “El camino de Kuky e Pupy” era possível conhecê-las. Na descrição do passeio no perfil de Instagram do Parque, pode-se ler: “Estamos nos preparando para transportar Pupy e Kuky para o Santuário de Elefantes do Brasil, some-se a essa visita e saiba tudo sobre a sua viagem. Os fundos arrecadados nos permitem continuar resgatando, criando e libertando espécies ameaçadas em toda a Argentina”.⁵⁷ A visita ao recinto de Pupy e Kuky se tornava possível ao se associar à narrativa de transformação do Parque nos anos anteriores e à sua atuação de resgate e preservação com espécies autóctones ameaçadas.

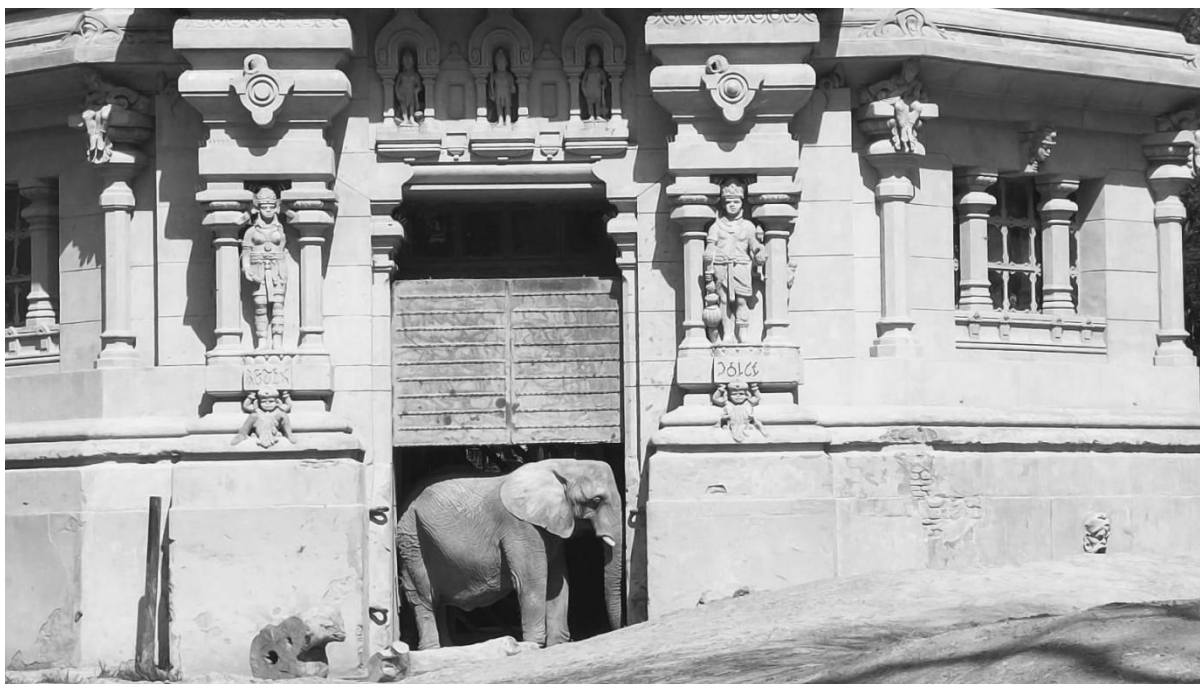
Figura 26 - A poucos metros do ponto de partida do “El camino de Kuky e Pupy”, Ecoparque de Buenos Aires



Fonte: Fotografia de campo, novembro de 2022.

⁵⁷ Stories de Instagram destacados como “Visita Especial” no perfil do Ecoparque de Buenos Aires, disponível em: <https://www.instagram.com/stories/highlights/17988621304518951/>. Acesso em: 23 ago, 2023.

Figura 27 - Parte externa do templo Hindu, Ecoparque de Buenos Aires



Fonte: Fotografia de campo, outubro de 2022.

Por fora o templo hindu parecia grandioso. O projeto foi construído em 1904 e já pensado para abrigar dois elefantes. O desejo do arquiteto italiano Virgilio Cestari era fazer com que a estrutura remetesse ao espaço de origem das espécies que eles comportam. Atualmente, os orientadores de educação ambiental indicavam que fotos não eram permitidas no espaço interno. Um portão ao fundo do templo reforçava a informação de que a área era restrita a funcionários.

Passando pelo portão, Pupy e Kuky e dois treinadores esperavam os visitantes para mostrar seu treinamento, que consistia, sobretudo, em três procedimentos: o primeiro de avaliação e cuidado com as patas, o segundo de coleta de sangue na região próxima às orelhas e, por fim, um sopro para avaliação da saúde dos pulmões. A área interna era dividida em dois recintos separados por grades ao lado direito, onde Kuky e os treinadores ficavam, e um recinto à esquerda onde estava Pupy. Grades altas, que ultrapassavam a estatura dos elefantes e se aproximavam da altura do pé direito do templo Hindu, separavam os elefantes dos visitantes a uma distância de cerca de três metros.

Ali treinadores contavam que em boa parte de sua vida Pupy e Kuky compartilharam seu espaço com a elefanta Mara, que atualmente vivia no Santuário de Elefantes Brasil, para onde Pupy e Kuky também seriam transferidas. Lá, segundo eles, poderiam viver uma vida ao ar livre em uma área de mais de 1.100 hectares. As duas elefantas haviam nascido no Parque

Kruger na África do Sul e tinham, segundo o Parque, sido poupadas do abate para troféus de caça. A narrativa que conectava a presença de elefantes em zoológicos à caça de troféus trazia de volta as explicações que escutei no Santuário sobre o tema: a caça de troféus e a venda de elefantes para zoológicos e circos são um negócio único, com duas vertentes de atuação.⁵⁸

Kuky ali era apresentada como a matriarca, a mais enérgica e líder daquela pequena manada de dois elefantes. Os tratadores que conduziam a visita indicavam como era feito o treinamento para transferir as elefantas para o Brasil: com um reforço positivo premiado por frutas, indicavam que Kuky levantasse a pata para avaliação de unhas e região palmar, também treinavam coletas de sangue na região da orelha com agulhas sem ponta e, por fim, mostravam um líquido aspirado pela elefanta e devolvido a um recipiente para testes laboratoriais. Aqueles treinamentos se alinhavam às normas brasileiras e argentinas para a transferência que as duas elefantas aguardavam. Os pés eram cotidianamente cuidados para evitar infecções, esse não era um tratamento especificamente direcionado à transferência, mas garantia seu estado de saúde até que pudessem caminhar pelo Santuário. Para garantir a segurança na viagem até o Brasil, o exame de sangue poderia detectar infecções e daria aos veterinários que acompanhariam o transporte informações sobre seu estado geral de saúde, já a análise laboratorial do líquido aspirado buscava identificar tuberculose tendo em vista o risco de contaminação para os outros elefantes da manada que já esperava Pupy e Kuky no SEB. O olhar de êxtase dos visitantes, comentado pelo veterinário responsável pela educação ambiental no Parque, sempre se repetia nas visitas que acompanhei:

São animais muito poderosos se comparados aos seres humanos, um elefante africano fêmea como temos aqui chega a ter 4 mil quilos, quatro mil quilos são como 50 humanos, não sei quantos. [...] Estou andando de costas e falando para o público e de repente vejo que todos os rostos do público se iluminam, 'oh!', quando veem os elefantes. É algo infernal.⁵⁹ É uma coisa que estou dando, sei lá, muitos *tours* guiados e em todos os *tours* acontece a mesma coisa, as pessoas [falam] “ai, os elefantes!”. Acredito que o ser humano às vezes precisa dessas carícias da natureza em que é colocado, na posição que ocupa. É um ser importante para a natureza, que realmente ao longo de sua vida, a humanidade a transformou e a usou como um recurso, mas não, [a natureza] não pertence a ele de forma alguma.⁶⁰

⁵⁸ Conversa com Trish London, veterinária do SEB, e Scott Blais, diretor do SEB, maio de 2022.

⁵⁹ O termo é usado em espanhol para fazer referência a algo impressionante e surpreendente.

⁶⁰ Entrevista com Joaquín Gargano, 14 julho de 2023. As entrevistas com membros da equipe de trabalho do Ecoparque foram realizadas em espanhol, com raras exceções em inglês. Prezando pela fluidez na leitura, optei por traduzir os trechos de entrevistas e conversas citadas no corpo do texto.

Na narrativa de Joaquim, a reação do público ao ver os elefantes não é representativa apenas da relação que tem com Pupy e Kuky, mas com a própria natureza. Em sua descrição, Gargano coloca em evidência que a grandeza dos elefantes, explicitada em seu tamanho físico, mostra como a natureza não pertence aos humanos. Para o responsável pela educação ambiental do Parque, os visitantes que tiveram diferentes momentos da vida marcados pela presença de Mara, Pupy e Kuky compartilham da alegria de saber que em breve elas serão transferidas:

Acredito que esses três elefantes fizeram parte ativa da vida e da infância de grande parte dos portenhos. Então, quando os visitantes vêm ao Ecoparque, dizemos que estamos fazendo um trabalho muito intenso para poder movê-los para que possam viver o resto de suas vidas em um lugar ao ar livre de 1.200 hectares totalmente natural. Acho que isso os atinge profundamente e os deixa muito felizes em saber que esses dois elefantes vão se reunir com Mara e vão viver em um santuário de elefantes de 1.200 hectares.⁶¹

Figura 28 - Pupy e Kuky na área externa do recinto. Ao fundo da imagem, o contorno de prédios do movimentado bairro de Palermo



Fonte: Fotografia de campo, outubro de 2022.

No relato de Gargano, visitantes chegam a chorar e a se emocionar diante da possibilidade de imaginar a transferência das elefantes para o Santuário, mas também por encontrarem memórias de sua própria vida associada a suas presenças. O Santuário aqui aparece descrito como “ar livre” e “totalmente natural”, área propícia para aqueles seres que

⁶¹ Entrevista com Joaquin Gargano, 13 julho de 2023.

representam a grandeza natural. Para Gargano, as três elefantas Pupy, Kuky e Mara são como um “acervo cultural” da cidade de Buenos Aires. O contato com as elefantas, e com o espaço do Parque, emerge nessa conversa como marcante na vida pessoal e afetiva das pessoas portenhas.

Mara, que já tinha sido transferida para o SEB, Pupy e Kuky não eram as primeiras elefantes a assinalar mudanças significativas na história do Zoológico. Desde as primeiras iniciativas, elefantes foram símbolos das propostas institucionais daquele espaço. Em 1889, por exemplo, uma das primeiras medidas para a implementação do Zoológico foi a compra de dois elefantes indianos, juntamente com outros grandes animais exóticos, como felinos e ursos, negociada pelo principal comerciante de animais da época, Carl Hagenbeck (Vasta, 2017). Em 1905 um filhote de elefante nascido no Zoo foi batizado de Phua Victoria Porteña, um marco histórico lembrado como o primeiro nascimento de elefantes em zoológico documentado no mundo (Vasta, 2017). Nos primeiros anos do século XX, passeios sob o dorso de elefantes estavam entre suas atrações. Do mesmo modo que nos primórdios daquele Jardim Zoológico, elefantes serviram como figura emblemática do espaço que se formava, também na transformação de sua proposta em 2016 elefantes figuravam como marcadores significativos dessa mudança. A ideia de que elefantes e o Parque se configuram como parte constitutiva da capital argentina não é nova, tendo marcado o surgimento daquele zoológico no fim do século XIX.

3.2. A História do Jardim Zoológico de Buenos Aires

No final do século XIX, quando o Jardim Zoológico de Buenos Aires foi fundado, em todo o mundo os zoológicos eram um símbolo de civilidade e cosmopolitismo urbano (Leal, 2021; Fausto, 2017). Faziam parte de uma tendência para delimitar áreas de cidades dedicadas a espaços “naturais”, como praças e bosques, em paralelo à crescente modernização de edifícios e estruturas urbanas. É assim que em 1875 se instala uma seção zoológica em um parque da capital portenha, onze anos mais tarde a instituição do Jardim Zoológico de Buenos Aires se estabelece de modo autônomo (Vasta, 2018). A história dos zoológicos, no entanto, havia começado muito antes. Historiadores indicam a presença de coleções de animais no Egito faraônico, na dinastia Zhou Chinesa e em reinos medievais. Também entre povos astecas no governo de Moctezuma II, no século XVI, quando registros arqueológicos apontam para a presença de coleções de animais (Croke, 1998; Duarte, 2017). Coleções de animais conhecidas como *ménageries* também eram cada vez mais comuns na Europa até o século

XIX, seja em acervos reais ou em shows que faziam pequenas expedições apresentando animais considerados raros. No entanto, a acepção de um zoológico moderno começa a surgir a partir da associação de um modelo de exibição que reproduz cenários “naturais” com vocações científicas e educacionais, imbricados ainda ao comércio de animais em uma grande escala (Rothfels, 2002).

Esses espaços representavam não apenas uma instituição de apreciação de espécies exóticas, mas também de produção e trocas científicas (Leal, 2021). Não é de se estranhar, assim, que Eduardo Ladislao Holmberg, primeiro diretor do Zoológico de Buenos Aires entre 1888 e 1903, seja responsável também pela produção da primeira publicação científica da instituição, a “Revista del Jardín”. Posteriormente, na gestão de Clemente Onelli, entre 1904 e 1924, a revista foi reeditada. No museu que conta a história do espaço, situado dentro do Ecoparque, há uma grande tela onde cada um dos diretores do Zoológico é lembrado com ênfase em sua contribuição. Fica explícito ali como a produção científica foi desde o início até os dias de hoje um dos pilares de atuação do espaço. Olhar para essa história mostra como ciência e exotização se associaram ao longo da história dos zoológicos.

O estabelecimento do Jardim Zoológico de Buenos Aires (JZBA) e de outras zonas verdes na cidade de Buenos Aires tinha como modelo cidades na Europa e na América do Norte, como mostra o historiador da ciência espanhol Oliver Hochade (2022). Hochade (2022) destaca a importância do Zoológico de Buenos Aires nas trocas científicas entre o sul e o norte Global, com ênfase justamente na figura de Clemente Onelli, que o dirigiu entre 1909 e 1924 e ficou conhecido por ter transformado o espaço em um lugar de “pesquisa científica inovadora” (Hochade, 2022, p.790).⁶²

Nessa narrativa, o JZBA teve um papel importante não somente para o estabelecimento da ciência no país, mas também para a modernização da cidade, sustentando seu lugar como metrópole e colocando a América do Sul no mapa da pesquisa global (Hochade, 2022). Hochade apresenta dois exemplos, o primeiro é a relação com o notório comerciante de animais alemão, Carl Hagenbeck, que importou para a Europa pela primeira

⁶² Onelli também é anunciado como um nome aclamado no boletim do Museu Argentino de Ciências Naturais, em texto intitulado “Clemente Onelli, el verdadero doctor Dolittle” que conta parte de sua biografia, com ênfase em expedições paleontológicas e seu trabalho no Zoo. Disponível em: <https://www.macnconicet.gob.ar/wp-content/uploads/2009-05-103.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2024. Sua figura está também ligada a uma série de outros feitos, como a criação de parques nacionais na Argentina e o uso de desenhos indígenas na produção de tecidos (Kaufmann, 2017; Brinkman, 2014;) e sua participação como membro da comissão argentina de demarcação de fronteiras com o Chile, embora tivesse em relação à seus contemporâneos posturas menos violentas com relação à povos indígenas patagônicos ainda assim representa os ideais de civilidade que ocupava a intelectualidade científica no período. (Kerr, 2019).

vez diversas espécies de Ásia e África. A lista é longa: rinocerontes negros, rinocerontes de sumatra, asnos-da-somalia, gazela-girafa, hipopótamo pigmeu, peixe-boi africano, leopardo persa, elefante marinho, bisão caucasiano, o raro e ameaçado de extinção elefante pigmeu de borneu (Rothfels, 2002). Nos anos 1870 os carregamentos de navio com animais de Hagenbeck se tornaram cada vez maiores e mais frequentes, tratava-se de um marco histórico no período. Uma descrição ilustrativa desse período é o carregamento do Egito para a Itália: um rinoceronte, cinco elefantes, dois facoceros, quatorze girafas, vinte antílopes e gazelas, sete leões, oito leopardos e chitas. (Rothfels, 2002). Zoológicos tinham surgido muito antes do comerciante alemão começar suas exposições, o marco de Hagenbeck se diferenciava ao associar uma série de fatores: a escala de transações comerciais de grandes espécies e um modelo de exibição capaz de provocar em visitantes a fantasia de estar diante de um espaço selvagem, somados a um contexto em que a ciência se juntava política e epistemologicamente a ideias de civilidade (Rothfels, 2002).

Não surpreende, portanto, que, entre os estudiosos da história dos zoológicos Hagenbeck seja lembrado por ter aberto seu primeiro zoológico como consequência da necessidade de ter um espaço em que pudesse manter as espécies enquanto não eram vendidas.⁶³ Seu espaço passou a ser visitado em exposições panorâmicas, onde o público via animais em uma espécie de fosso. Tratava-se de uma inovação, nas *menageries* do período os animais eram comumente expostos em pequenos espaços cercados por grandes, como grandes gaiolas. O comércio de animais dos zoológicos e o comerciante Hagenbeck se estendeu geográfica e temporalmente. Na história recente (diferente de Pupy e Kuky que tinham sido compradas pelo Zoológico vindas do Kruger), por exemplo, Mara, elefante asiática nascida na Índia, tinha passado por diferentes circos e países da América do Sul, mas foi originalmente comprada do zoológico Tierpark Hagenbeck, na Alemanha.⁶⁴

Conforme defende Hochade (2022), a relação entre Onelli e Hagenbeck foi determinante não apenas para a circulação de animais vindos do zoológico de Hagenbeck, mas também para a circulação de animais da América do Sul para a Europa. Em um tempo em que as trocas comerciais de animais entre zoológicos significavam também trocas entre cientistas, o vínculo entre Onelli e Hagenbeck teve por efeito colocar a ciência do Sul global no mapa da Europa (Hochade, 2022). Para o autor, o vínculo com uma figura de conhecida

⁶³ Esta reflexão é parte de conversas e entrevista com Igor Moraes, pesquisador e biólogo que está escrevendo um livro sobre a história dos zoológicos no Brasil.

⁶⁴ Informação disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/08/09/science/coronavirus-elephants-wildlife-zoo.html>. Acesso em: 23 ago. 2023.

importância para a história dos Zoológicos é visto como uma aspiração de “superação das hierarquias” na produção de ciência desde o Sul global (Hochade, 2022, p. 807). No entanto, há outras abordagens possíveis para o encontro entre essas duas figuras históricas.

Se um dos precursores do zoológico como a estrutura atualmente conhecida é lembrado por seu pioneirismo, por outro lado Hagenbeck é também lembrado por exposições que ficaram conhecidas como zoológicos humanos. Nas chamadas exposições ou espetáculos étnicos, Hagenbeck expunha em seu zoológico, mas também em shows itinerantes, povos expostos como o que ligava brancos europeus a primatas, povos classificados como primitivos e selvagens. Entre os grupos estavam somalis, *inuits* e povos fueguinos. Tais exposições se tornaram um grande sucesso não apenas na Alemanha, mas também em toda a Europa, tendo atraído multidões. Em 1886, por exemplo, ao longo de dois meses e meio em Paris, uma dessas exposições recebeu cerca de um milhão de visitantes (Rothfels, 2002).

A filósofa Juliana Fausto (2017) lembra que tais exposições encontraram espaço para alimentar um movimento que se desenvolvia na época ao associar as premissas teóricas presentes na publicação *A Origem das Espécies*, em 1859 por Charles Darwin, a acepções evolucionistas em termos sociais (Fausto, 2017). Tais shows etnográficos foram determinantes para consolidar a ideia de raça em um público não cientista, reforçando uma dualidade que colocava de um lado europeus brancos e civilidade e de outro, povos indígenas e negros e selvageria (Mesarič, 2021) – atualizada em diversos momentos da história colonial, como vimos no capítulo anterior o caso do colonialismo tardio em Moçambique, quando portugueses associavam a fauna bravia à incivilidade. Nos termos da especialista em migração, Andreja Mesarič:

The framing of these performances taught audiences to recognize the difference between themselves and the performers in racialized ways. This simultaneously solidified the association of non-Europeans with various degrees of “savagery” and enabled audiences to recognize themselves as white, not only through skin color but also through association with Europeanness, **civilization, and modernity**, the legacies of which are still with us today. (Masaric, 2021, p. 288, grifos adicionados)

Explicitar o legado das ideias de modernidade e civilidade em sua associação com os zoológicos nos permite recompor as fraturas coloniais, evidenciando como narrativas não humanas e racializadas se conectam. Pode-se imaginar que os shows que chegaram à Argentina na década de 1910 tiveram igualmente um papel na construção do imaginário sobre racialidade naquele país: uma espécie de graduação em que europeus (que migraram para

Argentina como parte das políticas de estado) representavam civilidade e modernidade, enquanto negros e indígenas se aproximavam da selvageria e bestialidade.⁶⁵ No ano seguinte à apresentação dos shows de Hagenbeck na Argentina, o Jardim Zoológico de Buenos Aires recebeu um número maior de visitantes do que os de Londres e de Nova York no mesmo período, foram mais de 1.500.000 pessoas (Duarte, 2017).

O projeto do Zoológico, alimentado por uma aspiração civilizatória, foi bem-sucedido em diferentes dimensões: ao criar trocas efetivas de animais e produção de conhecimento com países da Europa; ao atrair o público portenho em níveis recordes; mas também ao reforçar referenciais de selvageria exotizadores e modelos de humanidade eurocêntricos. Clemente Onelli também atuou como representante da Argentina no processo de demarcação das fronteiras do país e na criação de parques, quando se expressou de uma maneira a imaginar o futuro do país como alimentado pelo referencial civilizatório⁶⁶. A memória de Onelli como uma figura de vínculos amistosos e de afinidade com povos originários da Patagônia, exaltada em sua atuação ao marcar os limites nacionais, tem sido mais recentemente colocada em xeque por pesquisas que indicam a política de demarcação da Argentina do século XIX como violenta e de extermínio (Delrio, 2014). A especialista em estudos latino-americanos, Ashley Kerr (2019, p. 28), recupera dos escritos de Onelli a noção de que o desaparecimento de indígenas na Argentina seria uma “necessária e inevitável consequência do progresso”.

O imaginário do desaparecimento de alguns e a extensão de certos grupos como associados ao progresso ganhou espaço também nas políticas de estado no país. Uma das referências nesse processo é o presidente Justo José de Urquiza, que governou entre 1854 e 1860, promovendo a imigração europeia como uma política de governo e estratégia de branqueamento, presentes já na primeira constituição do país. É verdade que estratégias semelhantes também podem ser observadas em países como Uruguai e Brasil, mas a Argentina foi especialmente bem-sucedida no processo de construir para si uma imagem como nação branca (Adamovsky, 2021; Mesarič 2021)⁶⁷. Poucos anos depois da Política de

⁶⁵ Izabela Kopania (2021) observa como essa gradação nas descrições da imprensa se materializava na associação entre civilidade e diferentes tonalidades de pele: indicando grau de superioridade moderna nas peles cor de canela do nas negras (Kopania, 2021, p. 344).

⁶⁶ A demarcação do território fronteiriço entre Argentina e Chile, em 1881 pelo Tratado de Límites e em 1884 através da Ley Orgánica de los Territorios Nacionales, foi uma ação conjunta entre os governos chilenos e argentino e representou a expulsão e o extermínio de povos Tehuelches, Onas, Yaghans e Alacaleuf que viviam em terras patagônicas (Kerr, 2019).

⁶⁷ Mobilizações políticas e artísticas contemporâneas têm sido muito potentes em apresentar outras narrativas dessa nação. Ao longo do meu tempo na Argentina o contato com coletivo Afrofeminista Kukily e com uma série de mobilizações antiracistas no Museu de Arte Latinoamericano de Buenos Aires (MALBA), por ocasião da mostra de artista brasileira Rosana Paulino, evidenciaram o quanto a ideia de uma Argentina branca é um

Urquiza, outro presidente, Domingo Faustino Sarmiento (1868-1874) afirmou em tons celebrativos: “dentro de vinte anos será necessário ir ao Brasil para ver pretos na pureza da raça” (Garrels, 1997).

Os zoológicos humanos, ou exposições étnicas de Hagenbeck, configuram-se em um tema no mínimo incômodo quando se evidencia sua relação com a formulação de um referencial de humanidade baseado na subalternização, e consequente abjeção, de uma outridade dita selvagem e incivilizada (que se materializa nesse caso nas corporalidades indígenas e negras).⁶⁸ Ver os “selvagens” pela cerca garante também ver a si como representante ideal das características desejáveis para se conformar a humanidade⁶⁹. Por outro lado, narrativas hegemônicas sobre ciência continuam a contar a história dos zoológicos, da produção científica e do próprio Hagenbeck como independentes das ações eugenistas articuladas por estados nacionais e pelo desenvolvimento de teorias científicas racialistas não somente na Alemanha e Europa como um todo, mas também por antigas colônias (como o caso da Argentina mostra). Aqui a história de humanos exotizados se cruza com a das “feras selvagens” dos continentes asiático e africano, mas também à invasão de territórios indígenas sul-americanos.

As tendências científicas, educacionais e recreativas dos zoológicos, portanto, se alinharam à formulação de um ideal de humanidade eurocêntrico. Olhar essa história é questionar a fantasia de uma ciência comumente descrita como isenta e não política. Nos termos da crítica contundente da filósofa Juliana Fausto (2017, p. 15), é possível lançar um olhar para zoológicos: “como modelo da política humana compreendida como patológica por seu caráter anti-vida e antidevir”. No Jardim Zoológico de Buenos Aires, elefantes eram parte de um projeto de construção de uma visão moderna sobre o país para o exterior que nascia com explícitas tendências civilizatórias. Elefantes, como afirma a historiadora da ciência Marianna Szczygielska (2020), são um símbolo do triunfo colonial. Se isso se faz ver nos troféus de caça e na extensão do uso de marfim ao longo do século XIX, isso também é

conceito em disputa e fortemente criticado pelos movimentos afrodescendentes no país. O trabalho de intelectuais e ativistas Miriam Victoria Gomes (Gomes, 2002) evidencia como a presença afrodescendente conformou e continua a conformar a Argentina.

⁶⁸A história das exposições etimologias, também chamadas de zoológicos humanos, é sem dúvida incômoda e chega a causar reflexão sobre como nomeá-las. A antropóloga alemã Hilke Thode-Arora (2021) discute sua escolha por não usar a expressão zoológicos humanos (*human zoos*), preferindo em lugar disso limitar-se a chamá-las de exposições étnicas (*ethnic shows*). É importante dizer que a pesquisa da antropóloga envolveu investigação de material histórico, bibliográfico e entrevistas com os próprios membros da família Hagenbeck, mas não com descendentes das famílias expostas dentro do Zoológico de Hagenbeck e em suas exposições itinerantes.

⁶⁹O que dialoga com a proposta do especialista em estudos de gênero Neel Ahuja (2009) de desembaraçar o que chama de “teias emaranhadas” dos conceitos de espécie e raça, imbricados pelos circuitos de poder imperial.

evidente na história dos zoológicos. Especialmente naqueles zoos que surgiram em cidades com características provinciais, em ex-colônias, que buscavam para si um posto de civilidade emergente, elefantes eram um grande símbolo da modernidade almejada (Szczygielska, 2020). No caso do Jardim Zoológico de Buenos Aires a noção de “acervo cultural” atribuída aos elefantes explicita bem esse teor. No entanto, os primeiros elefantes que chegaram pelo comércio com os Hagenbeck ou mesmo a elefanta Phua, nascida no Zoo, não eram o único marco. A história da exotização de humanos em zoológicos e exposições também explicita a violência colonial na construção de uma humanidade ideal a partir do afastamento de um referencial racializado dos “povos selvagens”, originários da América Latina ou forçadamente levados para lá.

No caso da exposição dos Hagenbeck, não há exagero em dizer que elefantes, girafas, e grandes felinos compartilharam com humanos racializados como não-brancos os porões do mundo (Ferdinand, 2022). Compartilharam não apenas os porões, como também as cercas, os recintos e as violências. Companheiros de porão. Companheiros de cerca e recinto. O zoológico da família Hagenbeck ainda aberto não poderia guardar essa memória de modo mais curioso: atualmente, os elefantes são exibidos na área das antigas exposições étnicas. A categoria espécie-companheira ganha aqui uma outra dimensão, o compartilhamento de um passado colonial atualizado cotidianamente (Kilomba, 2019).

Capítulo 4. Zoológicos e a negação do mundo

As críticas aos zoológicos, sobretudo à presença de elefantes e outros grandes mamíferos, teve início no Brasil ainda no século XX. Em 1911, a recém-criada Sociedade Brasileira Protetora dos Animais publicava um folheto informativo com a imagem de um elefante adulto acorrentado pelas patas ao lado de seu filhote e a seguinte descrição: “O elefante e seu filhote caíram em uma cilada. Atados a grossos cabos e tirados dos seus desertos eles irão cumprir em um jardim zoológico a pena de prisão perpétua” (Duarte, 2017). Naquele momento, a Sociedade fazia oposição ao surgimento dos primeiros zoológicos, dos quais era contemporânea (Duarte, 2017).

Mais de um século depois, a criação do Santuário de Elefante Brasil apresentava-se como uma solução para o destino de elefantes que passaram suas vidas em circos e zoológicos. Sua existência trazia uma proposta que se contrapunha à exibição dos zoológicos e ao modo como elefantes são neles tratados na América do Sul. Diante de críticas, alguns zoológicos como o Buenos Aires voluntariamente esperam liberações legais para transferir elefantes para o Santuário enquanto comunicam a seu público transformações paradigmáticas no modo de compreender seu papel e a relação com os espécimes que ali vivem, como vimos no capítulo anterior. Por outro lado, outros zoológicos pleitearam judicialmente a permanência de elefantes, defendendo sua importância na educação ambiental e na produção científica da região. Este último é o caso em torno do elefante asiático Sandro.

No Zoológico Quinzinho de Barros, localizado em Sorocaba, São Paulo, Sandro vive solitário depois da morte de Raissa, com quem dividiu o recinto por cinco anos. O caso de Sandro é representativo de contextos em que zoológicos se articulam pela permanência de elefantes ante ao que lhes parece um risco, sua transferência para o SEB. Descrevo assim as mobilizações em torno da permanência de Sandro no Zoológico de Sorocaba em 2022, enquanto tramitava uma denúncia no Ministério Público que pedia a transferência do elefante. No ponto seguinte, observo as especulações de visitantes diante do recinto de Sandro depois de mais de um ano da decisão judicial favorável à permanência de Sandro no Zoo. Discuto então como a narrativa do Zoológico se conecta aos riscos de extinção e à educação ambiental. Por fim, descrevo a primeira atração do Zoológico de Sorocaba, que não é uma espécie, mas sim um museu da cidade. Para isso, retomo a relação entre zoológicos e história colonial, não desde a perspectiva do comércio de animais no século XIX e XX (como o faço no capítulo 3),

mas desde a casa-grande colonial enquanto marco de uma relação com o mundo caracterizada pela captura e exploração.

O argumento é que zoológicos, como no caso de Sandro, operam por meio da negação de um mundo com o qual os seres que ali habitam possam se relacionar. Defendo com isso que uma crítica aos zoológicos desde contextos colonizados, como é o caso da América Latina, pode incluir não apenas a preocupação com o bem estar animal, mas também a percepção de que os zoológicos são instituições imbricadas na constituição e consolidação de um projeto perverso de invasão de moradas, classificação de corpos e hierarquização de espécies/raças que estabeleceu uma forma de estar no mundo a partir da (não)relação com a terra e seus seres.

4.1. #Fica Sandro

“Balão, brinquedo, água gelada, sorvete! Aceitamos cartão de crédito, débito e pix!” Na frente do zoológico Quinzinho de Barro, em Sorocaba, no interior do estado de São Paulo, vendedores estendiam suas lonas com uma multiplicidade de bichos. Montes de cobras entrelaçam-se em cores variadas, pintinhos de pelúcia que ciscavam, leões, tigres, elefantes de plásticos, dinossauros e polvos. Uma variedade de outros seres desafiavam as categorias duais que circundam o Zoo, personagens de filmes e narrativas fantásticas: transformers, meio humanos e meio carros, homem aranha, Power Rangers, Pikachu, Stitch, o ser alien da Disney, leões com chifres, até armas e guindastes. Se desenhava ali um mundo povoado de seres e instrumentos que remetiam à parte interna do Zoo onde animais de diferentes formatos e ecologias viviam lado-a-lado. Lá dentro, os recintos abrigavam primatas tropicais brasileiros, tigres, lobos-guará típicos do cerrado, hipopótamos africanos e o elefante asiático Sandro. A diversidade do que se vendia na entrada era também uma metáfora para o que se mostrava na parte interna do Zoológico: seres deslocados de seus mundos.

Ali fora um dos vendedores estava com uma camiseta escrita “Fica Sandro”, que nos lembrava da articulação contra a transferência do elefante para o Santuário de Elefantes Brasil, articulada por ONGs ambientalistas, políticos locais e o próprio Zoológico. Em março de 2022 o Ministério Público (MP) indicou que Sandro fosse deslocado para o SEB. A denúncia do MP mostrava irregularidades no espaço do elefante, o estado de solidão para uma espécie de características gregárias e a necessidade de prover um espaço mais amplo para sua saúde

física e emocional.⁷⁰ Já a mobilização chamada “Fica Sandro” se deu em diferentes instâncias: discursos de políticos e ativistas na entrada do Zoológico defendendo sua permanência, ações de educação ambiental dentro do Zoológico ensinando crianças visitantes sobre a importância de Sandro permanecer em Sorocaba; postagens virtuais, *lives* e entrevistas sobre o caso. Rapidamente a pauta se associou sobretudo à questão da política institucional e foi mobilizada por candidatos à política local.

Em maio de 2022 uma faixa com o escrito “#Fica Sandro” estava posta em frente ao recinto do Elefante, enquanto uma dinâmica com as crianças que visitavam o Zoo era conduzida. A recreação de dobraduras de papel em formatos de diferentes animais do zoológico era acompanhada por explicações sobre a permanência de Sandro: ele não poderia sair dali porque estava idoso, aquela era sua casa e o Zoológico tinha como política institucional ajudar para que espécies não entrassem em extinção. Ao fim da conversa, as crianças eram incentivadas a escrever uma mensagem para Sandro, muitas das quais diziam “Fica Sandro”. Representantes desse movimento ali presente contaram que o grupo que se formara há pouco tempo contava com profissionais bem experientes, como biólogos e veterinários, alguns dos quais já tinham ocupado cargos administrativos no Zoo. Com a transferência de Sandro temia-se que se repetisse o que ocorreu com o chimpanzé Black, que foi removido para um Santuário e morreu em pouco tempo. Diante desse risco, os apoiadores do movimento apostam na promessa da Prefeitura de Sorocaba de revitalizar todo o espaço.

O próprio Zoológico apresentava em suas redes sociais cinco razões para a permanência de Sandro, em uma explícita contraposição à atuação do Santuário de Elefantes Brasil: 1) Sandro não é vítima de maus tratos; 2) Sandro não sofre de solidão; 3) Sandro é idoso e demanda cuidados especiais; 4) Sandro não nasceu na natureza, muito menos no cerrado do Mato Grosso; 5) Os zoos não capturam animais na natureza para ganhar dinheiro.⁷¹ Em sua defesa o Zoológico precisava reafirmar não apenas uma competência técnica para os cuidados de Sandro, mas também uma defesa dos próprios zoológicos. Era necessário argumentar que o Zoológico Quinzinho de Barros era a sua casa, que aquele era o seu mundo. No mês seguinte, uma nova decisão judicial indicaria que Sandro poderia permanecer no

⁷⁰ Como mostra a matéria do G1 MT, disponível em: <https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2022/03/13/elefante-sandro-deixa-sorocaba-apos-ficar-viuvo-e-e-trazido-para-santuario-em-chapada-dos-guimaraes.ghtml>. Acesso em: 23 ago. 2023.

⁷¹ Postagem no Instagram no Zoológico de Sorocaba, 20 de março de 2022.

Zoológico Quinzinho de Barro em Sorocaba.⁷² Apesar das promessas da prefeitura e da mobilização em torno do elefante, mais de um ano depois pouco tinha sido alterado.

Figura 29 - Brinquedos de plástico vendidos nas lojas em frente ao Zoológico



Fonte: Fotografia de campo, julho de 2023.

4.2. A casa de Sandro e as especulações pela cerca

Julho de 2023, um grupo se reunia em torno do recinto de Sandro. Os comentários ali tinham um caráter paradoxal, uma mistura entre encantamento e pesar. As falas pareciam cenas cuidadosamente escritas para serem inquietantes. Por um lado, revelavam como a educação ambiental do Parque tinha uma presença menos marcante depois da decisão de permanência de Sandro, por outro revelava especulações sobre seu estado emocional e sobre sua estranha casa:

- Idoso. Sozinho né, meu filho? Sozinho. A fêmea que morreu. Vem aqui fora. É pequeno pra ele. Aqui ficava a onça, morreu. Elefante preguiçoso.
- Tá escondendo, fica escondido, tá guardado. Elefante, vem aqui ver a gente. Era uma casa muito engraçada, não tinha teto, não tinha nada, ninguém podia entrar nela não. O elefante tá dormindo.
- O que aconteceu com ele? Tá cansado, já trabalhou muito hoje. Eu quero ver o jacaré. Tchau, bom descanso.
- E a família dele?
- Foi embora, levou pra outro lugar a família.

⁷² Dessa vez foi o G1 Sorocaba e Jundiaí que noticiou, disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sorocaba-jundiai/noticia/2022/04/20/liminar-para-transferencia-do-elefante-sandro-e-negada-pela-justica-em-sorocaba.ghhtml>. Acesso em: 18 ago. 2023.

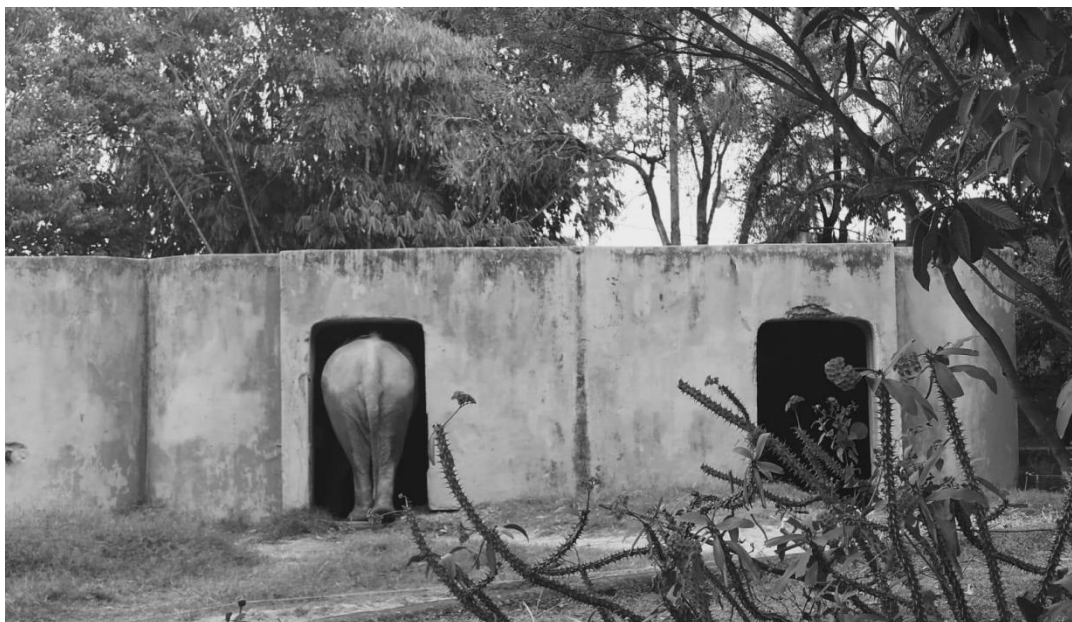
- Ele é tranquilo. Ele tá só ali na pintinha “me observem”. Aqui, filho, olha pro papai. Ó, apareceu. Olha o elefante!
- Cadê? Eu quero dar um carinho.
- Tá cega, criança? Olha o tamanho! Por que ele não vai sair? Ele não vai sair se ele não quiser, é muito temperamental, muito sensível. Vamos?
- Vai ficar aí. Tadinho do bicho, tá preso. Vamos ver outro bicho, vamos ver outro bicho.
- Ali, saiu um pouquinho, gosta da plateia. Vocês espantaram ele de novo. Saiu só pra dar uma espiadinha, só pra ver se a gente foi embora.
- Nossa, que enorme! Se ficar fazendo birra, vou te largar aí.
- Como será que a tromba dele fica ali?
- Construíram em volta dele. Tinha morrido o que tinha aqui, pesquisa no Google pra vocês ver.
- Como ele entrou aí? Vou entrar na jaula pra ver se ele me come.
- O sol pediu a lua em casamento. DUMBO! Tá comendo. Ele não quer se mostrar não. Uma das maiores atrações é o elefante.
- ELEFANTE! Alá, alá, alá, o elefante, o elefante! Será que é fêmea ou é macho?
- Para mim todo elefante é fêmea, olho pra eles e falo “é fêmea”. Vamo, tamo perdendo tempo, vai fechar.
- Tá guardado na casinha dele. Elefante! Tchau, elefante.
- To vendo ele, tô vendo a tombinha dele. Tá com sono, vai dormir. Tá mexendo a tomba. Ele não gosta de amendoim.⁷³

Logo ficou explícito que ali, na cerca do recinto de Sandro, a comunicação se dava de maneira curiosamente especulativa. Como meus interlocutores de pesquisa que trabalhavam com elefantes, o público no Zoológico de Sorocaba parecia muito interessado nos comportamentos de Sandro. Também como biólogos e veterinários, a partir de seus comportamentos inferiam como Sandro estava se sentindo. O processo, no entanto, era

⁷³ Relato de campo, Zoológico Sorocaba em frente ao recinto de Sandro, julho de 2023. Diferente de outros registros de caderno de campo que acompanham a produção da pesquisa, aqui prefiro não dividir as falas a partir da identificação de interlocutores. Os travessões apenas indicam as falas de diferentes visitantes. Diante da cerca de Sandro com frequência havia sons de muitas pessoas falando ao mesmo tempo, justamente a sensação que essa estrutura de relato pretende provocar. Primeiro porque isso faz emergir a figura do Visitante como um ser que passeia observando ficções encapsuladas e cria em torno delas suas especulações. Depois, porque o registro das falas não se constitui como método da pesquisa previamente formulado. No encontro com Sandro passei a valorizar esses registros como parte da paisagem sonora que conformava o que o elefante figurava no habitat colonial.

bastante rápido e às vezes durava poucos segundos, o suficiente para a grande constatação de que Sandro se localizava na parte interna de seu recinto, a tentativa de registro de fotos e a elaboração de comentários sobre o que se passava: “recolheram ele”, “tá cansado, trabalhou muito hoje”. Outros comentários faziam menção a passeios anteriores no Zoo: “tinha elefante aqui, morreu”, “aqui antes era a girafa”.

Figura 30 - Sandro na parte interna de seu recinto



Fonte: Fotografia de campo, julho de 2023.

Curiosamente, as falas quando Sandro estava “dentro de sua casa” invertiam a lógica do Zoológico quando crianças gritavam “elefante, vem ver a gente”, ou adultos explicavam que o elefante não estava interessado em vê-los, que era metido, tímido ou temperamental. Nessas falas não eram apenas os humanos que se aproximavam para ver as espécies, mas também eles eram vistos por elas. A curiosidade que os visitantes expressavam sobre Sandro nem sempre era recíproca.

A casa de Sandro também provocava inquietação. Uma criança cantava “era uma casa muito engraçada, não tinha teto, não tinha nada”. Outras pessoas cogitavam em tom de humor, “construíram a casa em torno dele e agora não dá mais para ele sair”. De fato, o tipo de relevo no terreno e as proporções de Sandro davam a sensação que ele não conseguiria entrar na casa ou não poderia sair dela. A casa laranja de Sandro é uma construção de alvenaria, com laterais arredondadas e três portas, o que para algumas crianças era o sinal de ser a casa de três elefantes. Pela altura das entradas, as costas de Sandro pareciam quase arrastar-se no concreto para que ele se dirigisse para o interior. Ali dentro pouco era visível para os visitantes,

restando apenas sombras de um movimento mal iluminado, penumbras e lusco fusco. As crianças chamavam Sandro em tom chateado, quase como uma intimação que carregava uma sonoridade oxítônica, “ElefanTE, elefanTE, vem aqui fora” ou diziam o que viam em meio à penumbra como uma descoberta inédita, “tô vendo ele, a lá a tombinha dele”.

Figura 31 - Visitantes especulando sobre Sandro



Fonte: Fotografia de campo, julho de 2023

As especulações que apareciam quando Sandro estava na área externa de sua casa eram igualmente curiosas. De algum modo havia ali um encantamento que vi recorrentemente entre tratadores que conviviam há muitos anos com elefantes. Em Sorocaba, também estavam presentes expressões preocupadas sobre seu estado emocional (se estava triste e solitário) e sobre suas atividades ordinárias (brincar, tomar banho). As histórias de elefantes que eu tinha reunido ao longo dos últimos anos da pesquisa iam aos poucos me oferecendo imagens de

elefantes em posições muito drásticas em diferentes lugares do mundo: a elefanta que mata uma caçadora e volta em seu enterro para pisoteá-la novamente; elefantes se alimentando em um lixão no Sri Lanka; os elefantes da família Mabenzi protegendo seu filhotes em uma barreira física que avança contra carros de safari; Pocha, uma elefante nascida em um zoológico da América do Sul, que tem pela primeira vez contato com o solo da terra.

Figura 32 - Sandro em um passeio pelo recinto seguindo a trilha de frutas conduzida por um de seus tratadores, Zoológico de Sorocaba



Fonte: Fotografia de campo, julho de 2023.

Entre todas essas histórias, a imagem de Sandro parecia alinhadamente desconcertante. Ali isolado, distanciado de um mundo em que fosse possível viver junto: a casa desproporcional à sua grandeza, a placa indicando “elefante-asiático”, o notório interesse desinteressado das pessoas que vinham visitá-lo. Sandro parecia encaixar-se bem na descrição de um ser para o qual o mundo foi recusado (Ferdinand, 2022).

O tipo de especulação ali era particularmente curioso por ser feito em uma base insólita. Ali emergia momentaneamente um elefante cuja personalidade se projetava em um tempo de contato reduzidíssimo. A pequena placa com informações sobre o “Elefante-asiático” parecia de pouca utilidade e passava despercebida para a maioria. Como alternativa para o não avistamento de Sandro alguns visitantes rapidamente afirmavam que iriam ver outros bichos e voltariam em outro momento para ver se Sandro tinha saído de sua casa. O comentário às vezes terminava com uma indicação de qual seria o próximo bicho do Zoo a ser visitado, “quero ver o jacaré” ou “ali tem a onça”. Também como Sandro, outros seres do Zoológico pareciam estar muito distantes de seus mundos.

4.3. Da Arca à Ilha

A poucos metros do recinto de Sandro um lago continha cinco pequenas ilhas. Em cada ilha estava uma espécie de primata: macacos-pregos-de-peito-amarelo e de-cara-preta e macaco-aranha-de-testa-branca. Duas ilhas ainda menores eram as casas de micos caçara e saguis de tufo branco. Os visitantes viam os primatas em um espaço com vegetação, estruturas para que pudessem se pendurar e se esconder. Ali um dos macacos carregava um filhote, o que evidenciava como a ilha tinha sido bem-sucedida em produzir um espaço para que os pequenos primatas, que originalmente vivem nas cercanias dos rios Tapajós, Teles Pires, Xingu e Amazonas, pudessem viver e se reproduzir em uma pequena ilha no lago de um Zoológico.

A placa informativa ali ao lado expunha algumas das ideias centrais preconizadas por zoológicos: “Vamos passear pela floresta? [...] A floresta no zoológico. Neste recinto você vai conhecer um pouquinho da mata tropical. Animais fantásticos em sua forma, cor e comportamento vão fazer você viajar pelas belezas das florestas tropicais da Amazônia e Mata Atlântica”. Entre as espécies daquela pretensa floresta vivia um dos símbolos de animais ameaçados no Brasil, o mico-leão dourado (*leontopithecus rosalia*). Na plaquinha que contava sobre aqueles pequenos primatas, um selo em cor vermelha anunciava em caixa alta “EM PERIGO - AMEAÇADO DE EXTINÇÃO”, o mesmo selo de caráter urgente que aparecia na pequena placa que identificava o recinto de Sandro.

É possível imaginar que o precursor dos zoológicos, Carl Hagenbeck, tenha achado curioso como seus modelos de exposição de animais fora de jaulas apertadas tivessem se consolidado nos países colonizados (para não dizer em terras selvagens). Hagenbeck e seus zoológicos, que inicialmente foram divulgados como “paraíso” ou “reino de Deus”, foram comparados a Noé e sua Arca (Rothfels, 2002). A metáfora ganha mais força na medida em que se discute o equivalente ao dilúvio contemporâneo: o perigo de extinção de espécies em massa. O mundo fora daquele Zoo se apresenta como um espaço de risco, de caças, perda de *habitat* e aumento da competição ecológica de populações em risco.

Não surpreende, portanto, que a existência dos zoológicos seja frequentemente justificada a partir de uma lógica de utilidade ecológica para espécies ameaçadas e de reabilitação para espécimes vindas do tráfico. O Ecoparque de Buenos Aires, por exemplo, exhibe placas com as seguintes frases:

Por que há animais no Parque?

1. Programas de conservação que reproduzem e reintroduzem espécies ameaçadas;

2. Animais resgatados e que por condições físicas não podem ser devolvidos à sua *habitat*;
3. Animais que não podem ser transferidos, devido a seu estado de saúde ou idade.⁷⁴

Além da ideia do resgate de indivíduos particulares, ainda se vê a possibilidade de contribuir para a conservação de espécies ameaçadas por meio de práticas científicas associadas à conservação e reprodução seguida de reintrodução de tais espécimes nos chamados *habitats* naturais. No Ecoparque havia um laboratório no início de um longo corredor que armazenava a maior coleção de material genético da América do Sul, um Banco de Recursos Genéticos com mais de 7 mil amostras de 94 animais. Quando ali estive, em dezembro de 2022, o geneticista Adrián Sestelo coletava em um balcão de laboratório o material genético a partir de amostras de uma anta.⁷⁵ A sala fria ao lado guardava tubos que faziam aquele cientista, em um tom bem humorado, comparar a grande quantidade de material genético armazenado em pequenos tubos com nitrogênio ao filme “Parque dos Dinossauros”. Em uma reportagem local, o trabalho genético do Ecoparque era mencionado como “Arca de Noé Moderna”.⁷⁶ São duas metáforas curiosas: a primeira faz referência à possibilidade de recriar seres extintos, a segunda guarda uma imagem de armazenamento seguro diante de um mundo em ruínas.

Embora o conceito parecesse radical, segundo a narrativa do Ecoparque, aquela prática já era realizada ali. Há alguns metros da sala de Adrián, estava uma das bases do Programa Nacional de Proteção aos Condores Andinos, espécie que se encontra no grau mais alto de risco de extinção. Essas aves que só se reproduzem quando atingem sua maturidade por volta de 9 anos, têm por peculiaridade a postura de dois ovos, dos quais apenas um filhote sobrevive. No Ecoparque, o programa desenvolveu a estratégia de retirar um dos ovos e incubá-lo em temperatura controlada, mimetizando o contato que teriam com o corpo de condores adultos. Uma vez que eclodem, os filhotes são cuidados por fantoches que replicam as feições das aves. Esse programa, em parceria com o Ecoparque, já realizou mais de 180 solturas dessa espécie.

⁷⁴ Relato de campo, Ecoparque de Buenos Aires, outubro de 2023.

⁷⁵ Visita a instalações científicas e veterinárias do Ecoparque, dezembro de 2022.

⁷⁶ Informações disponíveis na matéria de Maria Belén para Clarín em: https://www.clarin.com/ciudades/arca-noe-portena-ex-zoo-banco-genetico-salvar-animales-extincion_0_93k8zfeOw.html. Acesso em: 11 jan. 2024.

Figura 33 - Mathias Arigazzi, veterinário do Ecoparque, mostra fantoches com os quais alimenta filhotes de Condores. Em uma das áreas ainda não reformada, o símbolo do Ecoparque aparece ao lado do logo do Projeto ARCA: Asistencia a la reproducción e conservación



Fonte: Fotografias de campo, dezembro e outubro de 2022.

No zoológico de Sorocaba, contudo, a instituição pouco parecia se conectar com o mundo exterior. As ilhas e os recintos, que pretendiam criar uma imagem de natureza, produziam um tipo de ficção que tende a representar o que se imagina ser a floresta. Frequentemente, essa imaginação na história dos zoológicos é uma cena muito alinhada ao imaginário europeu sobre o mundo além-mar: trata-se de algo inicialmente alheio a um mundo familiar, que é tornado próprio não por um vínculo de identificação estabelecido, mas pela captura de seus seres. Também ali, embora as pessoas fossem convidadas a visitar a floresta e seus seres, elas tinham acesso a pequenas janelas que não contavam histórias, mas narrativas muito curtas que se repetiam nos movimentos estereotipados e circulares dos bichos enjaulados.

Se as ilhas de fato criavam um cenário em que se podia ver primatas sem o cercamento de grades, elas carregavam também uma notória melancolia. Perto dos macacos aranha de testa branca, escutei: “ele vai morrer ali, sabia, pai? Nunca vai sair dali”.⁷⁷ Era como se a arca tivesse parado por aquela ilha e deixado ali dois espécimes de um primata ribeirinho para que povoassem sua pequena extensão de terra. Ao mesmo tempo, era também um encarceramento perpétuo notório que se via diante de primatas se deslocando pelas margens de seu pequeno pedaço de terra. A ecologia da Arca de Noé ali era acompanhada de placas com os nomes das espécies, nomes das regiões em que estavam presentes, movimentos inquietantes e circulares.

⁷⁷ Relato de campo, Zoológico de Sorocaba, 23 de julho de 2023.

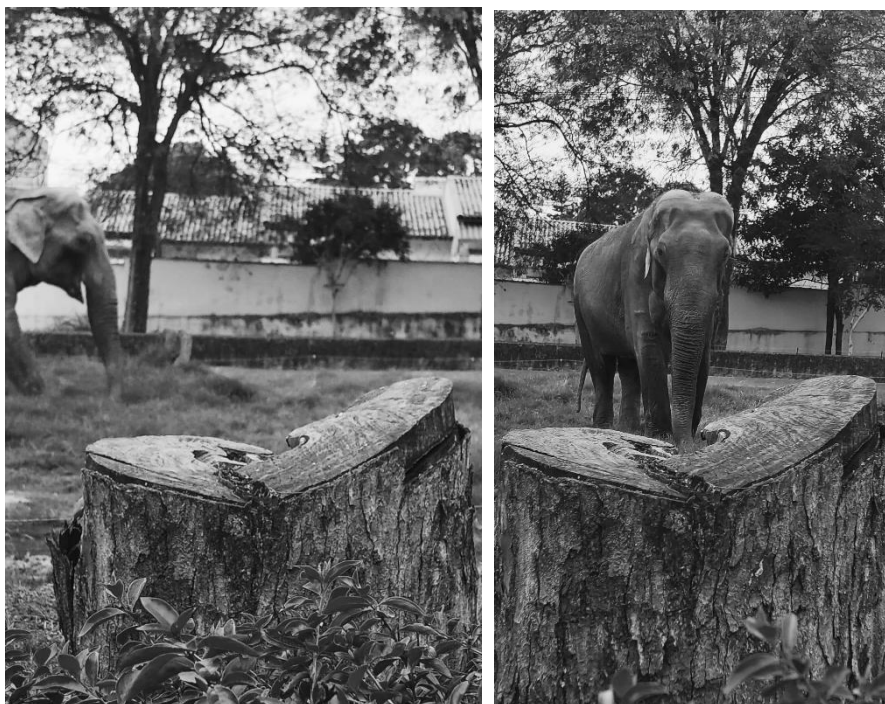
Figura 34 - Recinto dos Macacos-prego (*Sapajus nigritus cucullatus*). A ilha parece ter recebido a visita da Arca, que vendo a proporção diminuta da terra seca, deixou ali apenas a pequena espécie de primata



Fonte: Fotografia de campo, julho de 2023.

O recinto de Sandro a alguns metros dali, embora não fosse envolto por água, era igualmente cercado em relação ao mundo: um fosso e uma cerca elétrica assumiram um isolamento drástico e doloroso.

Figura 35 - Sandro em seu recinto no Zoológico de Sorocaba



Fonte: Fotografias de campo, julho de 2023

4.4. Especulações de um zoólogo: elefantes no fim do mundo e o que um elefante desejaria?

A crítica à presença de elefantes em zoológicos do folhetim no início do século XX, apresentada na abertura deste capítulo, ressoa a discussão do livro “Zoo Animal Welfare”, publicado mais de um século depois pelo conhecido diretor do zoológico de Atlanta, Terry Maple. No prefácio da obra, o psicólogo especialista em questões ambientais Robert Sommer observa que as atuais críticas aos zoológicos se inserem em discussões mais amplas sobre a moralidade do confinamento (de seres humanos e não-humanos):

Throughout the Western world a debate is taking place on the morality of confinement. On one side are the preservationists and reformers who see existing conditions of human confinement in institutions such as mental hospitals, orphanages, and prisons as satisfactory (preservationists) or in need of improvement (reformers) and on the other side are the abolitionists who view confinement itself as immoral and unethical. These divergent views inform current discussion regarding the purposes and the morality of the modern zoo. (Maple, 2013, p.5)

Na acepção de Sommer se vê como críticas aos zoológicos são informadas por discussões mais amplas sobre confinamento, como instituições de saúde mental, orfanatos e prisões. Os debates entre preservacionistas, reformistas e abolicionistas se fazem ver nas críticas que os zoológicos recebem. O Zoológico de Quinzinho de Barros, por exemplo, operava um argumento preservacionista quando defendia que Sandro estava em boas condições em seu recinto. Os participantes do movimento “#Fica Sandro”, por outro lado, apresentavam uma postura mais reformista quando apostavam na possibilidade de melhoria das áreas do Zoológico. Já no folhetim de 1911, a Sociedade Brasileira Protetora dos Animais se alinha a afirmações abolicionistas ao aproximar o espaço dos zoos à imagem de prisão perpétua.⁷⁸

Críticas aos zoológicos, portanto, não são recentes. Parte dos argumentos para a continuidade desse modelo de exibição se sustenta na antiga metáfora da Arca de Noé. Segundo Rothfels (2002, p. 175), a metáfora da arca conferiu aos zoológicos uma “profunda justificativa ressonante para a continuação da sua existência diante dos seus críticos”. Ao acionar tal metáfora, os zoológicos sustentam que seus espaços operariam como salvaguarda.

⁷⁸ Embora os termos tenham grande importância nos estudos ambientais, no contexto desta pesquisa os vínculos se evidenciaram menos a partir de tais categorias, mas através do modo como elefantes e humanos se encontravam.

Uma concepção contemporânea da Arca a situa assim em um contexto de extinção em massa, o antropoceno (Haraway, 2015). O fato de elefantes serem espécies ameaçadas de extinção está, portanto, entre os principais pontos de defesa de sua presença em zoológicos.

Entre as causas de quedas populacionais, que colocam em risco a sobrevivência das espécies, estão a caça furtiva e a perda dos chamados *habitats* naturais. Um resumo dos principais argumentos me foi apresentado em uma conversa com o zoólogo Igor Morais. Igor é um pesquisador que tem vasta experiência em funções administrativas e executivas em zoológicos no Brasil. Ao longo de sua carreira conheceu 94 zoológicos em 11 países e atualmente escreve um livro sobre a história dos zoos brasileiros. O zoólogo me apresentou 3 das 8 estratégias de conservação em cativeiro estabelecidas pela União Internacional para Conservação da Natureza (IUCN) que se aplicam a elefantes. Chama a atenção na descrição de Igor que os elefantes aparecem não a partir de um olhar individual de seus nomes, histórias e narrativas - como vemos no SEB - , mas a partir de um recorte mais amplo em que representam uma população. A presença de elefantes em cativeiro para fins de conservação se enquadra aqui diante das seguintes categorias: “População de segurança”, “População para pesquisa” e “População para propósitos educacionais”. Na percepção de Morais:

Sobre uma população para pesquisa, muito do que é conhecido a respeito da fisiologia, particularmente reprodutiva, dos elefantes vem de estudos no cativeiro. Isso possibilitou pensar e desenvolver técnicas de manejo para populações em regiões da África onde a superpopulação é um problema devido às reservas cercadas.⁷⁹

Nesse argumento, a presença de elefantes em cativeiro se relaciona a elefantes nos chamados *habitats* naturais a partir do que se pode estudar de seus comportamentos e fisiologia. A pesquisa com elefantes em cativeiro permitiria estender o que se sabe de elefantes desde os zoológicos para as savanas, por exemplo. O contexto de risco que elefantes encontram em reservas cercadas, bem como as ameaças de caça e de conflitos em áreas de agricultura, também estão presentes no argumento de Morais. Sobre a “população de segurança”, desenvolve:

No caso da população de segurança, é verdade que as populações de elefante-africano-da-savana e elefante-asiático nos zoos ainda não representam o que existe no ambiente natural. Existem esforços para se conseguir isso, como técnicas de inseminação artificial, mas é complicado por serem animais grandes e que exigem

⁷⁹ Comunicação pessoal com Igor Morais, julho de 2023.

muitos recursos. Tanto a AZA [Association of Zoos and Aquariums] quanto a EAZA [European Association of Zoos and Aquaria] já chegaram à conclusão de que nem todos os zoos têm condições de trabalhar com elefantes. No entanto, sabe-se que existem conjuntos genéticos de populações de elefante-asiático no cativeiro que não se encontram mais representados no ambiente natural. Ou seja, a genética de populações extintas de elefante-asiático permanece no cativeiro. Isso é o suficiente para continuar a manejar elefantes em zoos? Dependerá do ponto de vista. Na questão da conservação, o que se pretende não só com essas populações de elefante, mas de outras espécies ameaçadas, é ganhar tempo. Tentar evitar que tudo seja perdido de vez no ambiente natural e salvaguardar oportunidades para o futuro, apesar de não se saber que futuro é esse. O que se sabe é que, uma vez perdida uma espécie ou subespécie, ainda não temos como trazê-la de volta.⁸⁰

AZA e EAZA são instituições que regulam e avaliam requisitos de bem-estar animal em zoológicos nos Estados Unidos e na Europa. O esforço nesse contexto apresentado por Moraes é fazer com que a “população de segurança” em cativeiro reflita a diversidade genética que é apresentada em espaços de *habitats* naturais. Igor argumenta que idealmente a presença de elefantes em zoológicos funcionaria como uma segurança para as espécies em risco de extinção. As ideias de tempo e de futuro aparecem nesse contexto articuladas por perspectivas de incerteza e risco. Diante de um cenário de ameaça nos *habitats* naturais, ter espécimes “protegidos” em zoológicos permitiria a manutenção daquelas em risco real de extinção. O argumento seguinte, sobre as “População para propósitos educacionais”, traz a discussão de volta aos zoológicos brasileiros.

E por último, há a educação. Essa, talvez, seja a mais controversa de todas. É óbvio que os zoos no Brasil não exibem ou mantêm elefantes com propósitos educacionais. Contudo, existe evidência em instituições da AZA e EAZA que um *design* imersivo mudou a percepção dos visitantes com relação à caça ilegal, destruição do *habitat* e conflitos homem-elefante no ambiente natural.⁸¹

As propostas de *design* imersivo mencionadas por Igor trabalham o conceito de produzir nos visitantes a sensação de estar no *habitat* de elefantes. Em lugar de vê-los por uma janela, se pretende sobretudo construir um espaço que mimetize, para as próprias espécies que vivem ali, circunstâncias ecológicas como as que encontrariam em seus *habitats* naturais. Nesse caso, temperatura, flora e luminosidade são controladas a fim de gerar em humanos visitantes e elefantes residentes a sensação de ambientes em que os últimos estariam

⁸⁰ Comunicação pessoal com Igor Moraes, julho de 2023.

⁸¹ Comunicação pessoal com Igor Moraes, julho de 2023.

em constante risco. O que se pretende ao reproduzir as características de um *habitat entendido como* natural é marcar pessoas e seres, ali em relação, pela paisagem e pela percepção sensorial do ambiente. Nesse cenário, elefantes teriam suas necessidades de movimento e interações sociais atendidas a partir do manejo de manadas, enquanto as demandas por alimentação são atendidas a partir de suplementação nutricional adequada e pastagem abundante dentro dos recintos. Com isso se desenha a ideia de um recinto naturalístico que garanta tanto as necessidades biológicas e sociais de elefantes quanto a sua proteção aos riscos de caça e perda de *habitat*. Morais conclui, assim, sua reflexão a partir de especulações sobre o desejo dos próprios elefantes:

Acredito que a questão principal nisso tudo deveria ser: onde o elefante ficaria ou ficará melhor? Em muitas áreas da África e Ásia hoje, existem conflitos com seres humanos. Soma-se a isso a caça ilegal por marfim e há também abates seletivos para controle populacional no sul da África. Eu gostaria que os defensores dos animais pensassem em qual oportunidade o elefante desejaria mais. **Levar um tiro de um caçador ou por invadir uma plantação devido à fome? Levar um tiro na cabeça em uma operação de abate seletivo? Ou viver em um recinto naturalístico, com um grupo social e manejo adequado ao seu bem-estar em um zoo da AZA ou EAZA? Ou ir viver em um zoo miserável no Brasil ou China? Ou ser um artista em um circo? Quais são as oportunidades realmente viáveis e desejáveis para um elefante?**⁸²

O comentário traz de volta a metáfora do zoológico como a Arca de Noé, enunciada na bibliografia, mas também por interlocutores e instituições em campo. Quando atribuída ao Zoológico de Hagenbeck no século XIX, fazia-se referência à imagem de reunião de diferentes espécies comandadas pela figura do comerciante. Em tempos contemporâneos essa linguagem é intensificada quando há um dilúvio “lá fora”, e a terra encontra-se em ruínas. É diante de um mundo em que cada vez mais espécies são extintas que se justifica a existência de populações saudáveis em espaços confinados para que a espécie não se perca. É diante dessa narrativa que zoológicos criam programas de proteção a espécies ameaçadas de extinção. Diante dos riscos de caça, captura para circos e zoológicos impróprios, o mundo de elefantes fora de zoos certificados é um caminho para a extinção. A morte e a captura aparecem na narrativa de defesa do zoológico moderno não simplesmente como um risco, mas como um destino inevitável.

⁸² Comunicação pessoal com Igor Morais, julho de 2023, grifos adicionados.

As reflexões de Igor mostram a defesa de um modelo particular de zoológico, que tem na figura de Hagenbeck um marco histórico e nas contemporâneas estruturas de recintos naturalísticos seu apogeu. No entanto, os zoológicos da América do Sul estão muito distantes desse sonhado modelo, como as inquietações de visitantes sobre a casa de Sandro mostram. No século XXI um modelo de zoológico baseado na pesquisa científica tinha sido um símbolo de civilidade das cidades, em tempos de recintos naturalísticos a pesquisa genética era igualmente era um símbolo de “avanço científico” para zoológicos emergentes. Em tempos contemporâneos, os Zoológicos continuam a ocupar um lugar potencialmente relevante para o imaginário de desenvolvimento de uma cidade, seja como opção recreativa, como espaço de educação ou como “arca” capaz de salvar espécies da extinção. Ainda assim, mesmo para um argumento reformista, espaços como o que vive Sandro não são efetivos nem em potencial de educação ambiental nem como proteção de espécies em risco. Fazer uma crítica aos zoológicos é, nesse sentido, “questionar a capacidade daquilo que hoje se chama de desenvolvimento de responder aos problemas” (Stengers, 2015, p. 11). No caso dos zoológicos as respostas que os cientistas dão diante das ruínas “lá fora” não parecem capazes de criar uma paisagem futura, mas estão mais tendenciosas a mimetizar dinâmicas civilizatórias de um passado colonial com novos aparatos técnicos (a genética é um dos principais deles, não à toa, ela também foi mobilizada como um dos principais fundamentos em teorias racialistas do século XIX que entendiam a diferença como degeneração).

Embora zoológicos sejam frequentemente encarados como espaços para ver animais, naquela percepção a própria estrutura do zoo e sua história ficavam mais visíveis que os elefantes, o que também conflui com a crítica de que o que se vê nos zoológicos, mais que as espécies que ali habitam, são modos particulares de compreender o que conta com animalidade (Croke, 1998). A história do zoológico estava sendo narrada nos edifícios reformados do Zoológico de Buenos Aires, e também na estranha casa de Sandro. Por outro lado, os recintos imersivos mostram um grande esforço de reproduzir dentro de zoológicos condições de vida semelhantes a que elefantes, e outras espécies, teriam no perigoso mundo “lá fora”. São recintos com vegetação natural, lagos, formações rochosas e climatização que mimetizam paisagens e temperaturas encontradas nos *habitats* de onde as espécies são autóctones. No entanto, essa formulação de grande esforço técnico apresenta dificuldades, no Zoológico de Atlanta, por exemplo, gorilas destruíram 20.000 dólares em plantas no primeiro mês em seu novo recinto naturalístico. Outro desafio, ainda, será como lidar com a possível proliferação de patógenos nesses espaços (Croke, 1998). Nesse ponto, a mimetização do

habitat revela um cenário sofisticado que parece exercer efeitos mais realistas para a percepção de humanos do que para espécies que vivem ali. Elefantes, por exemplo, derrubam árvores para colher frutos ou se coçar em troncos, o que lhes dá entre biólogos o apelido de jardineiros, trata-se de um modo de conformar a paisagem enquanto se movimentam. Nos termos de Tsing “A paisagem é um ponto de encontro para os atos humanos e não humanos e um arquivo de atividades humanas e não humanas do passado.” (Tsing, 2019, p.17). Nesse sentido, as memórias dos elefantes estão vivas nas paisagens que ocupam. O deslocamento, ou o comportamento migratório, é um modo de colocar-se em relação com o mundo (trata-se da paisagem e não do cenário). Talvez os recintos naturalísticos sejam suficientemente realistas para os seres que desconhecem a relação com a paisagem e as assembleias que lhes conformam. Se o mundo dos elefantes não cabe na Arca, não é por uma questão técnica, mas por uma dimensão relacional e de movimento. A exposição de Hagenbeck mostra que, embora esses recintos naturalísticos e seus aparatos pareçam um novo modelo de zoológico, acabam por ser um ajuste dos cenários já ocupados das primeiras arcas-zoológicos às atuais técnicas e aparatos de mimetizar o “selvagem” e o “natural” (Rothfels, 2002).

Os zoológicos no século XIX não apenas exibiam uma imaginação sobre o que era o mundo selvagem, eles eram coprodutores das práticas coloniais e foram determinantes para a conformação e consolidação das práticas de civilidade e eugenismo estatal (conforme apresenta o capítulo anterior). Assim, foram determinantes para a construção do que se construiu como natural e como humano. Não é uma prática inocente. Igualmente, os atuais zoológicos produzem efeitos no mundo. Diante das ruínas do plantationceno, eles se encaixam em uma demanda por salvar espécies mobilizando um arsenal técnico e científico que é explicitamente reprodutivo. Como afirma Zakiyyah Iman Jackson (2020), desde o princípio da definição científica de espécie, ainda Lineu e Darwin, o tema é tratado como uma questão de reprodução. Não à toa a possibilidade de gerar descendentes férteis conforma uma espécie. Em tempos de extinções em massa, esse hiper foco na questão da reprodução faz pensar que basta armazenar o material genético para garantir a sobrevivência da espécie.

Os elefantes, no entanto, lembram que seus territórios não são “cenários selvagens”, mas espaços que se conformam coletivamente. Através da profundidade do solo percebem a presença da água ou a comunicação com a manada. Enquanto se movimentam, espalham sementes, conformam paisagens nas árvores, criam territórios e fortalecem seus vínculos. Trata-se de uma criação conjunta da paisagem e não da ocupação de um espaço previamente feito do esmero técnico neocolonial.

Em 2017, e novamente em novembro de 2023, grandes temporais atingiram a cidade de Sorocaba. O Zoológico se manteve fechado e impossibilitado de funcionar devido às fortes chuvas.⁸³ Embora o Quinzinho de Barros não tenha divulgado imagens dos estragos da chuva, pelas fotos aéreas da cidade pode-se imaginar que as estruturas de ilhas dos Zoo tenham sido fortemente afetadas. Esse é o momento em que as águas invadem a Arca e evidenciam que ela não está fora do mundo. Embora ali vivessem seres para os quais a dimensão relacional é negada, é necessário ter muita confiança na estrutura material e nos aparatos tecnológicos para imaginar que zoológicos estão deslocados dos acontecimentos climáticos e políticos. É o que se faz visível em casos como a inundação do Zoológico de Eiffel na Alemanha, em 2018, em que mais de 200 primatas tiveram que ser reabrigados com urgência;⁸⁴ a tempestade de granizo que atingiu o Zoológico Cheyenne Mountain, em Colorado Springs, nos Estados Unidos, deixando humanos e não-humanos feridos;⁸⁵ a fuga de um hipopótamo e outros 29 animais em uma tempestade na Geórgia em 2015.⁸⁶

Na metáfora da Arca há uma projeção de repovoar o mundo a partir de um casal de cada “tipo”. Em tempos de plantationceno, qual mundo restará para ser repovoado? Despret (2022) nos instiga a reposicionar nossas perguntas, a fazê-las aos animais, o que no contexto desta investigação inclui questionar: o que elefantes diriam se lhes perguntássemos sobre a história dos zoológicos? Ou ainda, o que os elefantes diriam se lhes perguntássemos sobre colonialidade? Ainda que não possamos, ainda, escutar tais respostas com a terra, é importante afirmar que se trata de uma história em curso: entre 2012 e 2019, apenas no Zimbábue, 141 filhotes de elefantes foram capturados e exportados para circos e zoológicos.⁸⁷

⁸³Matérias do G1 Sorocaba Jundiá e de 2023: <https://g1.globo.com/sp/sorocaba-jundiai/noticia/2023/11/04/zoologico-de-sorocaba-e-fechado-temporariamente-por-cao-da-fortes-chuvas.ghtml>. E de 2017 <https://g1.globo.com/sao-paulo/sorocaba-jundiai/noticia/2017/01/zoo-de-sorocaba-que-caiu-durante-chuva-e-reconstruido-apos-2-meses.html>. Acesso em: 13 jan. 2024.

⁸⁴ A DW Brasil noticiou em 2023:: <https://www.dw.com/pt-br/chuva-inunda-zool%C3%B3gico-de-animais-ex%C3%B3ticos-na-alemanha/a-67847049>. Acesso em: 13 jan. 2024.

⁸⁵ Matéria de Emanuella Grinberg e Amanda Jackson no canal da CNN en Español. Disponível em: <https://cnnespanol.cnn.com/2018/08/07/una-tormenta-de-granizo-dejo-dos-animales-muertos-y-14-personas-heridas-en-un-zoologico-de-ee-uu/>. Acesso em: 14 jan. 2014.

⁸⁶ Matéria do portal Cidade Verde, disponível em: <https://cidadeverde.com/noticias/195102/animais-fogem-de-zoo-apos-tempestade-na-capital-da-georgia>. Acesso em: 14 jan. 2024.

⁸⁷ Em março de 2019 a imagem de dezenas de filhotes de elefantes em um pequeno cercado no Zimbábue circulou por jornais do mundo. Disponível em: <https://www.hsi.org/news-resources/zimbabwe-exports-baby-elephants-chinese-zoos-video/>. Acesso em: 13 jan. 2024.

4.5. Da Arca de Noé à casa-grande: fratura colonial no Zoo de Sorocaba

Dentre as atrações do Zoológico, uma chamava atenção por seu caráter aparentemente não ecológico. Imediatamente após a entrada do zoológico, antes do recinto de qualquer bicho, a primeira atração é um museu. À direita era possível ver um típico estilo de construção colonial. Uma casa branca com janela de contorno azul. A casa-grande tinha sido construída em 1780 e transformada em museu em 1968 para a inauguração do Zoológico. Segundo o site da prefeitura de Sorocaba, “O Museu Histórico Sorocabano (MHS) se define como um espaço para preservar a memória da cidade e das pessoas que ajudaram a construí-la, focando no resgate do legado de nosso povo”.⁸⁸ O legado do povo sorocabano se apresenta ali em um acervo com urnas funerárias indígenas, artefatos para flecha em pedra, quadros, objetos de uso cotidiano do período colonial, estribos e pentes esculpidos em chifre⁸⁹.

Com um acervo pequeno, a própria casa parece se estabelecer como esse legado e recebe especial atenção no tipo de expografia proposta ali: “[...] o casarão possui paredes externas em taipa de pilão e internas de taipa de mão. O telhado é de quatro águas com telhas de barro do tipo ‘capa e canal’ e os forros são de madeira. É uma das poucas edificações remanescentes do período colonial em Sorocaba”⁹⁰. Como lembra o filósofo caribenho Malcom Ferdinand (2022, p.80): “[...] a casa grande está destinada a durar. Ela encarna vestígio do mundo escravagista e, particularmente, o vestígio do lugar do colonizador. Esse vestígio do habitar colonial é duradouro”.⁹¹ A casa-grande é, portanto, o principal acervo do Museu (Ocar, 2020). Algo também visto na descrição do Zoológico de Buenos Aires de ter se

⁸⁸ Página oficial da Prefeitura de Sorocaba, disponível em: <https://cultura.sorocaba.sp.gov.br/mhs/>. Acesso em: 14 jul. 2023.

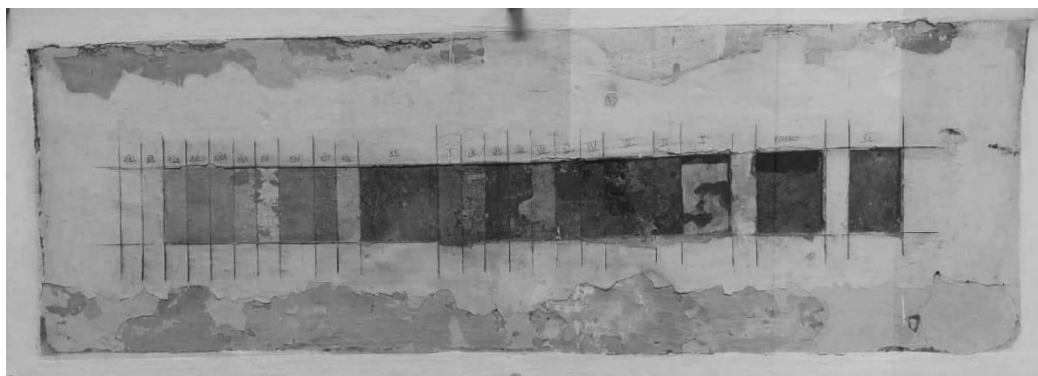
⁸⁹ Embora não sejam identificados, os pentes aparentam ter sido produzidos em casco de tartaruga e marfim, materiais frequentes na confecção de pentes e adornos em períodos coloniais.

⁹⁰ Descrição retirada da seção “Arquitetura” na página sobre o museu, site oficial da Prefeitura: <https://cultura.sorocaba.sp.gov.br/mhs/arquitetura/#gsc.tab=0>. Acesso em: 28 jan. 2024.

⁹¹ Ferdinand (2022) chama atenção aqui para o padrão de casas-grandes transformadas em museus a serem seguidos em diferentes regiões das Américas. Foi comum ao longo da minha vida ver e entrar em casas-grandes. Tais encontros desavisados não foram acompanhados por uma crítica contundente. Pelo contrário, sempre apareciam apenas para criar um tipo de ficção que louva os feitos das famílias que tanto contribuíram para o desenvolvimento da região. Meu processo de tornar-me negra, como diria Neusa Santos Souza (2021), se deu no estado de São Paulo, o que significa muito para alguém que se criou na Bahia. Pela primeira vez na história das gerações da família alguém ia pra São Paulo para estudar. Estudar numa cidade do interior paulista que, mesmo após a declarada abolição institucional da política de escravização, manteve “seus negros” sob regimes escravocratas, sendo uma das últimas cidades do país a assumir a já promulgada Lei Áurea. Esse histórico escravocrata deixa muitas marcas naquele espaço conservador, nos bandeirantes de estradas, nas praças, nos nomes de ruas, nos olhares pela cidade. Uma vez em visita a uma das fazendas de café da região, o instrutor mostrou o espaço em que aconteciam “encontros de Senhores e escravas”, falava com sorriso ao chamá-los de “festa” enquanto olhava para mim e para minha amiga. Igualmente mulatas, igualmente nordestinas, igualmente pesquisadoras de pós-graduação, as histórias do mundo que nos foi recusado nos feriu nessa e em muitas outras vezes do processo de ter nossos corpos racializados como negros nas festas dos brancos. Aprofundarei essas reflexões e como elas atravessam a pesquisa e a escrita da tese no capítulo 5.

tornado um museu de si mesmo (Vasta, 2018). A manutenção dessas estruturas arquitetônicas coloniais conta histórias antigas que precisam ser lembradas não como um ponto isolado, mas para evidenciar a continuidade.

Figura 36 - Camada do Negroceno (Ferdinand, 2022). Imagem da Prospecção estratigráfica do Museu de Sorocaba



Fonte: Fotografia de campo, julho de 2023.

Na primeira placa informativa do Museu, ainda na varanda de entrada da casa, lemos as indicações “O casarão que abriga o museu foi construído em 1780, com mão de obra escravizada sob **domínio** de João de Almeida Pedroso, que recebeu as terras da Câmara em 1771”.⁹² Na sala interna, um painel flutua sem vestígios materiais que o acompanhe como título “Diáspora africana em Sorocaba”: “O termo ‘diáspora’ significa dispersão – obrigada ou não – de um determinado povo pelo mundo. No caso da diáspora africana, refere-se ao deslocamento forçado de africanos negros no período do tráfico transatlântico de mão de obra escravizada”.

É justamente na imagem do tráfico transatlântico que se materializa o início da construção do casarão. Para a maioria dos escravizados, esse domínio tinha seu começo não nos porões da casa-grande, mas antes nos porões dos navios com açoite, estupros, humilhações, odor de morte. O primeiro marco da restrição de pertencimento às relações ancestrais, dos vínculos familiares e com a terra, espíritos, árvores, astros, animais. A ruptura da relação com o próprio corpo e o sufocamento de suas expressões e práticas artísticas (Ferdinand, 2022). Essa arquitetura de dominação firmada nos porões do navio se estendia pelos porões do mundo em uma maneira de posicionar o negro escravizado institucional, política e socialmente. Sem pertencer nem a si e nem ao mundo que o conformou em África, ao sair do navio também não detinha nada, estava, nesse sentido, restringido do próprio mundo (Ferdinand, 2022).

O Museu continua sua narrativa:

A presença de africanos na província de São Paulo data do início da colonização. Contudo, a presença de mão de obra indígena e escravizada era mais numerosa até o

⁹² Placa no MHS, título “Casarão Colonial em estrutura de taipa”, grifo adicionado.

início do século XVIII. A partir de 1965, a população de origem africana cresce devido à lavoura canaveira no interior da província e a Vila de Sorocaba que também estava inserida no quadrilátero do açúcar, presenciou um aumento de escravizados vindos de África.⁹³

Aqui fica explícita a relação entre a mão de obra escravizada e o modo colonial de habitar a terra: a *plantation*. A região açucareira de São Paulo precisava de escravizados para sustentar sua produção, tanto que, em 1780, 17% da população de Sorocaba era formada por pessoas escravizadas.⁹⁴

Ainda assim, o casarão permanece envolto em um mundo em que é possível imaginá-lo como se flutuasse, autossustentado pelo domínio e pelo legado das grandes famílias sorocabanas mencionadas na narrativa: Almeida Pedroso, Almeida Prado, Tobias de Aguiar, Paes de Barros, Canto de Mello. As pinturas nas paredes também parecem cuidadosamente higienizadas, dos troncos de açoite, das figuras negras que aparecem ao fundo em penumbra, representadas quase como se não estivessem ali pela força da extirpação do mundo e de seus vínculos mais constituintes. Em uma pequena maquete da casa, a imaginação colonial expõe sua ficção. A casa aparece isolada em um terreno, solo limpo, nenhum ser no entorno, nenhuma marca das mãos que construíram as várias camadas de taipa moldadas com o corpo e com o pilão, nenhum vestígio da senzala.

Figura 37 - A casa-grande na ficção colonial, isolada, limpa, sozinha em um terreno como se não se nutrisse da corporalidade dos negros no mundo. Maquete do casarão parte do acervo do Museu de Sorocaba



Fonte: Fotografia de campo julho de 2023.

Aquela casa-grande viveu os ciclos da *plantation*, seja nas plantações de açúcar ou no gado de mula que teve grande impacto no projeto de uma integração nacional (Prado Junior,

⁹³ Placa informativa no MHS, título “Diáspora africana em Sorocaba”.

⁹⁴ Informação exposta no Museu de Sorocaba.

1994). Se vê assim o que Malcom Ferdinand (2022) chama de *habitat* colonial marcado por três principais características, a propriedade privada, a *plantation* e a escravização. As marcas dessa história continuam vivas no casarão, nos vestígios materiais de moinhos e da fábrica de ferro, nos utensílios usados para domar o gado muar ou no assombro que o habita. Ali me contaram que o casarão era assombrado, uma vingança devido ao grande sofrimento que tinham vivido os negros. Podia-se ouvir barulhos de correntes e passos ou a imagem de uma senhora atrás de uma das placas informativas da casa-grande.

O Museu, no entanto, aparece como alheio a todo o contexto do Zoológico que o cerca. Parece ter nesse sentido seu próprio recinto, fechado por portões que encerram sua história como se esta fosse separada daquela do Zoológico Quintino de Barros. Há, no entanto, outro modo de compreender essa história. O próprio nome do zoológico faz referência a uma mesma narrativa colonial. Joaquim Eugênio Monteiro de Barros foi o último morador da casa homenageado na nomeação do Zoo.

*A fratura colonial*⁹⁵ se expressa nos portões que separam o recinto dos bichos do Zoo da história do negroceno⁹⁶ com a qual ele se conecta: “O negroceno designa uma era em que a produção do Negro visando expandir o habitat colonial desempenhou um papel fundamental nas mudanças ecológicas e paisagísticas da terra” (Ferdinand, 2022, p. 79). Nesse contexto, a palavra Negro não tem a mesma ideia de raça articulada pela narrativa sobre a escravização da corporalidade vinda de África em Sorocaba. Negro, nesse recorte conceitual, faz referência a uma condição social e política que não se reduz a uma constituição epidérmica, é uma imagem potente dada aos seres para os quais o mundo é recusado. Nos termos de Ferdinand (2022, p. 81): “Os Negros são os muitos fora-do-mundo (humanos e não-humanos) cuja energia vital é dedicada, por meio da força, aos modos de vida e às maneiras de habitar a Terra de uma minoria, ao mesmo tempo que a eles se recusa uma existência no mundo”.

A faceta civilizatória dos zoos na América Latina e sua história colonial permitem também levantar críticas não somente de caráter ambiental, pois evidenciam seu projeto falido de relação com o mundo e uma concepção de desenvolvimento caracterizado pelo apartamento de relações, pela captura de outros seres e formas de vida e suas exibições marcadas por cercas e recintos. Elas nos possibilitam, ainda, problematizar um projeto de

⁹⁵ Destaco o termo em itálico aqui para fazer referência ao modo que foi cunhado por Malcom Ferdinand (2022) ao nomear a separação entre questões ecológicas e o papel do racismo nos modos de habitar a terra.

⁹⁶ Ao longo do texto, quando opto por deslocar-me do termo do “plantationceno” para o conceito de “negroceno”, proposto por Ferdinand (2022), trata-se de uma maneira de dar ênfase aos atravessamentos da força colonial (em humanos, não humanos e na própria terra) tendo a perspectiva negra como centro da análise.

mundo que pretende salvar espécies de uma paisagem em ruínas, sem transformar, entretanto, os projetos históricos que destroem seus *habitats*.

A ideia de que há uma multiplicidade de seres para os quais o mundo é refutado volta a aparecer nas gaiolas dos bichos a poucos metros do Museu da cidade de Sorocaba, naquela casa-grande. Um museu colonial pode passar despercebido para parte dos visitantes ávidos por ver espécies exóticas e raras, pode também parecer uma digressão em uma etnografia multiespécie. No entanto, diante do interesse em recompor a fratura colonial aparece um sentido de continuidade: a história de um mundo que imagina precisar de zoológicos para garantir a sobrevivência de espécies tem seu começo na casa-grande, na força destruidora do que foi o empreendimento colonial. No movimento etnográfico aqui proposto, elaborar essa continuidade implicou em olhar para temáticas transversais à história multiespécie levando em conta a dupla fratura colonial e ambiental. Em termos metodológicos, isso inclui pensar como fazer etnografia multiespécie se encontra com a racialidade em minha própria prática intelectual.

Capítulo 5. A animalização como estratégia colonial

Essa pesquisa se movimentou por contextos muito diversos. No primeiro, elefantes vivem em uma área de mais de 1100 hectares em meio ao cerrado brasileiro por meio de um projeto que se quer santuário e que cria uma manada para elefantes que passaram a vida em circos e zoológicos. Depois, no primeiro Zoológico da América do Sul vivem duas elefantas africanas há mais de três décadas, cercadas por concreto e prédios em uma das regiões mais movimentadas da capital argentina. Em outro cenário, numa cidade do interior do estado de São Paulo, um elefante asiático macho vive sozinho e tem as patas marcadas pelas cercas de seu recinto. Por fim, ao longo de toda a pesquisa recolhi relatos de elefantes ao redor do mundo através de interlocutores, da bibliografia e de relatórios institucionais, um deles é da mesma rede que idealizou e coordena o Santuário de Elefantes Brasil, a ElephantVoices. O nosso quarto cenário, assim, é um de seus projetos de conservação de elefantes, o Gorongosa Elephant Project desenvolvido em Moçambique, em que elefantes traumatizados pelos anos de guerra e caça criam estratégias de evitação e de confronto na relação com humanos em safaris de avistamento.

De um lado estava a necessidade de olhar para contextos distintos entre si, para espécies de elefantes diferentes, para interações com vegetações, instituições e corpos técnicos igualmente múltiplos, por outro, algo que se repetia, a impossibilidade de descrever o movimento de elefantes e sua forma de contato com humanos sem falar de modo mais amplo de suas histórias. Em alguns casos, as narrativas que mais se destacavam eram individuais, como memórias e biografias únicas, em outros, emergia uma história coletiva de captura, abate, ruptura de laços afetivos e encarceramento.

Se percorrer esses distintos cenários era uma escolha etnográfica por seguir o movimento característico de elefantes em processos migratórios, em espaços cercados por grades, concreto, cercas elétricas e fossos, encontrava-me com elefantes em posições de grande limitação de mobilidade. Aprendia assim com técnicos da ElephantVoices a denominar olhares como “tristes”, “vazios”, “deprimidos”; circunstâncias como “solitárias” e “traumáticas”; e narrativas como marcadas por “sequestro da família”, “tortura para aprender a repetir movimentos”, “apresentações e exposições forçadas”. Como consequência desses olhares, circunstâncias e narrativas que marcavam os elefantes, no Santuário buscava-se criar um ambiente em que as elefantas pudessem ser caracterizadas por suas potências afetivas, sociais e intelectuais.

Então, vê-los nos zoológicos, em espaços tão limitantes, me tocava de forma muito particular. Na Argentina, ao contrário das áreas do antigo Zoológico que já tinham sido reformadas⁹⁷ e dado lugar a um parque, no espaço de treinamento de elefantes a estética ainda remetia aos zoológicos do século XIX nas grades, em telas de metal perfuradas, em correntes penduradas no teto. Ver o treinamento das elefantas Pupy e Kuky me colocava a pouco mais de três metros delas e durante essa atividade compartilhamos um mesmo piso de concreto e um mesmo teto. No caderno de campo escrevi sobre aqueles corpos enormes com limitados movimentos, o balanço da tromba quando a cabeça se movia lateralmente em desesperada repetição; sobre seres grandiosos retirados de territórios, de manadas, de uma vegetação e de um continente; sobre as experiências da docilidade forçada guardada nas memórias que poderiam se lembrar de migrações anuais; sobre vivências que pareciam estar sendo restringidas em nomes estranhamente infantis.

Enquanto escrevia sobre elefantes visitava feridas da história colonial. Não foi de maneira voluntária que passava a acessar memórias ancestrais que encontram pontos comuns a outros grandes mamíferos na experiência de captura, na docilidade forçada, na nomeação inferiorizante. Nos termos da antropóloga tunisiana Jeanne Favret-Saada (2005), talvez eu estivesse sendo afetada pela experiência etnográfica. Como no caso de sua pesquisa, porém, não se tratava de ser afetado ao ocupar “o lugar do outro”. Não era sobre ver-me no lugar de elefantes, mas compreender que na história dos zoológicos corpos animalizados como o meu tinham ocupado lugares como aqueles em que esses animais ainda vivem. Para interlocutores da pesquisa ligados às pautas abolicionistas da causa animal, comparar humanos e elefantes é uma estratégia pedagógica de afirmar a injustiça de ter animais “atrás das grades”, em uma chave de pensamento sobre “como você se sentiria?”, como se o espelhamento pudesse fazer sentir a perspectiva de outra espécie.

Para essa pesquisa, no entanto, esse tipo de proximidade implicava compreender os efeitos metodológicos dos lugares que ocupo enquanto pesquisadora. Envolvia, ainda com Favret-Saada (2005, p. 59), perceber minha participação em campo do modo como ela descreve a sua própria no sistema de feitiçaria no Bocage: “ocupar tal lugar [...] não me informa nada sobre os afetos do outro; ocupar tal lugar afeta-me, quer dizer, mobiliza ou

⁹⁷ A essa altura já tinha lido sobre exposições humanas em minhas pesquisas sobre a história dos zoológicos modernos e as imagens desse período ocupavam lugares inquietantes de minha memória. As outras áreas do antigo Zoológico de Palermo já tinham sido reformadas e traziam referenciais imagéticos que remetiam a um grande parque com pequenos mamíferos e aves caminhando livremente, com viveiros de espécies autóctones em recuperação física em alguns recintos.

modifica meu próprio estoque de imagens, sem contudo instruir-me sobre aquele dos meus parceiros”. Um estoque de imagens sobre zoológicos, civilidade, colonização, era assim mobilizado de modo a encontrar ressonâncias entre as memórias de elefantes e as memórias da *plantation*, implicando o meu próprio lugar nessa história.

Como para Favret-Saada (2005), esse tipo de efeito também me abriu uma comunicação com elefantes: um diálogo com seus movimentos e suas histórias. Isso foi determinante para a eleição de um modo de fazer costuras teóricas suturadas (Paulino, 2007), ou seja, marcando a todo momento a narrativa colonial que incide tanto em “corpos sociais” quanto em “corpos ecológicos” (Ferdinand, 2022). A fratura colonial descrita por Malcolm Ferdinand (2022) forneceu uma outra linguagem para lidar com as memórias de elefantes: o empreendimento colonial aparece como um modo de escravagista de habitar a terra, que captura, expõe, encarcera, abate humanos escravizados e a pluriversidade de seres para os quais o mundo é negado (Ferdinand, 2022)⁹⁸.

Assim, esta tese adensa a discussão multiespecífica sobre elefantes ao suturar nela o peso da história colonial e escravagista. Dois exemplos marcam bem esse adensamento. A historiadora Susan Nance (2015), a partir da vida do elefante Jumbo que foi exposto em zoológicos de diferentes países no fim do século XIX, descreve o que chama de “modernidade animal” e a destruição da autonomia de espécimes entre animais em cativeiro. O questionamento da ausência de autonomia aparece como um viés crítico importante, entretanto, na pesquisa etnográfica entre elefantes em cativeiro na América do Sul esse recorte fazia ver também o peso e a continuidade da história colonial. O mesmo acontece quando se olha para a abordagem etnográfica. O antropólogo Piers Locke (2017) reflete sobre a agência de elefantes como metodologicamente relevante para sua pesquisa entre paquidermes asiáticos no Nepal, uma vez que para o autor elefantes contam como interlocutores. Ao longo de minha pesquisa, no entanto, elefantes não se mostraram apenas como agentes de sua própria vivência, mas também interlocutores com quem compartilho certos atravessamentos do violento habitar escravagista da terra.

Minhas perguntas de pesquisa, que tinham começado pelo interesse na relação entre biólogos, cientistas e elefantes, insistiam em me levar a questionar quais as

⁹⁸ Em comparação aos primeiros capítulos da tese, aqui aparece menos a história dos elefantes, da vida de Sandro. Dentro do próprio zoológico a biografia de Sandro é obliterada, então incluo isso também na narrativa: é um ser para o qual o mundo é negado e para o qual também a biografia é negada. Tampouco foram visíveis histórias de seus tratadores ou da equipe técnica do Zoo, o que também lembra que cada espaço da pesquisa permitiu diferentes de envolvimento e de acesso a informações.

implicações de minha corporalidade para os caminhos da investigação e da escrita do texto. Nesse movimento, e embora minha temática se afastasse daquelas abordadas por bell hooks (2013), Audre Lorde (2020), Angela Davis (2016), Lélia Gonzalez (2020), Grada Kilomba (2019) e tantas outras intelectuais negras dedicadas a pensar temas transversais à racialidade, o próprio fazer antropológico exigia a necessidade de posicionar-me a partir de minha corporalidade.

Ao longo da pesquisa, foi somente ao ler escritoras negras que me deparei com a animalização de diferentes corpos como parte das estratégias brutais da escravização e do empreendimento colonial, ainda que eu estivesse inserida em estudos sobre a relação humano-animal⁹⁹. Foi com elas também que me encontrava com descrições de como essa mesma animalização definia mulheres negras como seres incapazes de pensamento. Por outro lado, as reflexões dessas intelectuais se chocavam também com as narrativas teóricas do meu campo de pesquisa que questionavam o discurso sobre a excepcionalidade do humano em relação aos não-humanos, mas não levava em conta como a própria noção de humanidade está carregada pelo processo de classificar certos povos como não-humanos, ou menos humanos, e dos anseios da branquitude por excepcionalidade. Ainda que parte desses estudo que olham paralelamente para as noções de humanidade e de animalidade façam na antropologia uma reflexão muito potente sobre a não excepcionalidade do humano, muito raramente questiona o “humano” enquanto referencial que foi definido pela primitivização de povos escravizados. A seguir observo essa questão a partir do modo como a animalidade segue sendo usada para caracterizar pessoas negras, afastando de nós a prática intelectual.

5.1. A animalização como prática colonial e a intelectualidade mulata

A canção lembra uma longa história do discurso colonial no qual pessoas negras eram metaforicamente representadas como macacos. A metáfora da/o “africana/o” como ‘macaca/o’ tornou-se efetivamente real, não por ser fato biológico, mas porque o racismo funciona através do discurso. O racismo não é biológico, mas discursivo. Ele funciona através de um regime discursivo, uma cadeia de palavras e imagens que por associação se tornam equivalentes: africano

⁹⁹ O tema é sugerido em curtas menções por autoras celebradas: Haraway (2016), por exemplo, apresenta em nota menções nominais ao trabalho e a contribuição de feministas negras interseccionais. Também Despret (2016) observa que borrões nos “fronteira da humanidade” quando cita o caso de testes de novas tecnologias para a saúde humana testadas tanto em animais não-humanos quanto em humanos em situação de vulnerabilidade social. Essa é uma discussão que não poderia aparecer aqui como uma nota ou breve menção, porque em meu próprio deslocamento no mundo esse não é apenas um detalhe.

- *África - selva - selvagem - primitivo - inferior - animal - macaca.* (Kilomba, 2019, p. 130, grifos no original)

No trecho supracitado a intelectual portuguesa Grada Kilomba (2019) faz referência à canção colonial alemã cantada pelo namorado branco de Alicia, uma mulher afro-alemã, depois de sentir cheiro de coco em seu cabelo. Ao apresentar episódios cotidianos de racismo, a autora argumenta que uma memória colonial da plantação se atualiza em momentos rotineiros nas relações entre pessoas negras e brancas. Chama atenção nesse episódio a equivalência entre a racialização de pessoas negras e animalização ao associar o cheiro de coco do cabelo de uma pessoa à canção colonial sobre macacos. Kilomba (2019) observa uma cadeia de imagens e palavras que por associações transferem às pessoas negras um sentido animalesco, inferior e selvagem, fixando suas identidades a partir de uma fantasia colonial. , Em outro momento, Kilomba (2019, p. 131) traz mais uma cadeia associativa: “Vênus-negras - negra selvagem - humano selvagem - animal selvagem - animal”. O diálogo de Kilomba (2019) com o intelectual martinicano Frantz Fanon e a psicanálise é fundamental para conceitualizar o racismo como discursivo. Fanon (2008) também constrói cadeias por associação quando menciona entrevistas realizadas ao longo de três anos com indivíduos brancos, dentre as palavras mais frequentemente associadas a “Preto” estavam: sexo, forte, selvagem, animal, diabo, pecado (Fanon, 2008).¹⁰⁰

Em outro episódio Kilomba (2019, p. 128) volta a comentar uma comparação, feita também no contexto de uma relação afetiva, entre os cabelos de uma mulher negra e os pelos de uma ovelha, descrita por ela como uma “metamorfose imediata de pessoa em animal”. A animalização é apresentada por Kilomba (2019) como uma fantasia colonial em que pessoas negras se equivalem ou são associadas a noções de selvageria, natural, animalesco e primitividade, incorporando ao mesmo tempo características que são abjetas e desejáveis ao sujeito branco. Desejáveis, em um sentido erótico e sexualizado, na medida em que representam o que a branquitude perdeu ao se distanciar discursivamente do “natural”. Ao mesmo tempo abjetas porque apresentam características inferiores às almejadas noções de civilidade e evolução. A branquitude aparece então como representante máxima da própria noção de humanidade ao criar a equivalência de sujeitos negros, e de outros povos, aos sentidos animalescos e selvagens. Para lidar com essas narrativas da fantasia colonial branca Kilomba (2019, p. 14) defende a necessidade pensar a própria linguagem, uma vez que “a

¹⁰⁰A cadeia completa de palavras é: “Preto=biológico, sexo, forte, esportista, potente, boxeador, Joe Louis, Jess Owen, soldados senegaleses, selvagem, animal, diabo, pecado” (Fanon, 2008, p. 144).

língua informa-nos constantemente de quem é *normal* e de quem é que pode representar a *verdadeira condição humana*” (grifos no original). Para tanto, foi preciso definir alguns termos em seu livro. Seguirei aqui algumas de suas definições potentes para pensar relações multiespécies e o modo que elas se nutrem das fantasias coloniais:

Primitivização: O sujeito *negro* torna-se a personificação do incivilizado – a/o selvagem, a/o atrasada/o, a/o básica/o ou a/o natural –, aquele que está mais próximo da natureza. [...] *Animalização*: O sujeito *negro* torna-se a personificação do animal – a/o selvagem, a/o primata, a/o macaca/o, a figura do “King Kong” –, outra forma de humanidade. (Kilomba, 2019, p. 79, grifos no original)

No argumento de Kilomba (2019), esses termos nascem do peso da história colonial. Em narrativas sobre a escravização de negros nas *plantations*, as ideias de animalidade são igualmente usadas para observar a brutalidade com que foram tratados os sujeitos escravizados.

Nas descrições minuciosas que bell hooks revisa sobre o tratamento que escravagistas aplicavam em navios negreiros são comuns termos frequentemente usados para se referir à doma de bichos, “os escravagistas lembram em seu livro de registro que foram sadicamente cruéis com africanos a bordo de navios negreiros como uma forma de “parti-los ou **domesticá-los**” (hooks, 2013, p. 24, grifo adicionado). Em outro trecho, hooks (2013, p. 23) descreve como açoites, estupros, torturas, humilhações também eram estratégias de doma: “uma parte importante do trabalho dos escravagistas era efetivamente transformar a personalidade africana a bordo dos navios de tal modo que seriam vendidos como escravos ‘**dóceis**’ nas colônias americanas” (hooks, 2013, p. 23, grifo adicionado).

Os termos “docilidade” e “domesticação” revelam a intenção colonial na brutalização de escravizados, parte da estratégia de escravização. A linguagem indicava também a dualidade dos termos, enquanto os povos escravizados eram vistos a partir das noções de incivilidade e selvageria, os colonizadores ocupam o lugar propriamente humano, civilizado e evoluído. A comparação fica ainda mais explícita quando se trata das violências físicas e psicológicas que forçaram mulheres escravizadas a engravidarem a fim de aumentar o rendimento do comércio de escravizados e dos trabalhos nas *plantations*. Como indica o trecho: “dá-se tanta atenção a procriação e crescimento dos negros como aos cavalos e mulas. [...] Uma mulher **procriadora** vale entre um sexto e um quarto mais que outra mulher que não procria” (hooks, 2013 p.46, grifo adicionado).

A aproximação com a condição animal da escravização é também descrita pelo intelectual brasileiro Abdias Nascimento (2016), que retoma:

Recordemos rapidamente os fatos históricos: com a invasão da terra africana, o saque, a violação, a escravização, e o assassinio de cem milhões de africanos; com a pilhagem das riquezas naturais assim como dos tesouros artísticos da África; e com a dominação cultural, atingiu-se a negação do espírito africano, para na etapa seguinte o homem e a mulher africanos serem degradados à condição de **animal**. (Nascimento, 2016, p. 174, grifo adicionado)

Nessa narrativa a condição animal aparece como um estado de degradação produzido pelas mãos escravagistas. A sedimentação da narrativa subjugadora colonial faz com que o peso do tempo, a ferida de séculos de escravização e a animalização sejam transpostas como inerentes, como naturais, é o que sugere Kilomba (2019, p. 130) sobre a citação que abre este capítulo: “o/a espectador/a é convidado/a a olhar para a África (o cenário) como um lugar de macacos (africanos) e heróis *brancos* (colonizadores)” (grifo no original).

Também Fanon (2008) se refere a essa objetificação animalesca quando narra com ironia o processo de abolição conduzido pelo próprio colonizador branco: “um dia, um bom senhor branco que tinha influência disse a seus colegas: ‘Sejamos amáveis com os pretos’. Então os senhores brancos, resmungando, pois ainda assim era difícil, decidiram elevar **homens-máquinas-animais** à posição suprema de homens” (Fanon, 2008, p. 182, grifos adicionados). A humanidade para pessoas negras aparece nesse contexto como uma condição concedida pela branquitude, e a animalidade uma característica inata (que tem na sexualidade exacerbada um indício inquestionável).

O lugar bestial, selvagem, primitivo, animalesco que nasceu com a escravização na *plantation* sobreviveu às abolições institucionais. A abolição sem políticas de inclusão e reparação histórica não foi suficiente para deslocar a fantasia colonial da branquitude em que pessoas negras ocupam o lugar do animalesco. No contexto do Brasil, a intelectual brasileira Carla Akotirene (2022) recupera a obra de Gilberto Freyre como ilustrativa da narrativa de hipersexualização de mulheres negras: “Gilberto Freyre, em *Casa Grande e Senzala* (1988), obra marcada pela culpabilização das mulheres negras diante das violências sofridas, por serem elas irresistíveis, **animalescas**, quentes, depravadas, validando a crença: crime é não estuprar uma mulher negra” (Akotirene, 2022, p. 124, grifo adicionado) Uma crítica similar é feita por Angela Davis (2016, p. 181): “uma vez aceita a noção de que os homens negros

trazem em si compulsões sexuais irresistíveis e **animalescas**, toda a **raça** é investida de bestialidade” (grifo adicionado).

Akotirene (2022) também observa o relato do senador norte americano Ben Tillman, da Carolina do Sul, que em 1903 indicava que pessoas negras estavam mais próximas do elo perdido com o macaco. Ao longo do século XIX uma série de exposições acionavam o imaginário de que haveria um ponto limítrofe, um elo perdido entre o que é propriamente humano (branco e europeu) e os símios primatas. Os zoológicos humanos exibiam os “tipos” racializados do mundo encarcerados em jaulas junto a outras espécies. Corpos expostos seminus se juntavam a narrativas que enfatizavam uma erotividade primitiva e selvagem consolidando uma imagem de sexualização de determinadas raças. Saartjie Baartman, conhecida como Vênus Negra, por exemplo, foi exposta em diversos países e “examinada” por muitos cientistas em vida e igualmente após sua morte, entre eles o paleontólogo Georges Cuvier. Cuvier, como mencionado anteriormente, é lembrado como o primeiro a descrever a extinção enquanto um fenômeno científico. Se ao analisar mandíbulas de mamutes e elefantes Cuvier identificava os limites entre espécies e períodos da terra, em sua análise de Baartman seu arsenal científico se arregimentava para outro tipo de fronteira: Baartman representava um elo entre humanos e selvagens, um ponto em que se encontravam civilidade e bestialidade. A dissecação de seu corpo concluiu que ele estava mais próximo ao de grandes primatas não-humanos do que aos *homo sapiens*, seus cérebro e seus genitais ficaram expostos Musée de l'Homme em Paris até 1970 (Kerseboom, 2011).

Esse tipo de exposição, segundo o especialista alemão em história dos zoológicos humanos, Nigel Rothfels (2002), ao mesmo tempo que foi determinante para nutrir a pretensa separação entre brancos europeus e os povos racializados como não-brancos das selvas do mundo colonizado, também construiu a ideia mesma do que conta como “animal”. A proximidade de pessoas racializadas como negras a noções primitivistas e animalescas que se fundaram na escravização de humanos e na exploração dos territórios coloniais sobrevive ainda aos poucos séculos pós-escravidão institucionalizada e se mostra presente no racismo cotidiano analisado por Grada Kilomba (2019). São termos que animalizam pessoas negras nos mais distintos cenários, do futebol à política (Ferdinand, 2022).

Grada Kilomba (2019, p. 114) também se refere a isso quando relembra sua própria vivência na “Rua dos Macacos” ou “República das Bananas”, como era conhecida a rua Dr. João de Barros, onde cresceu em Lisboa: “a fantasia grotesca de nos classificar como macacos revela a necessidade de nos impor a posição de inferiores – não humanos” (Kilomba,

2019, p. 114). A narrativa dos heróis ibéricos ocupava uma fantasia colonial fortemente atravessada pelo argumento teológico de que negros foram descendentes de Cam e, portanto, teriam recebido de Deus a maldição da escravidão. Sobretudo com a antropologia física do início do século XIX, tais fantasias passaram a ter grande apoio científico. A própria ideia de raça expõe essa história. Kabengele Munanga (2004, p. 17) observa como a ideia de raça, usada originalmente por Lineu, pai da taxonomia moderna, para categorizar plantas foi, ainda em 1684, foi usada pelo antropólogo François Bernier, que “empregou o termo no sentido moderno da palavra, para classificar a diversidade humana em grupos fisicamente contrastados, denominados raças”.¹⁰¹ Com a pretensa “descoberta” de povos que ocupavam territórios recém conhecidos no além mar, de ameríndios a negros e melanésios, uma ciência passa a ser desenvolvida para embasar o questionamento antes religioso sobre a humanidade que até então era conhecida pelos europeus.

A diferença passa a ser lida como degeneração e articulada por meio da hierarquização de diferentes corpos, desde essa premissa, características de concentração de melanina somam-se a descrições morfológicas do tamanho de crânios, boca, nariz para serem associadas a características morais e intelectuais. No caso da racialização de pessoas negras, ao tamanho de crânios, queixos, bocas, foram acrescidas observações sobre a rara inteligência, o excesso de emocionalidade, a tendência a serem dominados:

os indivíduos da raça “branca” foram decretados coletivamente superiores aos da raça “negra” e “amarela”, em função de suas características físicas hereditárias, tais como a cor clara da pele, o formato do crânio (dolicocefalia), a forma dos lábios, do nariz, do queixo, etc. que, segundo pensavam, os tornavam mais bonitos, mais inteligentes, mais honestos, mais inventivos etc. e, conseqüentemente, mais aptos para dirigir e dominar as outras raças, principalmente a negra, a mais escura de todas, considerada, por isso, como a **mais estúpida, mais emocional, menos honesta, menos inteligente e, portanto, a mais sujeita à escravidão e a todas as formas de dominação.** (Munanga, 2004, p. 21-22, grifos adicionados)

Nesse contexto a ideia de raça é assumida para tudo que seja “não branco”, enquanto a descendência europeia branca figura pacificamente os atributos da desejada humanidade. Grada Kilomba (2019) insiste no racismo como discursivo, não biológico, uma operação que embora não seja racional se torna crível. O racismo tal qual se apresenta em nossos dias,

¹⁰¹ Já no século XV o conceito foi transposto da botânica para afirmar a pureza de francos em relação a gauleses e suas antagônicas habilidades, enquanto francos eram dotados de nobreza e habilidades para governança, gauleses plebeus poderiam ser por eles escravizados (Munanga, 2004).

como descreve Ferdinand (2022), aparece como um efeito da exploração dos corpos e das vidas, e não uma causa dessa exploração.

A ciência deu sua ampla contribuição para um ideal de branquitude como referencial de pureza racial. Não à toa o branqueamento no Brasil se tornou política de Estado, uma de suas características foi o incentivo à imigração desde a Europa. Sueli Carneiro (2011) relembra:

Os intelectuais racistas do fim do século XIX e começo do XX estimavam que em torno de 2015 o Brasil estaria livre da “mancha negra”. Sobrevivemos à escravidão, temos sobrevivido à exclusão, sobreviveremos aos periódicos genocídios. Somos “uma pretalhada inextinguível”, como disse, em desespero, Monteiro Lobato. Viveremos! (Carneiro, 2011, p. 80)

A ideia de que a corporalidade negra é manchada permanece viva em termos ainda cotidianos, ao animalizar-nos eroticamente e denotarem uma pretensa inaptidão à prática intelectual. A ênfase corpórea e sexual aparece como grande justificação para a subalternização (Ferdinand, 2022). Também Franz Fanon (2008) observa uma dualidade de domínios opostos entre intelectual e sexual, em um contexto em que a ênfase na hipersexualização e no biológico de sujeitos negros também estão associados à sua pretensa inabilidade para atividade intelectual.

Por fim, a mesma história colonial que indica que pessoas negras ocupem narrativas animais também implica que o que conta como “propriamente humano” seja tudo que é particularmente branco. Trata-se, como defende Zakiyyah Iman Jackson (2020), de uma fratura na própria noção de humanidade, a escravização não exatamente trabalhou a partir da desumanização de pessoas negras escravizadas, trabalhou justamente ao criar um tipo particular de humanidade para o qual a brutalização é aceitável (Iman Jackson, 2020). Ferdinand (2022) diria que essa criação foi também acompanhada por uma forma de habitar a terra em que ela própria é parte desse tratamento brutal.

No entanto, a prática intelectual em mãos negras evidencia modos de posicionar a ênfase colonial na corporalidade: “minha última prece: Ô, meu corpo, faça sempre de mim um homem que questiona!” (Fanon, 2008, p. 191). O corpo aparece no encerramento de “Peles Negras, Máscaras Brancas”, de Frantz Fanon (2008), como um lugar potente para o questionamento. A relação entre racialidade e prática da pesquisa de campo é também abordada por Rosana Castro (2022) em seu trabalho sobre racismo na medicina e na própria antropologia. A autora reposiciona a temática da ética antropológica explicitando a

necessidade de levar em conta as hierarquias raciais em práticas de pesquisa (Castro, 2022). A condição do ser, a corporalidade, a pele e as memórias no corpo se deslocam assim de um ponto de incivilidade e primitivização (que a persistência da história colonial tende a estabilizar) e se tornam um lugar de potência e afirmação para a construção de um argumento teórico.

5.1. Animalização e prática intelectual

*Desde a escravidão até hoje o corpo da negra tem sido visto pelos ocidentais como o símbolo quintessencial de uma presença feminina natural orgânica **mais próxima da natureza animalística e primitiva.*** (hooks, 2013, p. 468, grifos adicionados)

bell hooks quando discute a intelectualidade negra observa em suas alunas a sensação de que o trabalho intelectual não tem uma “ligação significativa com a vida real ou o domínio da experiência concreta” (hooks, 2013, p. 467). Essa foi parte significativa de minha reflexão ao longo da tese. Por isso, a parte final deste argumento se direciona a pensar os sentidos da minha prática intelectual. A intelectualidade para mulheres negras “comprometidas com práticas insurgentes” foi ainda descrita por hooks como ativismo e é nessa posição que quero colocar a escrita (hooks, 2013, p. 477). Atribuir sentido à prática intelectual para além dos moldes da branquitude é na verdade uma questão frequente para pesquisadores em áreas em que a temática do “ser negro” aparece diretamente como tema central e objeto de estudo da pesquisa. Por exemplo, para pesquisadoras que estudam racialidade, formação do Brasil contemporâneo, branquitude, negritude, posicionar a própria intelectualidade como militância talvez seja algo esperado diante da urgência dos tempos. No âmbito da produção intelectual de áreas que não se situam dentro dos estudos de racialidade, no entanto, como é o caso dos estudos multiespécies e dos estudos da ciência, esse tipo de postura parece ser menos esperado.

Viver e fazer ciência em um mundo em que o racismo é uma presença que ronda todas as encruzilhadas da herança colonial exige tomar posicionamentos. “Saberes localizados” ou ainda “conhecimento situação” são noções que emergem da crítica feminista à ciência, uma delas elaborada por Donna Haraway (2009). A autora relembra a potência de um saber que diz de onde vem e em relação a que se posiciona. Aqui quero posicionar-me a partir de um corpo que é, nas palavras de hooks (2013), visto como “um corpo sem mente”.

Pensar em uma prática intelectual a partir desse lugar é levantar uma crítica à pretensa inaptidão negra ao pensamento.

No processo da pesquisa parecia paradoxalmente doloroso e instigante ser antropóloga desde uma corporalidade que pretensamente impede o trabalho intelectual. As ideias de prática intelectual e de animalização bem expressas no termo “mulata” me davam um “saber localizado” bastante particular, desde onde olhava para relações multiespécies sendo eu mesma historicamente animalizada. A tese se localiza nesse ponto em que se encontram por um lado as reflexões sobre os sentidos da minha prática antropológica, e de outro as histórias de elefantes com os quais tive contato.

Nesse movimento duplo, emerge uma imagem que faz referência a contextos de encontro e companheirismo multiespecífico, mas também aos violentos e dolorosos encontros coloniais. Trata ainda de visitar o olhar colonial direcionado à corporalidade negra, o lugar animalesco e primitivo que se exprime na palavra “mulata”. Grada Kilomba (2019, p. 19, grifo no original) descreve: “m. (*mulata/o*), palavra originalmente usada para definir o cruzamento entre um cavalo e uma mula, isto é, entre duas espécies animais diferentes, que dá origem a um terceiro animal, considerado impuro e inferior”. Chega a ser tão ofensivo que Kilomba (2019) opta por ao longo do texto se referir ao termo como “a palavra M.”. Outras intelectuais afro-diaspóricas também desenvolvem em suas obras uma reflexão sobre a palavra. É o caso, por exemplo, de Lélia Gonzalez (2020) ao propor “um feminismo afro-latino-africano”:

Um ditado “popular” brasileiro resume essa situação, afirmando: “Branca para casar, mulata para fornicar, negra para trabalhar”. Atribuir às mulheres amefricanas (pardas e mulatas) tais papéis é abolir sua humanidade, e seus corpos são vistos como **corpos animalizados**: de certa forma, são os “**burros de carga**” do sexo (dos quais as mulatas brasileiras são um modelo). (Gonzalez, 2020, p. 135, grifos adicionados)

O termo ancorado na história colonial e na miscigenação como estratégia de embranquecimento populacional em contextos latinos retifica a animalização dos corpos de mulheres negras em um racismo cotidiano que se supõe possuir um tom elogioso. Como denota Sueli Carneiro (2011), a exaltação da mistura, ainda que de forma erótica, configura-se como um dito abrigo para uma negritude indesejada. Nesse contexto, “mulata” é ainda um tipo desconfortável de elogio que tem na ideia de miscigenação, da proximidade com a brancura, uma salvação que foi bem retratada na obra “A redenção de Cam” (1895), do pintor

espanhol Modesto Brocos. Assim, embora o termo M. cotidianamente seja atribuído a uma pessoa, como característica individual que posiciona alguém em um espaço de exotividade singular própria da mestiçagem que é paradoxalmente proibida e desejada, ele se refere a uma experiência coletiva e não à toa foi tantas vezes observado na literatura especializada¹⁰².

O termo indica ainda inaptidão ao pensamento. A animalização da mulata é revivida na pretensa incapacidade para a atividade intelectual. É o que observa bell hooks (2013) através da avaliação do hiper erotismo associado a mulheres negras que informa o modo que somos lidas ainda na contemporaneidade:

Mais que qualquer grupo de mulheres nesta sociedade, as negras têm sido consideradas só corpo sem mente. A utilização de corpos femininos negros na escravidão como incubadoras para a geração de outros escravos era a exemplificação prática da ideia de que as mulheres desregradas deviam ser controladas. Para justificar a exploração masculina branca e o estupro das negras durante a escravidão a cultura branca teve de produzir uma iconografia de corpos de negras que insistia em representá-las como altamente dotadas de sexo, a perfeita encarnação de um erotismo primitivo e desenfreado. Essas representações incutiram na consciência de todos a ideia de que as negras eram só corpo sem mente. A aceitação cultural dessas representações continua a informar a maneira como as negras são encaradas. (hooks, 2013, p. 469)

A imagem de um corpo sem mente, animalizado e primitivizado, ressoa na imagem da mulata como boa para comer, como coloca Gonzalez (2020), porém incapaz de pensar. A associação da palavra “mulata” com o termo “intelectualidade” produz um sentido paradoxal. Por intelectualidade compreendo o trabalho intelectual, a prática, a feitura. Como avalia hooks (2013), o termo pode provocar entre mulheres negras um incômodo e uma sensação de afastamento em relação a urgências do mundo e de não cumprimento da posição que se espera de nós socialmente enquanto seres que estão para servir e cuidar com o corpo. Justamente por ter sentido esses incômodos em tantos momentos da pesquisa, parece relevante enfatizar esse lugar do trabalho com a escrita tão negado à ascendência negra no pós-travessia atlântica.

Esse tipo de prática é uma contraposição ao modo canônico de fazer ciência, em que a intelectualidade é imaginada como descorporificada. Aqui a corporalidade é justamente um

¹⁰² A ideia de mulata traz a tona também três referenciais: o da branquitude como o padrão de humanidade, do corpo negro retinto como a outridade indesejada, e os corpos que derivam desse encontro como igualmente contaminados pela selvageria exótica e sexual própria do continente africano e de uma potencial aceitabilidade vinda herança da branquitude.

ponto central da proposição do pensamento. Olhar para a prática da ciência eurocêntrica com essa crítica revela como ela é igualmente corporificada, localizada em termos temporais e geográficos, embora se pretenda uma perspectiva totalizante. Nesse sentido, qualquer intelectualidade é feita não apesar de um corpo, mas a partir de um corpo. O corpo nessa tese é uma imagem para esse ponto de localização da prática intelectual, e se encontra não no indivíduo (uno) mas no encontro (compósito). Na medida em que essa pesquisa apresenta a experiência colonial como uma experiência compartilhada, o “conhecimento situado” aqui também é um encontro¹⁰³.

O que chamo de intelectualidade mulata é uma crítica à animalização imposta à corporalidade negra, é um questionamento desse lugar em que a animalização é também uma pretensa incapacidade para pensar e escrever¹⁰⁴. É usar esse lugar que a história colonial me impõe, enquanto mulher negra, como potência para produzir a crítica à narrativa colonial e deslocar a discussão multiespécie para um diálogo com as teorias sobre racialidade¹⁰⁵. Por um lado, somo-me a vozes que recusam a narrativa de sujeitos negros como incapazes do trabalho intelectual. Por outro, uso o lugar em que sou tida enquanto animalizada para reposicionar o que conta como relevante quando se contam histórias interespecíficas. O lugar da palavra M. é relevante aqui na medida em que acesso através dele uma experiência compartilhada de fardo colonial.¹⁰⁶

¹⁰³ Essa é uma reflexão que ganhou muito de meus diálogos como Camila Fontenelle e sua recusa radical à humanidade em seu trabalho em co-autoria com as baleias (Miranda, 2022).

¹⁰⁴ A ideia de intelectualidade mulata funciona aqui como um conceito muito localizado, na medida em que surge dos movimento da ficção persuasiva dessa etnografia. A antropóloga britânica Marilyn Strathern observa que “ Preparar uma descrição requer estratégias literárias específicas, a construção de uma ficção persuasiva: uma monografia deve configurar-se de modo a transmitir novas composições de ideias. Isso se torna uma questão de sua própria composição interna, da organização da análise, da sequência em que o leitor é apresentado aos conceitos, o modo como as categorias da pesquisa são justapostas ou os dualismos revertidos. Enfrentar esse problema é enfrentar o arranjo do texto.” (Strathern, 2014, p.174). Nesse sentido, o arranjo aqui é provisório na medida em que não se propõe como uma explicação geral sobre um mundo, mas uma estratégia textual, que funciona como uma dupla crítica: primeiro uma crítica à animalização de sujeitos negres imposta pela força colonial; depois aos estudos multiespécies por pouco incluírem reflexões sobre os efeitos do racismo em suas proposições.

¹⁰⁵ Em alguma medida o atravessamento higienista do estado em minha história pessoal me faz também dialogar com a perspectiva de Jota Mombaça de “um corpo normativamente pardo, e portanto politicamente negro” (Mombaça, 2021, p.17) que encontra na própria vivência a necessidade de barricadas do tempo, informada pelo “privilegio colorista, mas também pela insuficiência de tal privilégio” (idem). Nesse sentido, minha própria corporalidade carrega os marcos das tentativas estatais do embranquecimento populacional brasileiro, o que implica em particularidades e muitas vezes amenizações do modo que o racismo institucional se impõe para alguém que não é “tão negra” e ao mesmo tempo enfrentamentos e resistências em contextos em que se é “a única negra”.

¹⁰⁶ Corroboro assim com a reflexão da antropóloga Susan Haris (2022) que aponta para a resistência da crítica pós-colonial em assumir atravessamentos da história em humanos e não-humanos, como se olhar para essa história reificasse a “desumanização” como uma violenta estratégia imperial. Em defesa da aproximação de abordagens pós-coloniais e multiespécies, Harris (2022) identifica cinco pontos de confluência entre esses estudos, dentre eles a própria descolonização.

Nesse sentido, o argumento da tese se dá por meio de um procedimento de aproximação. Ele é uma estratégia de escrita em que uso o lugar social em que fui posta, animalizada, como potente para questionar a narrativa colonial sobre “animais” e sobre a “humanidade”. Reconhecer que a história colonial incide sobre a corporalidade através da qual sou percebida no mundo faz com que eu me posicione de modo particular em relação à minha interlocução com elefantes e instituições em seu entorno.¹⁰⁷ Implica que no processo de construção da tese paulatinamente, houve um adensamento dos espaços em que a história de elefantes em cativeiro na América do Sul era também a história dos zoológicos no mundo articulando noções de animalidade e humanidade construídas com base na escravização de corpos racializados como não-brancos. Em seu sentido amplo, a escravização atravessa humanos, não-humanos e a própria terra (Ferdinand, 2022). No limite, penso aqui em uma etnografia multiespécie a partir de um ponto em que minha própria condição de humanidade é constante e cotidianamente questionada pela história colonial, isso tem um peso.

Deixar esse peso aparecer na tese é intencional. Suturar esse peso na tese é intencional. Foi na escrita da tese que se formou a imagem da intelectualidade mulata como uma crítica e como um conceito. Como crítica na medida em que me somo a reflexões de intelectuais negras que negam o lugar da mulata, que negam a sexualização imposta, que denunciam a subjugação de nosso pensamento e fazem ciência sobre isso. Um conceito porque escrevo sobre animais não-humanos a partir da experiência de minha corporalidade historicamente animalizada. A intelectualidade nesse ponto não é uma reivindicação de humanidade, essa reservada aos brancos, mas um exercício de encontrar com elefantes histórias e formas de ser com a terra, cobrir o corpo de terra, encontrar alinhamento a partir da terra. Pensar desde a animalização da corporalidade negra é, assim, uma forma de politizar etnografias multiespécies, forçando-as a levar em conta lugares de encarceramento, exibição e exotização compartilhados com um grande número de espécies com quem dividimos os “porões do mundo” e o peso da história colonial.

¹⁰⁷ O tema é também abordado pelo que vem sendo chamado de interseccionalidade multiespécie, que mostra como o poder colonial atravessa diferentes dimensões de gênero à classe e à multiespecífica. A antropóloga Andrea Pettit (2023) observa como o conceito de interseccionalidade, proposto por feministas negras para descrever como gênero, racialidade e classe se compõe mutuamente e se interconectam, se associam ainda ao descentramento do humano elaborado pela crítica multiespecífica. Associando duas áreas de conhecimento, o conceito de interseccionalidade multiespécie aponta para a forma como as articulações nas relações de poder vistas nas categorias de gênero e etnia atravessam também todas as espécies envolvidas em vivências cotidianas (Pettit, 2023). A especialista em estudos de gênero, Kuura Irni (2023) e colaboradores, complexifica esse debate ao apontar que a noção de interseccionalidade se aplicada descuidadamente para quaisquer contextos pode acabar por abafar a crítica ao racismo. O atravessamento entre corporalidade e política multiespécie também é visto na pesquisa de Camila Fontenele de Miranda (2023) quando aborda as baleias e o corpo gordo.

Escrita pandêmica, aquilombamento e a contra-maldição do fim do mundo

Esta pesquisa foi feita em um tempo de urgências. Meu trabalho de campo entre biólogos e elefantes começaria dentro de algumas semanas quando a pandemia de Covid-19 emergiu. A interação de um vírus com o corpo de milhões de humanos ao redor do globo transformou tanto ações cotidianas quanto cronogramas futuros. Escrevo isso para lembrar das narrativas de insegurança, de risco e, em alguns momentos, de morte iminente e necessidade de intervenção que acompanharam os primeiros anos da pesquisa e contribuíram para uma transformação no modo que compreendo o trabalho acadêmico. Aqui, essas memórias transformaram meu modo de perceber a prática antropológica através de duas noções bastante presentes na pandemia: movimento e contaminação.

Movimento. As restrições iniciais de uso dos espaços da universidade rapidamente se transformaram em orientações expressas para o encerramento de todas as atividades. A paralisação dos trabalhos, que se repetia em outros outros *campi*, estava pelas ruas fora do espaço acadêmico, onde a diminuição da circulação era vista como um mecanismo para conter o espalhamento do vírus à medida em que se descobria seu potencial de transmissão. As recomendações de organizações internacionais de saúde aumentaram enquanto crescia a contagem de casos e mortos. Não demorou para que o contexto restringisse a mobilidade. Para a realização de uma pesquisa antropológica, não poder “estar lá” desestabiliza não só o planejamento estabelecido no projeto, mas também as imaginações do que conta como trabalho etnográfico.

Se por um lado humanos se locomoviam com menos intensidade pelas ruas das cidades, por outro os bichos se espalhavam com movimentos incomuns. Vídeos de “animais selvagens”, como os jornais gostam de dizer, caminhando por grandes cidades nos fazia pensar em como seria se aquele outro ritmo permanecesse.¹⁰⁸ Enquanto tantos humanos tinham sua movimentação reduzida, eu acompanhava de longe notícias sobre elefantes: uma manada fazia uma migração inesperada pela China (Jiang *et al.*, 2023; Campos-Arceiz *et al.*, 2022), centenas de elefantes encontrados mortos em Botsuana, um grupo de cientistas que via confluência entre os dois casos (Wang *et al.*, 2021), novos tratados internacionais sobre a conservação de elefantes,¹⁰⁹ uma elefanta sendo deslocada entre a fronteira do Brasil e da

¹⁰⁸ Um grupo de cientistas, em um artigo sobre ecologia urbana nesse período, chega a observar como o cenário vazio de algumas cidades fazia lembrar o caso de Chernobyl, em que diversas espécies da fauna e da flora passaram a ocupar a cidade que os humanos construíram (Coman *et al.*, 2022).

¹⁰⁹ Informação na matéria da WCS Brasil, disponível em: <https://brasil.wcs.org/pt-br/WCS-Brasil/Noticias/ID/18381.aspx>. Acesso em: 26 jan. 2024.

Argentina.¹¹⁰ Os elefantes ganhavam espaço em notícias quando seus movimentos eram atravessados pelo encontro com humanos, seja na expansão das cidades em direção a seus territórios, seja em mobilizações para dar a eles espaços longe do concreto dos zoológicos e das exibições de circos. Essa atenção ao movimento (em contraste com a imobilidade que espaços de confinamento implicam) acompanhou o trabalho de campo que se seguiu e é uma inspiração para a escrita do texto.¹¹¹

As notícias diárias traziam um contexto curioso para etnografias multiespécies, primeiro pela presença física dos “bichos” pelas cidades, mas também pelo esforço de cientistas em compreender seus movimentos e determinar os efeitos dos (não)movimentos de humanos para uma infinidade de seres que compartilham a terra conosco. Dar atenção ao movimento dos elefantes me permitia criar uma imagem interessante para pensar o deslocamento entre temáticas, abordagens e até subáreas disciplinares.

Contaminação. Órgãos de saúde recomendavam a higienização não apenas de alimentos, mas também de embalagens de produtos que chegavam nos espaços de casa e de trabalho. A tentativa era de se proteger da contaminação do vírus que circulava “lá fora”. A consequência da contaminação era extensiva, o vírus que passava a se multiplicar dentro dos corpos tinham também a possibilidade de sobreviver em outras espécies, superfícies e objetos que nos circundavam.

Se internacionalmente as palavras de cientistas ganhavam um eco descomunal através da necessidade de difundir informações sobre o vírus que mudava o movimento de tantos seres, no Brasil o contexto ganhava contornos particulares. O contexto da pandemia trazia certas especificidades por aqui: um presidente que abertamente incentivava a dispersão do vírus ao reduzir sua seriedade e proporção, atrasava o acesso da população brasileira a medidas de segurança e a vacinas. Não era novidade que, entre *fake news* da extrema direita à época no poder no Brasil, cresciam argumentos contra científicos. O negacionismo climático e o terraplanismo são exemplos sérios de tais argumentos, e não demorou para que a refutação da ciência chegasse aos cuidados contra a transmissão do coronavírus e às vacinas. Paralelamente crescia nos programas de governo e entre seus ministros (quase todos homens)

¹¹⁰Notícia de Mariel Castro na seção “Animais” do National Geographic, disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/animais/2020/08/elefante-buenos-aires-transportado-santuario-mato-grosso-brasil-pandemia>. Acesso em: 26 jan. 2024.

¹¹¹ As conexões entre elefantes encontrados mortos em Botsuana, o movimento de elefantes na China e o transporte de Mara foram também percebidas pela artista visual Lucia Harari, que durante a pandemia coletou sonhos sobre elegantes e pintou seus movimentos. Sua obra “Siempre conduce una matriarca” (2022) ilustra a capa desta tese e mostra elefantes confundindo-se com a paisagem em seus movimentos.

uma propensão a expandir uma ciência voltada ao Mercado, gerida pelos interesses de empresas. Isso se fazia ver cotidianamente na redução de investimentos em setores da Universidade Pública que não se vinculavam diretamente às propostas do então Governo, entre eles as ciências sociais. Esse período trouxe uma necessidade de defesa da ciência, para lembrar o papel dela na construção de mundos plurais e possíveis (Morawska *et al.*, 2021).

As ruas não se enchiam só de “animais selvagens”. O movimento Black Lives Matter ocupava ruas e redes sociais de revolta após o assassinato sumário de George Floyd, um homem negro brutalmente morto nos Estados Unidos. As mortes pela polícia e pelos aparatos de devassa do patrimônio da branquitude no Brasil não eram um tema novo. Logo cartazes e *hashtags* de “vidas negras importam” eram acompanhadas pelas memórias de vidas tão jovens tiradas pela violência policial, como as de João Pedro, de 14 anos, e de Guilherme Silva Guedes, de 15 anos: “Nem fome, nem tiro, nem Covid: O povo negro quer viver”.¹¹² Esse chamado das ruas pela vida do povo negro era político. A pandemia colocava a corporalidade no centro do debate da contaminação, seja pela necessidade de cuidado para manter esse corpo em afastamento com o ar que circulava em outros corpos, de cuidado com o que se tocava, mas também pela visibilização de como os efeitos incidiam mais fortemente sobre certos corpos já fragilizados pela omissão do poder público.

A contaminação é uma imagem potente que no contexto da pandemia falava de agências que passam a compor nosso corpo e se multiplicar nele, uma imagem que se opõe à pureza e ao hermético. Faz retomar o que diz a escritora mineira Conceição Evaristo ao falar como de sua escrita como “profundamente contaminada pela minha condição de mulher negra. Quando eu me ponho a criar uma ficção, eu não me desvencilho daquilo que eu sou. As minhas experiências pessoais, as minhas subjetividades, o lugar social que eu pertenço, isso vai vazar na minha escrita de alguma forma”.¹¹³

Esse tipo de contaminação na escrita ficcional de Evaristo me instiga a pensar que contaminação ocorreria nas ficções persuasivas de minha prática antropológica¹¹⁴. Desejo

¹¹² Dizeres de um cartaz em protesto no Rio de Janeiro, em julho de 2020, imagem disponível em matéria da Revista Afirmativa: <https://revistaafirmativa.com.br/midias-negras-e-indigenas-comunicacao-em-defesa-da-vida/>. Acesso em: 12 jun. 2023. Outras informações disponíveis em: <https://brasildefatorj.com.br/2020/12/31/2020-o-ano-em-que-a-luta-antirracista-pautou-o-debate-publico-no-brasil-e-no-mundo>. Acesso em: 12 jun. 2023.

¹¹³ Matéria sobre Conceição Evaristo no Correio do Cidadão, disponível em: <https://www.correiodocidadao.com.br/curta/minha-escrita-e-contaminada-pela-minha-condicao-de-mulher-negra/>. Acesso em: 12 jun. 2023.

¹¹⁴ A prática que defendo aqui está em diálogo com a tendencia da intelectualidade negra de apontar a vivência como potente para a produção intelectual. Termos como escrivência de Conceição Evaristo (2017) e oralituras de Leda Maria Martins (2003) evidenciam esse aspecto.

fazer da prática antropológica um universo poroso às histórias que me circundaram. Em um país em que a ciência se voltava fortemente às ideias de um Mercado, era necessária uma defesa contundente de outro modelo de prática intelectual.

Nesses caminhos de *movimento* e *contaminações* compreendi a prática antropológica como um modo de fazer política. Um movimento deliberado, uma contaminação desejada. Se for ainda necessário justificar a relevância de uma abordagem deliberadamente política diria que ela se fundamenta na necessidade de recontar histórias muito purificadas. A memória de que antepassados de tanta gente ocupavam porões do navio é recente nas marcas da história escravagista. O tempo em que o embranquecimento foi política de Estado é também vivo nos corpos chamados de mulatos, uma referência a essa mistura impura de raças. Os zoológicos humanos nos anos do fim do século XIX também são vivos no que se conta como animal e como humano. Esperar que a corporalidade negra não atravesse a produção científica é esperar por uma ciência branca. São os episódios cotidianos (Kilomba, 2019) da história colonial que exigem um debate sobre racialidade que contamine as etnografias multiespécie, que as desloque da noção de humanidade branca na relação com animais não-humanos. Se na atualização cotidiana da animalização reside a pretensa incapacidade negra do pensamento, é também a partir dessa animalização que defendo um engajamento que deve ser suturado e intencionalmente mostrado com questões díspares. Porque afastar-se dessas conexões seria retificar a dupla ruptura que a história colonial criou (Ferdinand, 2022). O incômodo da reflexão sobre intelectualidade negra em um lugar em que se espera um movimento em direção ao estudo da ciência e da técnica é reflexo do habitar escravagista da terra (Ferdinand, 2022). Por fim, é pelo peso da história que é necessário lembrar de corpos que tombaram no mar, nas favelas, nas ruas.

A ciência não é isenta e a antropologia pode ocupar um lugar muito potente nesse debate. É porque esse tempo de urgência está tão vivo que é necessário falar dessas memórias, imaginando futuros que escapem da previsibilidade colonial. Cientistas nutriram por anos a alucinação de excepcionalidade da branquitude e desenharam o que seria a condição de humanidade nos registros de antropologia física, nas exposições etnográficas, nos zoológicos. Ao demarcar a intelectualidade negra e seu encontro com as histórias de elefantes pelo mundo, é preciso imaginar uma fuga que não seja para a Arca, mas para dentro do mundo relacional, composto por diversos seres.

O movimento que busquei nesta tese foi justamente o de instigar uma imaginação de futuro nutrida pela referência de quem viveu o fim do mundo e viu novos tempos através das

fugas, dos aquilombamentos, das resistências, das aproximações estratégicas, das revoltas, dos motins, dos levantes. Apenas diante do fim do mundo colonial que se pode ter a possibilidade de imaginar uma paisagem relacional que não mimetize os cenários do “habitar escravagista da terra” (Ferdinand, 2022). É pela luta, fuga, força, morte, dor, sangue, pele dos que vieram antes que posso imaginar um futuro que saia da inevitabilidade da maldição colonial.

As histórias de elefantes que compõem essa pesquisa tratam também do fim de mundos: riscos de extinção, perda de território, capturas, exposições, encarceramentos e abates. Os espaços em que eles vivem se cercavam do modo *plantation*, da forma como também anunciava essa história. No entorno do Santuário, algodão e cana ocupavam as estradas da Chapada dos Guimarães e do Rio da Casca na época de seca e eram substituídos por soja nos períodos úmidos. Em Sorocaba a estrada era cercada por indústrias e pasto. Mesmo no antigo Zoológico de Palermo, a *plantation* se fazia metaforicamente presente na cercania em que o edifício La Rural se levantava com eventos da agroindústria.¹¹⁵

Ainda, em uma narrativa em que o futuro de elefantes está ameaçado pelo abate, pela caça e pelo aprisionamento, a pergunta sobre o que os elefantes prefeririam parecia se encontrar com a inevitabilidade de futuro dos mitos cristãos. A Arca de Noé neste âmbito sempre parecerá a opção mais segura e mais desejável para quem tem cosmofofia (Santos, 2015).

No processo desta pesquisa, a resposta diante do fim do mundo foi a de tentar ir em outra direção para encontrar o atravessamento compartilhado da história colonial e um desejo comum. No documentário “Orí” (1989), a historiadora Beatriz Nascimento menciona que o quilombo é um “exercício do desejo de terra”¹¹⁶. A memória e o desejo de terra deslocaram a pesquisa desde um lugar colonial, o de olhar o mundo a partir do dorso do elefante, de cima, para ocupar uma posição insegura e frágil de acompanhar seu caminhar estando ao lado, cena que se repetiu no Santuário. A terra foi algo central em diferentes cenas etnográficas, era o que elefantes jogavam no corpo até ficarem tão alaranjados quanto o cerrado, era o que faltava em meio a pisos de concreto, era um meio de transmissão de comunicação na savana, era também onde cresciam cana, soja e capim nas cercanias. O exercício da prática intelectual negra aqui proposto foi uma tentativa de “esquecer no gesto”, como diz Nascimento (1989), a

¹¹⁵ O edifício “La Rural” é um símbolo da política conservadora que elegeu o político representante do negacionismo climático na Argentina, Javier Milei, em 2023. Conforme indica periódico âmbito: <https://www.ambito.com/economia/fuerte-apoyo-la-sociedad-rural-milei-va-sacarle-el-pie-encima-al-sector-agropecuario-n5892021>. Acesso em: 31 jan. 2024.

¹¹⁶ O documentário foi dirigido pela socióloga Raquel Gerber e conduzido a partir da narrativa e da trajetória de Beatriz Nascimento.

experiência colonial¹¹⁷. Buscar esse movimento trazia à tona ao mesmo tempo a necessidade de visitar a memória colonial como uma ferida tão particular de cada corpo quanto compartilhada entre diferentes espécies¹¹⁸. É também o “desejo de não ter vivido a experiência do cativo”¹¹⁹, desejo poderia ser revivido na história dos zoológicos. Quantas espécies cabem nas confluências (Santos, 2015)? Com quantas espécies se faz um aquilombamento? Esta tese experimenta confluências intelectuais na leitura e na escrita de corpos situados e contaminados pela condição de mulher negra, atravessadas por encontros acadêmicos que deram sentido à produção de pensamento como uma prática coletiva e compartilhada. Experimenta também aquilombamentos multiespécies, quando diferentes seres se fazem companheiros tanto nas memórias da violência colonial quanto no desejo de se fazer terra.

¹¹⁷ “Esquecer no gesto a experiência do cativo”, esse gesto aqui é a própria escrita imbuida de vivência e corporalidade, é um movimento, é uma prática de visitar memórias e criar uma imaginação de futuro, ou uma contra-imaginação de futuro.

¹¹⁸ Lelia Gonzalez (2020) associa a memória à restituição de uma história que não foi escrita. A memória aqui é visitada a partir de encontros multiespécie e da experiência do cativo e da exotização, do habitar colonial da terra, como experiências compartilhadas entre espécies muito distintas.

¹¹⁹ Trecho da obra cinematográfica *Orí*, de Beatriz Nascimento (direção de Raquel Gerber, 1989).

Referências Bibliográficas

- ADAM, Rachelle. **Elephant treaties**: The Colonial legacy of the biodiversity crisis. New England: UPNE, 2014.
- ADAMS, Jack; BERG, Judith K. Behavior of female African elephants (*Loxodonta africana*) in captivity. **Applied Animal Ethology**, v. 6, n. 3, p. 257-276, jul. 1980.
- AHUJA, Neel. Postcolonial Critique in a Multispecies World. **PMLA**, v. 124, n. 2, p. 556–63, 2009.
- ARCHIE, Elizabeth A.; HOLLISTER-SMITH, Julie; POOLE, Joyce H.; LEE, Phyllis C.; MOSS, Cynthia J.; MALDONADO, Jesús Eduardo; FLEISCHER, Robert C.; ALBERTS, Susan. Behavioural inbreeding avoidance in wild African elephants. **Molecular Ecology**, v. 16, n. 19, p. 4138-4148, 2007.
- ASAYAMA, Shinichiro; EMORI, Seita; SUGIYAMA, Masahiro; KASUGA, Fumiko; WATANABE, Chiho. Are we ignoring a black elephant in the Anthropocene? Climate change and global pandemic as the crisis in health and equality. **Sustainability Science**, v. 16, n. 2, p. 695-701, mar. 2021. DOI: 10.1007/s11625-020-00879-7.
- BAILÃO, André; PINHEIRO, Jamile; CABRAL DE OLIVEIRA, Joana; MARINI, Marisol; TADDEI, Renzo; MARRAS, Stelio. Entreviver – desafios cosmopolíticos contemporâneos. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 69, p. 13-23, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/145612>. Acesso em: 4 fev. 2024.
- BARUA, Maan. Volatile Ecologies: Towards a Material Politics of Human-Animal Relations. **Environment and Planning A: Economy and Space**, v. 46, n. 6, p. 1462-1478, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1068/a46138>.
- BATES, Lucy A.; SAYIAEL, Katito N.; NJIRAINI, Norah W.; MOSS, Cynthia J.; POOLE, Joyce H.; BYRNE, Richard W. Elephants classify human ethnic groups by odor and garment color. **Current Biology**, v. 17, n. 22, p. 1938-1942, nov. 2007.
- BATESON, Gregory. Problemas de comunicação entre cetáceos e outros mamíferos. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, v. 69, p. 465-477, 2018.
- BATESON, Gregory. **Steps to an Ecology of the Mind**. New York: Ballantine Books, 1972.
- BEKOFF, Marc. Increasing our compassion footprint: the animals’ manifesto. **Zygon®**, v. 43, n. 4, p. 771-781, 2008a.
- BEKOFF, Marc. Why “good welfare” isn’t “good enough”: minding animals and increasing our compassionate footprint. **Annual Review of Biomedical Sciences**, v. 10, p. T1-T14, 2008b.
- BEKOFF, Marc. **Minding animals**: Awareness, emotions, and heart. Nova York: Oxford University Press, 2002.
- BOULEY, Paola; PAULO, Antonio; ANGELA, Mercia; DU PLESSIS, Cole; MARNEWECK, David G. The successful reintroduction of African wild dogs (*Lycaon pictus*) to Gorongosa National Park, Mozambique. **PLoS ONE**, v. 16, n. 4, 2021.
- BRADSHAW, Gary A.; SCHORE, Allan N.; BROWN, Janine L.; POOLE, Joyce H.; MOSS, Cynthia J. Elephant breakdown. **Nature**, v. 433, n. 807, fev. 2005.

BRANCO, Paola S. **The elephants of Gorongosa: an integrated approach to conservation and conflict mitigation in the shadow of the war.** Theses and Dissertations Collection, University of Idaho Digital Collections, 2018. Disponível em: https://www.lib.uidaho.edu/digital/etd/items/stramandinolibranco_idaho_0089n_11364.html. Acesso em: 1 fev. 2024.

BROSNAN, Sarah F. Nonhuman species' reactions to inequity and their implications for fairness. **Social Justice Research**, v. 19, n. 2, p. 153-185, 2006.

BUSS, Irven O. Some Observations on Food Habits and Behavior of the African Elephant. **The Journal of Wildlife Management**, v. 25, n. 2, p. 131-148, abr. 1961.

BUSS, Irven O.; JOHNSON, Oscar. W. Relationships of leydig cell characteristics and intratesticular testosterone levels to sexual activity in the African elephant. **The Anatomical Record**, v. 157, n. 2, p. 191-196, fev. 1967.

BUSS, Irven O.; SMITH, Norman S. Observations on Reproduction and Breeding Behavior of the African Elephant. **The Journal of Wildlife Management**, v. 30, n. 2, p. 375-388, abr. 1966.

BYRNE, Richard W.; BATES, Lucy A.; LEE, Phyllis C.; NJIRAINI, Norah W.; POOLE, Joyce H.; SAYIAEL, Katito N.; SAYIAEL, Soila.; MOSS, Cynthia J.; Do elephants show empathy? **Journal of Consciousness Studies**, v. 15, n. 10, p. 204-225, 2008.

CABRAL, João de Pina. Crises de fraternidade: literatura e etnicidade no Moçambique pós-colonial. **Horizontes Antropológicos**, v. 11, n. 24, p. 229-253, jul. 2005.

CAMPBELL-STATON, Shane C.; ARNOLD, Brian J.; GOLÇALVES, Dominique; POOLE, Joyce H.; LONG, Ryan A.; PRINGLE, Robert M. Ivory poaching and the rapid evolution of tusklessness in African elephants. **Science**, Nova York, v. 374, n. 6566, p. 483-487, out. 2021.

CAMPOS-ARCEIZ, A.; DE DA TORRE, J.A.; WEI, K.; WU, X. O.; ZHANG, Y.; ZHU, Y., et al. China's wandering elephants: Integrating exceptional movements into conservation planning. **Integrative Conservation**, v. 1, p.40–51. 2022

CAMPOS, Ana Cecília. O. **Entre papéis e bichos: a expertise das ciências biológicas no licenciamento ambiental e na produção científica.** 2018. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/11023>. Acesso em: 1 nov. 2022.

CAMPOS, Ana Cecília. **Memória De Elefante: a Biografia Do Santuário De Elefantes Brasil e as Memórias De Pessoas Não Humanas.** **Ponto Urbe**, 2021.

CAMPOS, Josilene S. A Literatura como espaço de memória: O caso de Moçambique. **Revista Eletrônica Discente História.com**, v. 2, n. 3, p. 61-74, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufrb.edu.br/index.php/historiacom/article/view/148>. Acesso em: 1 nov. 2022.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil.** São Paulo: Selo Negro, 2011.

CASTRO, Rosana. Pele negra, jalecos brancos: racismo, cor(po) e (est)ética no trabalho de campo antropológico. **Revista de Antropologia**, v. 65, n. 1, 2022. <https://doi.org/10.11606/1678-9857.ra.2022.192796>.

Castro, Eduardo Viveiros de and Danowski, Déborah. 6. HUMANS AND TERRANS IN THE GAIA WAR. **A World of Many Worlds**, edited by Marisol de la Cadena and Mario Blaser, New York, USA: Duke University Press, pp. 172-204. 2018, <https://doi.org/10.1515/9781478004318-008>

CHASE, Michael. J. *et al.* Continent-wide survey reveals massive decline in African savannah elephants. **PeerJ**, v. 4, p. e2354, ago. 2016. DOI: <https://doi.org/10.7717/peerj.2354>.

CHAKRABARTY, Dipesh. **The Anthropocene and the convergence of histories**. See Ref. 118, p. 44–56, 2016

CHATTERJEE, Nilanjana das. **Man-Elephants Conflict: a Case Study from Forests in West Bengal, India**. Cham: Springer, 2016.

CHIN, Matthew G.; SIMS, Valerie K.; LUM, Heather C.; RICHARDS, Mary C. Relating low perceived control and attitudes toward animal training: An exploratory study. **Anthrozoös**, v. 21, n. 3, p. 257-269, abr. 2008.

CIOC, Mark. **The game of conservation: International treaties to protect the world's migratory animals**. Athens: Ohio University Press, 2009.

CORREA, Sílvio Marcus de Souza. Evicção da fauna bravia: medida radical de saneamento na África colonial. **Revista de Ciências Humanas**, Viçosa, v. 14, p.410-422, jul./dez. 2014.

CORREA, Sílvio Marcus de Souza. Caça e preservação da vida selvagem na África Colonial. **Esboços: histórias em contextos globais**, Florianópolis, v. 18, n. 25, p. 164-183, ago. 2011.

CORREIA, Marta; TIMÓTEO, Sérgio; RODRÍGUEZ-ECHEVERRÍA, Susana; MAZARS-SIMON, Alban. Refaunation and the reinstatement of the seed-dispersal function in Gorongosa National Park. **Conservation Biology**, v. 31, n. 1, p. 76-85, jun. 2016.

CREADO, Eliana S. J. **As tartarugas falam?** Proliferando agências e vínculos entre humanos e não humanos, dentro e fora de um laboratório. In: **Reunião Brasileira de Antropologia** - Diálogos Antropológicos expandindo fronteiras, n. 29, 2014, Natal-RN. Anais 29a. Reunião Brasileira de Antropologia - Diálogos Antropológicos expandindo fronteiras, v. 1, 2014.

CREADO, Eliana S. J. **Relatório Científico II**. Período: outubro de 2009/abril de 2010/setembro de 2010. Processos FAPESP: 2009/00542-2 / 2007/59837-6. 2010.

CREADO, Eliana S. J.; CRIZIO, Clara; FREITAS, Pedro Lukas T. de. Ambientalismo, tecnociência e espécies emblemáticas: algumas reflexões a partir de elefantes africanos, tartarugas marinhas e seus porta-vozes. In: BEVILAQUA, Ciméa Barbato; VANDER VELDEN Felipe (org.). **Parentes, vítimas, sujeitos: perspectivas antropológicas sobre relações entre humanos e animais**. Curitiba; São Carlos: Editora UFPR; EdUFSCar, v. 1, 2015.

CRUTZEN PJ, STOEMER EF. The Anthropocene. *Glob. Chang. News*. v. 41, p. 17–18, 2000.

DARWIN, Charles; PRODGER, Phillip. **The expression of the emotions in man and animals**. Introdução, Posfácio e Comentários por Paul Ekman. New York: Oxford University Press, 1998.

DAVEY, Gareth. Visitor behavior in zoos: A review. **Anthrozoös**, v. 19, n. 2, p. 143-157, 2006.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEACON, Terrence. W. What makes the human brain different? **Annual Review of Anthropology**, v. 26, p. 337-357, 1997.

DE LA CADENA, Marisol. Naturaleza disociadora. **Boletín De Antropología**, v. 31(52), p. 253-263, 2016

DERHAM, Tristan; MATHEWS, Freya. Elephants as refugees. **People and Nature**, v. 2, n. 1, p. 103-110, mar. 2020.

DERRIDA, Jacques. **O animal que logo sou**. São Paulo: Unesp, 2002.

DOUGLAS-HAMILTON, Iain. Lake Manyara Elephant Ecology and Behaviour Study. **Serengeti Research Institute Annual Report**. 1967.

DOUGLAS-HAMILTON, Iain. The Lake Manyara elephant problem. **Tanzania National Parks**, 1969.

ELEPHANTVOICES. **Gorongosa Elephant Project**. 2017. Disponível em: <https://www.elephantvoices.org/studies-a-projects/gorongosa-elephant-project.html>. Acesso em: 1 fev. 2024.

EVANS-PRITCHARD, Edward E. **Os Nuer**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2007.

EVANS, Lauren A.; ADAMS, William M. Elephants as actors in the political ecology of human-elephant conflict. **Transactions of the Institute of British Geographers**, v. 43, n. 4, p. 630-645, dez. 2018.

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. 200p. Rio de Janeiro: Pallas. 2017.

FAUSTO, Juliana. **A cosmopolítica dos animais**. 2017. Tese (Doutorado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017

FERDINAND, Malcom. **Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

FONSECA, Pedro Manuel T. D. C. da. **Construção de um produto turístico de safaris no Parque Nacional da Gorongosa**. Dissertação (Mestrado em Turismo) – Especialização em turismo de natureza e aventura, Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril, Estoril, Portugal, 2013.

GAMBLE, Clive. The anthropology of deep history. **The Journal of the Royal Anthropological Institute**, v. 21, n. 1, p. 147-164, mar. 2015.

GARRELS, Elizabeth. Sobre indios, afroamericanos y los racismos de Sarmiento. **Revista Iberoamericana**, v. 63, n. 178-179, p. 99-113, jan./jun. 1997.

GARSTANG, Michael. Long-distance, low-frequency elephant communication. **Journal of Comparative Physiology A**, v. 190, n. 10, p. 791-805, nov. 2004.

GAYNOR, Kaitlyn M. *et al.* Effects of human settlement and roads on diel activity patterns of elephants (*Loxodonta africana*). **African Journal of Ecology**, v. 56, n. 4, p. 872-881, 2018.

GEERTZ, Clifford. Um Jogo Absorvente: Notas sobre a Briga de Galo Balinesa. In: **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GILLESPIE, Kathryn; COLLARD, Rosemary-Claire (org.). **Critical Animal Geographies: Politics, Intersections and Hierarchies in a Multispecies World**. New York: Routledge, 2015.

GOMES, Miriam Victoria, **La presencia negroafricana en la Argentina. Pasado y permanencia**, Bibliopress, A 5, N. 9, Buenos Aires, Argentina, Biblioteca del Congreso de la Nación (BCN), 2002.

GONÇALVES, Dominique D. C. **Living with Giants**: Implications of elephant habitat choice on human-elephant conflict and coexistence. 2023. Tese (Doutorado em Filosofia) – Durell, Institute of Conservation and Ecology, University of Kent, 2023.

GOODALL, Jane. **My life with the chimpanzees**. Editora: Aladdin. 1996.

GOODALL, Jane. **In the Shadow of man**. Boston: Houghton Mifflin Company. 1988.

GOULD, S. J. Desde Darwin Reflexiones sobre Historia Natural. Hermann Blume Ediciones, Madrid. 1983, 313 pp.

GROSS, Rachael B.; HEINSOHN, Robert. Elephants Not in the Room: Systematic Review Shows Major Geographic Publication Bias in African Elephant Ecological Research. **Diversity**, v. 15, n. 3, p. 451, mar. 2023.

GUBBI, Sanjay; SWAMINATH, M.H.; POORNESHA, Heruru C.; BHAT, Rashmi. An elephantine challenge: human-elephant conflict distribution in the largest Asian elephant population, southern India. **Biodiversity and conservation**, v. 23, n. 3, p. 633-647, 2014.

GURUSAMY, Vivek; TRIBE, Andrew; TOUKHSATI, Samia; PHILLIPS, Clive J. C. Public attitudes in India and Australia toward elephants in zoos. **Anthrozoös**, v. 28, n. 1, p. 87-100, 2015.

GUYTON, Jennifer. A. **Ecology, Conservation, and Diversity of Mammal Communities in an African Ecosystem Recovering from Civil War**. Tese (Doutorado em Ecologia) – Ecology and Evolutionary Biology Department, Princeton University, 2018.

HARAWAY, Donna. **Quando as espécies se encontram**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

HARAWAY, Donna. **O manifesto das espécies companheiras** – Cachorros, pessoas e alteridade significativa. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

HARAWAY, Donna. **Staying with the trouble**: Making kin in the Chthulucene. Durham: Duke University Press, 2016.

HARAWAY, Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. Trad. Susana Dias, Mara Verônica e Ana Godoy. **ClimaCom – Vulnerabilidade** [Online], Campinas, ano 3, n. 5, 2016b. Available from: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/antropoceno-capitaloceno-plantationoceno-chthuluceno-fazendo-parentes/>

HARAWAY, Donna. Anthropocene, Capitalocene, Plantationocene, Chthulucene: Making Kin. **Environmental Humanities**, v. 6, n. 1, p. 159-165, mai. 2015. doi: <https://doi.org/10.1215/22011919-3615934>.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 5, p. 7-41, 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 3 fev. 2024.

HARIS, Susan. Subalterns in the House: Sites for a Postcolonial Multispecies Ethnography. **Ecozon@**. v. 13, n. 2, p. 6-25, 2022.

HART, Lynette. A. Tourists' effects on drivers of working Asian elephants. **Anthrozoös**, v. 10, n. 1, p. 47-49, 1997.

HINES, Matthew; GLATZER, Gregory; GHOSH, Shreya; MITRA, Prasenjit. **Analysis of Elephant Movement in Sub-Saharan Africa: Ecological, Climatic, and Conservation Perspectives**. In: **ACM SIGCAS/SIGCHI Conference on Computing and Sustainable Societies**, v. 6, 2023, Nova York. Anais COMPASS 23. New York: Association for Computing Machinery, 2023.

HOLLISTER-SMITH, Julie A. *et al.* Age, musth and paternity success in wild male African elephants, *Loxodonta africana*. **Animal Behaviour**, v. 74, n. 2, p. 287-296, ago. 2007.

hooks, b. **Eu não sou uma mulher?: Mulheres negras e feminismo**. Rio de Janeiro. Rosa dos tempos, 2020.

HOSEY, Geoff; BIRKE, Lynda; SHAW, Wendy S.; MELFI, Vicky. Measuring the strength of human-animal bonds in zoos. **Anthrozoös**, v. 31, n. 3, p. 273-281, mai. 2018.

HUANG, Wei.; CHEN, Wenhui. An Analysis of an Ecological-Economic Model of Asian Elephant Population Development under the Influence of Human Disturbance. **Sustainability**, v. 15, n. 8, p. 6910, jan. 2023.

IGOE, Jim. **The nature of spectacle: on images, money, and conserving capitalism**. Tucson: The University of Arizona Press, 2017.

IMAN JACKSON, Zakiyyah. **Becoming Human: Matter and Meaning in an Antiracist World**. Nova York: NYU Press, 2020.

INGOLD, Tim. Humanidade e animalidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 28, n. 10, p. 39-54, 1995.

IRIE, Naoko; HASEGAWA, Toshikazu. Elephant psychology: What we know and what we would like to know. **Japanese Psychological Research**, v. 51, n. 3, p. 177-181, set. 2009.

IRNI, Kuura, AAVIK, Kadri; JOKI, Milla-Maria. Introduction: Critical Feminist Animal and Multispecies Studies. In: IRNI, Kuura, AAVIK, Kadri; JOKI, Milla-Maria (org.). **Feminist Animal and Multispecies Studies: Critical Perspectives on Food and Eating**. Leiden: Brill, 2023.

JARIĆ, Ivan; NORMANDE, Iran C.; ARBIEU, Ugo *et al.*. Flagship individuals in biodiversity conservation. **Frontiers in Ecology and the Environment**, v. 22, n. 1, p. 1-8, fev. 2024.

JIANG, Luguang; LIU, Ye; XU, Haixia. Losing the Way or Running Off? An Unprecedented Major Movement of Asian Elephants in Yunnan, China. **Land**, v. 12, n. 2, p. 460, fev. 2023.

JIM, Hoi-Lam *et al.* Investigating Indirect and Direct Reputation Formation in Asian Elephants (*Elephas maximus*). **Frontiers in psychology**, v. 11, jan. 2021.

KERSEBOOM, Simone. Grandmother-martyr-heroine: Placing Sara Baartman in South African post-apartheid foundational mythology. **Historia**, Durban, v.56, n.1, p. 63-76, mai. 2011.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

KIRKSEY, S. Eben; HELMREICH, Stefan. The emergence of multispecies ethnography. **Cultural Anthropology**, v. 25, n. 4, p. 545-576, nov. 2010.

KOFES, Suely. Narrativas biográficas: que tipo de antropologia isso pode ser? In: KOFES, Suely; MANICA, Daniela (org). **Vidas & Grafias**. Narrativas antropológicas: entre biografia e etnografia. Rio de Janeiro: Ed. Lamparina, 2015.

KOHN, Eduardo. **How forests think**: toward an anthropology beyond the human. Berkeley: University of California Press, 2013.

KREGER, Michael D.; MENCH, Joy. A. Visitor-Animal interactions at the zoo. **Anthrozoös**, v. 8, n. 3, p. 143-158, set. 1995.

KULICK, Don. Human-animal communication. **Annual Review of Anthropology**, v. 46, n. 1, p. 357-378, out. 2017.

LATOUR, Bruno. **Cara a cara con el planeta**: Una nueva mirada sobre el cambio climático alejada de las posiciones apocalípticas. Siglo XXI. 2019

LATOUR, Bruno. Another way to compose the common world. **HAU: Journal of Ethnographic Theory**, v. 4, n. 1, p. 301-307, 2014.

LATOUR, Bruno, et al. Para Distinguir Amigos e Inimigos No Tempo Do Antropoceno. **Revista de Antropologia**, v. 57, n. 1, p. 11–31. 2014b.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

LEAL, Claudia. Wild and trapped: a history of Colombian zoos and its revelations of animal fortunes and State entanglements, 1930s-1990s. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 28, p. 81-101, dez. 2021.

LEÃO, Daniela Sales de Souza; MARIA, Gláucia Santos de; SANTOS, Thiago (org.). Dossiê Humanos e Não-humanos. **REIA - Revista de Estudos e Investigações Antropológicas**, Recife, ano 3, Volume Especial I, p. 1-139, 2016.

LÉVI-STRAUSS, Claude. A ciência do concreto. In: LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. São Paulo: Ed. Nacional, 1970.

LEVI, Margarida J. A. **O turismo e desenvolvimento sustentável**: contributos do Turismo de Natureza no desenvolvimento do Parque Nacional da Gorongosa. 2012. Dissertação (Mestrado em Turismo) – Gestão Estratégica de Empresas Turísticas, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2012.

LOCKE, Piers. Elephants as persons, affective apprenticeship, and fieldwork with nonhuman informants in Nepal. **HAU: Journal of Ethnographic Theory**, v. 7, n. 1, p. 353-376, 2017.

LORDE, Audre. **Irmã Outsider**: Ensaios e Conferências. 1. ed. 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

LOWE, Celia; MÜSTER, Ursula. The Viral Creep: Elephants and Herpes in Times of Extinction. **Environmental Humanities**, v. 8, n. 1, p. 118-142, mai. 2016.

MACHADO, Andressa da Silva. Desventuras do Pós-independência em Moçambique: nacionalismo, guerra civil e memória coletiva. **Revista Discente Offícios de Clio**, Pelotas, v. 5, n. 9, p. 55-65, 2020.

MALHI, Yadvinder. The Concept of the Anthropocene. **Annual Review of Environment and Resources**, v 42, p. 77-104, 2017

MARRAS, Stelio. Virada animal, virada humana: outro pacto. **Scientiae studia**, v. 12, n. 2, p. 215-260, jun. 2014.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar**: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021

MARTINS, Leda Maria. **Performances da oralitura**: corpo, lugar da memória. *Letras*, v. 26, p. 63–81, 2003.

MAUST-MOHL, Maria; FRASER, John; MORRISON, Rachel. Wild minds: What people think about animal thinking. *Anthrozoös*, v. 25, n. 2, p. 133-147, 2012.

McCOMB, Karen *et al.* Leadership in elephants: the adaptive value of age. **Proceedings of the Royal Society B: Biological Sciences**, v. 278, n. 1722, p. 3270-3276, mar. 2011.

McGOWAN, Jennifer *et al.* Conservation prioritization can resolve the flagship species conundrum. **Nature Communications**, v. 11, n. 1, p. 994, fev. 2020.

MEDEIROS, Eduardo. **Elefantes, Rinocerontes e outras espécies**: Veredas da exterminação, Prazeres estranhos e negócios fabulosos. Porto: Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto, 2017.

MENESES, Maria Paula. Moçambique: entre a narrativa histórica oficial e as memórias plurais. **Nômadás**, Coimbra, n. 53, p. 13-31, 2020.

MENESES, Maria Paula. Silenciamentos de lutas em Moçambique: os jornais O Africano/Brado Africano como espaços de reivindicação de cidadania. **Caligrama**: Revista de Estudos Românicos, v. 24, n. 1, p. 11-32, 2019.

MIRANDA, Camila Fontenele de. **Só a água sustenta o nosso peso**. Dissertação de Mestrado em Estudos da Condição Humana. Universidade Federal de São Carlos. 2022

MITCHELL, Robert W. A Cultural History of Animals (6 Volumes), *Anthrozoös*, v. 22, n. 3, p. 295-306, 2009.

MOL, Annemarie; LAW, John. Regions, networks and fluids: anaemia and social topology. **Social Studies of Science**, v. 24, n. 4, p. 641-671, nov. 1994.

MONTEZ, Duarte; LENG, A. Status of Asian elephant and Human-elephant conflict (HEC) in Asia: A brief and updated review. **Journal of Nature and Applied Research**, v. 1, n. 1, p.28-35, 2021. Disponível em: <https://ssrn.com/abstract=3934782>. Acesso em: 1 fev. 2024.

MORAWSKA, Catarina; CAMPOS, Ana Cecília; CARDOSO, Bruno Campos; PAULINO, Carlos. A Transversalidade entre Ciências Sociais e Áreas Tecnológicas: por uma ecologia das práticas na política científica nacional. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. V. 36, n. 107, p. e3610704, 2021.

MULLIN, Molly H. Mirrors and windows: sociocultural studies of human-animal relationships. **Annual Review of Anthropology**, v. 28, p. 201-224, out. 1999.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: BRANDÃO, André Augusto (org.). **Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira**. Niterói: EdUFF, 2004.

NANCE, Susan. **Animal Modernity**: Jumbo the Elephants and the Human Dilemma. Londres: Palgrave Macmillan, 2015.

NAVEH, Danny; BIRD-DAVID, Nurit. How persons become things: economic and epistemological changes among Nayaka hunter-gatherers. **Journal of the Royal Anthropological Institute**, v. 20, n. 1, p. 74-92, mar. 2014.

PETITT, Andrea. Conceptualizing the Multispecies Triad: Toward a Multispecies Intersectionality. **Feminist Anthropology**, v. 4, n. 1, p. 23-37, mai. 2023.

POOLE, Joyce H. Signals and Assessment in African Elephants: Evidence from Playback Experiments. **Animal Behaviour**, v. 58, n. 1, p. 185-193, jul. 1999.

POOLE, Joyce H. Announcing Intent: the Aggressive State of Musth in African elephants. **Animal Behaviour**, v. 37, n. 1, p. 140-152, jan. 1989a.

POOLE, Joyce H. Mate guarding, Reproductive Success and Female Choice in African Elephants. **Animal Behaviour**, v. 37, n. 5, p. 842-849, mai. 1989b.

POOLE, Joyce H. Rutting Behavior in African Elephants: the Phenomenon of Musth. **Behaviour**, v. 102, n. 3-4, p. 283-316, set. 1987.

POOLE, Joyce H. *et al.* A culture of aggression: the Gorongosa elephants' enduring legacy of war. **Pachyderm**, v. 64, p. 37-62, 21 nov. 2023.

POOLE, Joyce H. *et al.* Elephants are capable of vocal learning. **Nature**, v. 434, p. 455-456, 2005.

POOLE, Joyce H. *et al.* The social contexts of some very low frequency calls of African elephants. **Behavioral Ecology and Sociobiology**, v. 22, n. 6, p. 385-392, 1988.

POOLE, Joyce H.; GRANLI, Petter. The Gorongosa elephants through war and recovery: Tusklessness, population size, structure and reproductive parameters. **Pachyderm**, v. 63, p. 38-54, dez. 2022.

POOLE, Joyce H.; MOSS, Cynthia J. Musth in the African Elephant, *Loxodonta africana*. **Nature**, v. 292, p. 830-831, ago. 1981.

POULSEN, John R. *et al.* Long Distance Seed Dispersal by Forest Elephants. **Frontiers in Ecology and Evolution**, v. 9, p. 789264, dez. 2021.

PURDON, Andrew *et al.* Partial migration in savanna elephant populations distributed across southern Africa. **Scientific Reports**, v. 8, p. 11331, jul. 2018.

REES, Paul A. **Elephants Under Human Care: The Behaviour, Ecology, and Welfare of Elephants in Captivity**. Londres: Elsevier, 2021.

RIBEIRO, Magda Santos. Por uma biografia das coisas: a vida social da marca Havaianas e a invenção da brasilidade. **Etnográfica**, Lisboa, v. 17, n. 2, p. 341-367, 2013.

ROBERTSON, Paul; POLLARO, Paul. Ancient Greco-Roman Views of Ecology, Sustainability, and Extinction: Aristotle, Stoicism, Pliny the Elder on Silphium, the modern legacy in Cuvier, Humboldt, Darwin, and beyond. In: HUFNAGEL, Levente (org.). **Ecotheology: Sustainability and Religions of the World**. Londres: IntechOpen, 2023.

ROOKS, Timothy. Parque Nacional da Gorongosa: uma história de sucesso. MídiaTeCa. **Deutsche Welle (DW)**, 25 de novembro de 2017. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/parque-nacional-da-gorongosa-uma-história-de-sucesso/g-41528833>. Acesso em: 1 fev. 2024.

ROTHFELS, Nigel. **Savages and Beasts: The Birth of the Modern Zoo**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2002.

RUTHERFORD, Lucy; MURRAY, Lindsay E. Personality and Behavioral Changes in Asian Elephants (*Elephas maximus*) Following the Death of Herd Members. **Integrative Zoology**, v. 16, n. 2, p. 170-188, mar. 2021.

SÁ, Guilherme. Outra espécie de companhia. Intersubjetividade entre primatólogos e primatas. **Anuário Antropológico**, Brasília, v. 37, n. 2, p. 77-110, 2012.

SAHLINS, Marshall. **Cultura e Razão Prática**: dois paradigmas da teoria antropológica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

SANTOS, Antônio Bispo. **Colonização, Quilombos**: modos e significações. Brasília: INCTI; UnB; INCT; CNPq; MCTI, 2015.

SANTUÁRIO DE ELEFANTES BRASIL. Missão. 2016. Disponível em: <http://santuariodeelefantes.org.br/missao/>. Último acesso em: 26 mar. 2019.

SANTUÁRIO DE ELEFANTES BRASIL. O Santuário. 2018. Disponível em: <http://santuariodeelefantes.org.br/o-santuario/>. Último acesso em: 30 mar. 2019.

SCARAMUZZI, Igor. Arte de “arremedar”: atos de criação entre humanos e animais no Alto Trombetas (Pará, Brasil). **Etnográfica**, Lisboa, v. 23, n. 1, p. 69-86, 2019.

SILVA, Maria Caldeira da; FRAZÃO-MOREIRA, Amélia. Coleccionistas, turistas e outros supostos predadores. In: SILVA, Maria Caldeira da; SARAIVA, Clara. **As Lições de Jill Dias**: Antropologia, História, África e Academia. Lisboa: CRIA, 2013. p. 112-136.

SILVA, Suelen de Aguiar. Desvelando a Netnografia: um guia teórico e prático. **Intercom**, Rev. Bras. Ciênc. Comun., São Paulo, v. 38, n. 2, p. 339-342, dez. 2015.

SIMÕES, Catarina. Cinema, fotografia e vídeo no arquivo de Moçambique. A reapropriação como alternativa à preservação das imagens em perigo de desaparecimento. In: LOPES, Frederico; CUNHA, Paulo; PENAFRIA, Manuela (org.). **Cinema em Português**. X Jornadas. Covilhã: Editora LabCom, 2017. p. 37-49.

SLOTOW, Rob et al. Older Bull Elephants Control Young Males. **Nature**, v. 408, p. 425-426, 2000.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: Ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

STALMANS, Marc E. *et al.* War-induced collapse and asymmetric recovery of large-mammal populations in Gorongosa National Park, Mozambique. **PLoS ONE**, São Francisco, v. 14, n. 3, p. e0212864, mar. 2019.

STENGERS, Isabelle. **No Tempo das Catástrofes**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

STENGERS, Isabelle. **Cosmopolitics**, Vol. 1. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2010.

STENGERS, Isabelle. **A invenção das ciências modernas**. São Paulo: Editora 34, 2002.

STEPAN, Nancy Leys. **A hora da eugenia**: raça, gênero e nação na América Latina. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

STRATHERN, Marilyn. **O efeito etnográfico e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

STRAUSS, Eric G.; RISTAU, Carolyn A. The Case for Conservation in the Age of the Anthropocene. In: FINE, Aubrey H. *et al.* (org.). **The Routledge International Handbook**

of Human-Animal Interactions and Anthrozoology. Nova York: Routledge, 2023. p. 421-437.

SU, Kaiwen *et al.* Human-Elephant Conflicts and Villagers' Attitudes and Knowledge in the Xishuangbanna Nature Reserve, China. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, Basel, v. 17, n. 23, p. 8910, jan. 2020.

SÜSSEKIND, Felipe. A onça-pintada e o gado branco. **Anuário Antropológico**, Brasília, v. 37, n. 2, p. 111-134, 2018.

SZCZYGIELSKA, Marianna. Elephant Empire: Zoos and Colonial Encounters in Eastern Europe. **Cultural Studies**, v. 34, n. 5., p. 789-810, jun. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1080/09502386.2020.1780280>

TADDEI, Renzo. **Meteorologistas e Profetas da Chuva**: conhecimentos, práticas e políticas da atmosfera. São Paulo: Terceiro Nome, 2017.

TSHIPPA, Arnold *et al.* Partial migration links local surface-water management to large-scale elephant conservation in the world's largest transfrontier conservation area. **Biological Conservation**, v. 215, p. 46-50, nov. 2017.

TSING, Anna. Unruly Edges: Mushrooms as Companion Species: For Donna Haraway. **Environmental Humanities**, v. 1, n. 1, p. 141-154, 2012.

TSING, Anna. **Viver nas ruínas**: paisagens multiespécies no Antropoceno. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

VAN DE WATER, Antoinette *et al.* The value of elephants: A pluralist approach. **Ecosystem Services**, v. 58, p. 101488, dez. 2022.

VANDER VELDEN, Felipe F. *et al.* (org.). Dossiê Socioanimalidades Plurais. **Revista Florestan**, São Carlos, n.7, p. 1-209, 2019.

VASTA, Marina Celeste. **Viaje pintoresco y excursión científica**: El Jardín Zoológico de Buenos Aires (1888-1924). Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires/ Instituto de Arte Americano e Investigaciones Estéticas "Mario J. Buschiazzi", 2019.

VASTA, Marina Celeste. De "adorno utilíssimo" a "paraíso de los niños": la especie Jardín Zoológico a través de la evolución del ejemplar en Buenos Aires. **Registros**: Revista De Investigación Histórica, v. 13, n. 2, p. 46-62, jul./dez. 2017.

VERNAL, Javier; ALBUQUERQUE, Letícia; MEDEIROS, Fernanda (org.). Dossiê: Animais não humanos: um olhar contemporâneo. **INTERthesis**, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 1-129, jan./jun. 2015.

VIANNA, Beto; MAIA, Ugo. Dossiê Socialidades Interspecíficas: Os Outros Sócios dos Humanos. **Ambivalências**, Aracajú, v. 5, n. 10, p. 4-21, jul-dez/2017.

VIGLIO, José Eduardo; FERREIRA, Lúcia da Costa. O conceito de ecossistema, a ideia de equilíbrio e o movimento ambientalista. **Caderno Eletrônico de Ciências Sociais**, Vitória, v. 1, n. 1, p. 1-17, 2013.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

WANG, Haijun *et al.* What triggered the Asian elephant's northward migration across southwestern Yunnan? **Innovation**, Cambridge, v. 2, n. 3, p. 100142, jul. 2021.

WIERUCKA, Kaja; HENLEY, Michelle D.; MUMBY, Hannah S. Acoustic cues to individuality in wild male adult African savannah elephants (*Loxodonta africana*). **PeerJ**, v. 9, p. e10736, jan. 2021.

WOODS, Barbara. Good zoo/bad zoo: Visitor experiences in captive settings. **Anthrozoös**, v. 15, n. 4, p. 343-360, 2002.

WOODS, Rebecca J. H. Anticipating Extinction: Mammoths, Elephants, and the Late 19th-Century Ivory Trade. *In*: SCHLIEPHAKE, Christopher; ZEMANEK, Evi (org.). **Anticipatory Environmental (Hi)Stories from Antiquity to the Anthropocene**. Londres: Rowman & Littlefield, 2023. p. 143-154.

WWF. **Living Planet Report 2022** – Building a naturepositive society. Almond, R.E.A.; Grooten, M.; Juffe Bignoli, D.; Petersen, T. (org.). Gland: WWF. Disponível em: https://www.flpr.awsassets.panda.org/downloads/lpr_2022_full_report.pdf. Acesso em: 23 jan. 2024.